



UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DO PARÁ
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA PÓS-GRADUAÇÃO E INOVAÇÃO
TECNOLÓGICA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA SOCIEDADE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS DA SOCIEDADE
MESTRADO ACADÊMICO EM CIÊNCIAS DA SOCIEDADE

FABIANA GOMES FÁBIO

JUDEUS EM ÓBIDOS-PA: imigração, história e resignificação

SANTARÉM-PARÁ
2019

FABIANA GOMES FÁBIO

JUDEUS EM ÓBIDOS-PA: imigração, história e ressignificação

Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-graduação em Ciências da Sociedade (PPGCS) como requisito parcial para obtenção do título de mestre em Ciências da Sociedade, pela Universidade Federal do Oeste do Pará.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Lilian Rebellato

SANTARÉM-PARÁ
2019

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Sistema Integrado Bibliotecas – SIBI/UFOPA**

-
- F119j Fábio, Fabiana Gomes
Judeus em Óbidos-PA: imigração, história e ressignificação / Fabiana Gomes Fábio. – Santarém : UFOPA, 2019.
128 f.: il.
Inclui bibliografias.
- Orientadora: Lilian Rebellato
Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Oeste do Pará, Pró-Reitoria de Pesquisa, Pós-Graduação e Inovação Tecnológica, Programa de Pós-Graduação em Ciências da Sociedade.
1. Judeus. 2. Imigração. 3. História. 4. Memória. I. Rebellato, Lilian, *orient.*
II. Título.

CDD: 23 ed. 305.89240811

FABIANA GOMES FÁBIO

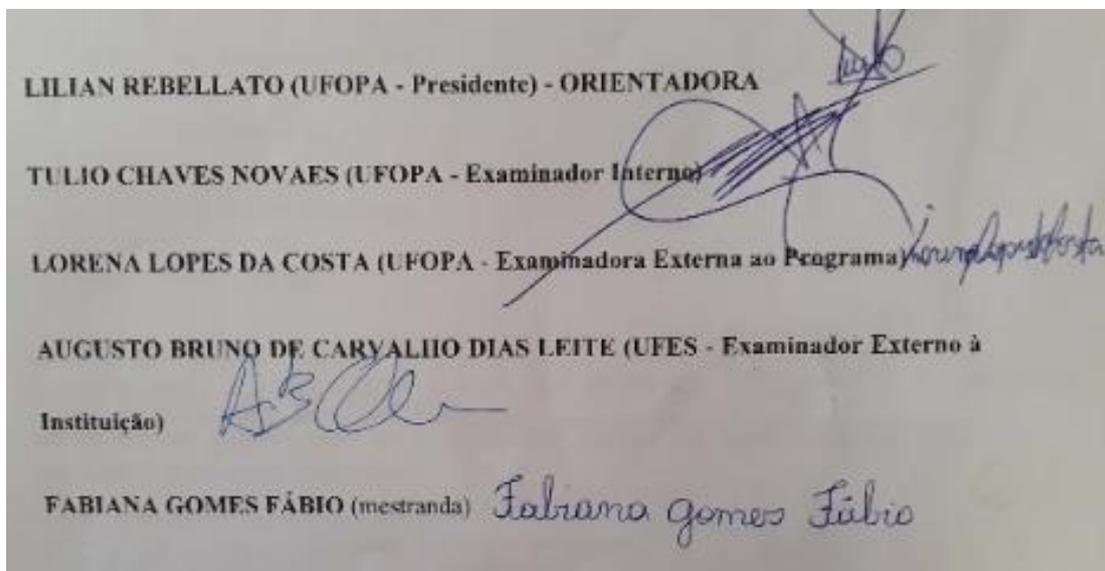
JUDEUS EM ÓBIDOS-PA: imigração, história e ressignificação

Dissertação apresentada para obtenção do título de mestre em Ciências da Sociedade com ênfase em Sociedades Amazônicas, Sistemas Culturais e Sociabilidades, do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Sociedade do Instituto de Ciências da Sociedade da Universidade Federal do Oeste do Pará.

Orientadora: Prof.ª Dr.ª Lilian Rebellato

Conceito: Aprovada

Data de Aprovação: 24/10/2019



Dedico essa pesquisa aos meus pais Edno e Maria do Carmo, aos meus irmãos José Darcy e Joelma Ferreira, a meu amado filho Vitor e a minha ex-professora de história Delgina Vieira, fonte de inspiração por estudos historiográficos.

AGRADECIMENTOS

Ao meu Deus que estendeu na minha direção seu cetro. O cetro de justiça, de amparo, consolo e amor.

A minha família em nome de Carmita, Edno, Joelma e Darcy. Que sonharam comigo um projeto, proporcionando-me suporte material e emocional. Cumprindo com maestria a missão de família.

Ao meu filho Vitor, que é minha luz, baluarte e hoje meu único suporte de vida. A razão de não permitir que a depressão me tire a vida.

Marilene Castro, minha mestre e amiga, que injetou doses de confiança e incentivos na elaboração do projeto.

A minha orientadora Lilian Rebellato, pela paciência, disposição e direcionamentos necessários para a concretização desta pesquisa.

A Pauliana Vinhote, Carlos, Suanny e Marcelo Araújo, meus amigos de mestrado, que foram as expressões de amor fraterno na recepção e acolhimento em Santarém.

As minhas amigas Jucy Farias, Heluane Andrade e Simone Moreira. Gratidão pela amizade brotada no coração de Deus, alicerçada por todos esses anos de fidelidade e cumplicidade.

Gratidão imensurável a Fortunato Chocrón, que foi guia e amigo, oportunizando sugestões de interlocutores, fontes e narrativas.

Ao amor da minha vida pelo companheirismo e amor. Ingredientes indispensáveis para consolidar uma relação e os projetos de vida, incluindo as realizações acadêmicas.

RESUMO

Esta dissertação é um estudo histórico sobre imigração, vivência e ressignificação de judeus em Óbidos, no estado do Pará, no século XX. Por mais de um século, imigrantes judeus foram marginalizados como seres históricos tanto no bojo da história local quanto ao mosaico ressignificado de práticas judaicas. Fez-se um traçado histórico do percurso migratório, correlacionando as razões desse movimento para a Amazônia, a carga de experiências vivenciadas, mobilidade econômica e social. A literatura de Benchimol (1998), Veltman (2005), Heller (2008), Grinberg (2008), Bentes (1987) e Lins (2010) endossaram as discussões da presença judaica no contexto regional e local. Através da pesquisa qualitativa e da metodologia da História Oral, foi possível acessar fontes como: memória, documento de arquivo e pessoal, jornal, fotografia, documentário e monumento, que continham variantes vestígios do processo histórico construído na cidade. A oralidade foi coletada através de entrevista semiestruturada, tendo gravador de áudio e diário de campo como suportes materiais. A história das famílias foi descrita em forma de genealogia, realçando similitudes e contrastes. Os diferentes arranjos econômicos influenciaram níveis de mobilidade social, com resquícios visíveis até hoje, realçando que duas das três indústrias de castanha-do-brasil da Calha Norte são de judeus, e de Óbidos. Quanto à sociabilidade, deixaram vestígios históricos em redutos geográficos e monumentos como: cemitério, sinagoga de congregação, diversos imóveis e um casarão neoclássico. Foi revelado como o seguimento judaico revestiu-se de ressignificação, formulando um entrosamento e fortalecimento desses sujeitos como grupo, que organizaram uma comunidade judaica, festejavam as principais páscoas, ritualizavam seus mortos, deixando como legado, tecidos sociais e símbolos de resistência do judaísmo. Esses imigrantes impregnaram na sociedade local, uma identidade histórica e indissociável captada pelo trabalho, capital e serviços prestados por meio do profissionalismo dos descendentes. Que este estudo subtraia a marginalização e desative o esquecimento com que estes imigrantes judeus tem sido subjugado em mais de um século como sujeitos sociais e partícipes da história local na cidade de Óbidos. Que suas lutas, histórias e memórias, recebam integralização e visibilidade histórica.

Palavras-Chave: Judeus. Imigração. História. Memória. Ressignificação.

ABSTRACT

This dissertation is a historical study on immigration, experience and resignification of Jews in Óbidos, in the state of Pará, in the 20th century. For more than a century, Jewish immigrants have been marginalized as historical beings both within the context of local history and the reframed mosaic of Jewish practices. A historical outline of the immigration path was made, correlating the reasons for this movement to the Amazon, the load of lived experiences, economic and social mobility. The literature by Benchimol (1998), Veltman (2005), Heller (2008), Grinberg (2008), Bentes (1987) and Lins (2010) endorsed the discussions of the Jewish presence in the regional and local context. Through qualitative research and the methodology of Oral History, it was possible to access sources such as: memory, archival document and personnel, newspaper, photography, documentary and monument, which contained variants of the historical process built in the city. The orality was collected through a semi-structured interview, with an audio recorder and a field diary as material supports. The history of families was described in the form of genealogy, highlighting similarities and contrasts. The different economic arrangements influenced levels of social mobility, with remnants still visible today, highlighting that two of the three Brazil nut industries in Calha Norte are Jewish, and Óbidos. As for sociability, they left historical traces in geographical strongholds and monuments such as: cemetery, congregation synagogue, several buildings and a neoclassical mansion. It was revealed how the Jewish segment took on a new meaning, formulating a connection and strengthening of these subjects as a group, who organized a Jewish community, celebrated the main Easter, ritualized their dead, leaving as a legacy, social fabrics and symbols of resistance of Judaism. These immigrants imbued the local society with a historical and inseparable identity captured by the work, capital and services provided through the professionalism of their descendants. May this study remove the marginalization and disable the forgetfulness with which these Jewish immigrants have been subjugated for more than a century as social subjects and participants in the local history in the city of Óbidos. May their struggles, stories and memories, receive integration and historical visibility.

Keywords: Jews. Immigration. History. Memory. Resignification.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1- Reduto geográfico dos judeus no século XX.....	21
Figura 2 - Localização de Óbidos.....	25
Figura 3 - Autorização para ofício de mascate	28
Figura 4 - Família de Abraham Fortunato Chocrón	29
Figura 5 - Nota de fúnebre de Amélia Chocrón	30
Figura 6 - Filhos de Abraham Chocrón	30
Figura 7 - Comerciante Abraham Chocrón	33
Figura 8 - Antiga Casa Paulista	35
Figura 9 - Cheque de Abraham Chocrón de 1923	37
Figura 10 - Avião anfíbio da Companhia Panair pousado na frente de Óbidos	40
Figura 11 - Fortunato Chocrón e Ana Maria Chocrón	41
Figura 12 - Família de Fortunato Chocrón	42
Figura 13 - Formação de Fortunato Chocrón	43
Figura 14 - Ficha de filiação de Isaac Israel na Loja Maçônica de Óbidos.....	46
Figura 15 - Famílias de Isaac Israel.....	47
Figura 16 - Isaac Israel e Deuzarina Tavares	48
Figura 17 - Antiga residência de Isaac Israel	50
Figura 18 - Passaporte de imigração de Yomtob e Rebecca	53
Figura 19 - Certidão de casamento de Yomtob e Rebecca.....	54
Figura 20 - Filiação de Yomtob na Maçonaria.....	55
Figura 21 - Família de Yomtob e Rebecca, filhos e netos.....	56
Figura 22 - Comprovante de pagamento de naturalização	57
Figura 23 - A e B: Propriedade dos Hamoy	58
Figura 24 - Família Hamoy na Europa	60
Figura 25 - Família de Claude Messad Hamani	61
Figura 26 - Claude Hamani e Mary Hamoy	62
Figura 27 – Claude Hamani e as filhas Carolina e Ester	66
Figura 28 - Filiação de Salon Cohen na Maçonaria de Óbidos	69
Figura 29 - Antiga residência de Samuel Cohen	70
Figura 30 - Anúncio de propaganda comercial	70
Figura 31 - Jofre Cohen agachado e Isaac Hamoy à direita	72
Figura 32 - Dados cadastrais na maçonaria de Óbidos.....	73

Figura 33 - Galpão da Caiba.....	74
Figura 34 - Loja de Jayme Belicha.....	75
Figura 35 - Residência dos Belicha.....	75
Figura 36 - Caiba Indústria e Comércio.....	76
Figura 37 - Antiga residência de David Hassan.....	78
Figura 38 - Antiga Sinagoga Israelita de Óbidos.....	84
Figura 39 - O Sobradinho dos Hamoy.....	87
Figura 40 - Cemitério judeu de Óbidos.....	92
Figura 41- Salomon Benarrós e Carlota.....	95
Figura 42 - Família Benarrós e Benchimol.....	97
Figura 43 - <i>Bar Mitzvá</i> de Claude Hamani.....	105
Figura 44 - Adereços de <i>Bar Mitzvá</i>	106
Figura 45 - Espaço sagrado dos Chocrón.....	111
Figura 46 - Quipá de Fortunato Chocrón.....	112
Figura 47 - Limiar do ritual Rosh Hashaná de 5779.....	114
Figura 48 - Comemoração do Rosh Hashaná com os “Chocrón.....	115
Figura 49 - Comemoração do Yom Kipur.....	117
Figura 50 - Amoronia; B: Canja de galinha; C: Galinha desfiada; D: Arroz de miúdos de galinha.....	119
Figura 51 - Talit de Fortunato Chocrón.....	120

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	11
CAPÍTULO 2	14
2. PROCESSO HISTÓRICO DOS JUDEUS NA AMAZÔNIA	14
2.1 O Influxo das Invenções Marítimas e das Políticas Públicas no Processo Imigratório Judaico.....	16
2.2 Economia e Sociedade Judaica em Algumas Cidades da Calha Norte.....	17
2.3 Imigração Judaica em Óbidos no Século XX.....	18
2.4 Percurso Metodológico da Pesquisa de Campo	21
CAPÍTULO 3	27
3. JUDEUS EM ÓBIDOS NO SÉCULO XX: IMIGRAÇÃO	27
3.1 Um Judeu de Tetuan para o Trapiche de Óbidos (In Memoriam)	27
3.1.1 Ascensão econômica e social dos Chocrón	34
3.1.2 Fortunato consolida os empreendimentos dos Chocrón.....	40
3.2 O Mistério da Imigração de Isaac Israel	45
3.2.1 Vestígios históricos e geográficos de um judeu	48
3.3 A História do Casal de Judeus Egípcios, Yomtob e Rebecca Hamoy	53
3.3.1 Mobilidade econômica e social dos Hamoy	57
3.4 Claude Messad Hamani de Casablanca para a Amazônia	61
3.4.1 Um judeu na cercania do crematório nazista.....	64
3.4.2 Caroline e Ester Hamani: símbolo de resistência judaica.....	66
3.5 Os Cohen: Comerciantes, Profissionais e uma Incógnita	68
3.6 Família Belicha	73
3.7 David Hassan: Um Imigrante tão Judeu quão Espevitado.....	77
3.8 A Vivência dos Elmesany na Comunidade Flexal	79
3.9 Imigrantes com Vivências Passageiras em Óbidos.....	80
CAPÍTULO 4	82
4. CULTURA JUDAICA EM ÓBIDOS: SOCIABILIDADE E TRADIÇÃO	82
4.1 Uma Sinagoga Judaica em Óbidos.....	83
4.2 O Sobradinho Neoclássico das Festas Judaicas	87
4.3 Cemitério judeu de Óbidos: Rituais e Adjacências	90

4.4 Salamon Israel Benarrós: O Acolhimento da Comunidade Judaica em Óbidos.....	94
4.5 Algumas Tradições Fúnebres Judaicas	97
4.6 Costumes Egípcios e Amazônicos.....	101
4.7 Memórias de Brit Mila e Bar-Mitzvá	104
CAPÍTULO 5	108
5 RESSIGNIFICAÇÃO DO JUDAISMO EM ÓBIDOS.....	108
5.1 Um Shabat, um Judeu e Eu	109
5.2 As Percepções de um Rosh Hashaná	110
5.3 No Estreito do Rio Amazonas o Yom Kippur é Celebrado	116
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	121
REFERÊNCIAS	124
APÊNDICE A – ROTEIRO DE ENTREVISTA	129
APÊNDICE B – TERMO DE AUTORIZAÇÃO	132

1 INTRODUÇÃO

Esta dissertação é um estudo sobre a imigração de judeus para a cidade de Óbidos no século XX e suas impressões, sociais, econômicas e culturais. Que compõe grupos étnicos que ao longo de sua história passaram por marginalização, segregação, exílios, condicionados à agregarem-se em territórios desconhecidos. A imigração para o Brasil foi intensa e motivada por diferentes razões e foram radicados nas regiões do Brasil. Para Sobel (1984) a ausência de poder político, agravou a marginalização desse grupo, que sobreviveram graças às doutrinas judaicas e aos seus pilares culturais.

Os imigrantes estudados buscaram na Amazônia, sobrevivência, segurança social e religiosa, entrelaçando-se na engrenagem da realidade local. Vieram de Marrocos, condicionados por tensões religiosas, política e sociais em seus países e adjacências. Antes de se estabelecerem em Óbidos, viveram outros arranjos sociais em cidades do Amazonas e Pará. Burke (1992) questiona, por que se quer saber alguma coisa sobre eles? Que sentido tem sua história e o que fizeram? O questionamento retórico de Burke (1992) é pertinente para o enfrentamento da marginalização e injustiça de sujeitos, que na prática fazem história e são esquecidos pelas correntes historiográficas. A história vista de baixo, catalisa essas vivências de pessoas comuns, seus pontos de partida, valores e comportamentos.

A questão judaica, segundo Marques (2007) historicamente possui uma carga estigmatizada de bastardia, de estrangeirismo exacerbado. Para o judeu, esse sentimento de (des)possessão ganha uma bagagem de acentuada energia enigmática por se tratar de um grupo historicamente perseguido e exilado: judeu errante.

A pacata cidade ribeirinha, às margens do rio Amazonas, mostrou-se atraente para as levadas desses imigrantes, que investiram trabalho e capital na variedade de produtos extrativistas e matéria-prima que à época acessavam mercado nacional e internacional como juta, castanha, cumaru e outros produtos da floresta. Esses imigrantes se estabeleceram socialmente, formando suas famílias e descendentes, alguns dentro dos parâmetros religiosos com mulheres judias, outros não. A similitude se deu na feição comercial e na organização da comunidade judaica, que se mostrou tão necessária quanto o entrosamento no arranjo do comércio competitivo.

O contraste mais visível foi no setor econômico, apenas 03 famílias atingiram acentuada mobilidade econômica e social, com resquícios visíveis até hoje. Que em Óbidos desenvolveram graus de consciência religiosa que dominou o campo das ideias no tocante aos elementos sagrados. Sinagoga, cemitério e um casarão sobradinho das festas sagradas foram

espaços que o judaísmo se expressou, deixando legados e marcas históricas. Se existiram/existem judeus em Óbidos com vivência social, religiosa e ascensão econômica, por que sua história tem sido condenada a invisibilidade?

Para Blay (2005) essa invisibilidade dos judeus no contexto social do povo brasileiro, é uma forma de preconceito, com raízes na historiografia. Ou seja, não é um fenômeno apenas na Amazônia ou em Óbidos. É um histórico, que precisa ser desconstruído e postulado. Em conversas sociais é espantoso para muitos, a citação da existência de judeus na cidade. A ausência de pesquisas desse grupo, a não inserção da cultura judaica em eventos culturais da cidade, configuram um mascaramento social. O papel desempenhado há mais de um século na construção social e econômica na sociedade obidense, é malgrado ao esquecimento. Novaes (2017), chama de passado escondido, ausência de solidariedade por parte de quem vive nesse contexto. E não deixa de ser uma forma de injustiça.

Óbidos é uma das poucas cidades do Brasil a inserir a história local em seu currículo escolar do 6º ao 9º ano do Ensino Fundamental II. A disciplina “História de Óbidos”, foi autorizada pela resolução nº 216, de 25/03/2002 e reconhecida pelo Conselho Estadual de Educação – CEE. Esse contexto positivo tem furtado em seus conteúdos curriculares, a presença dos judeus em seus acervos culturais e religiosos. Segundo Chizzotti (2009) a problemática de uma pesquisa pode ser definida por razões diversas, algumas de inquietações pessoais, profissionais, acadêmica e outras. Mas, que geralmente advém de um interesse atual e visível.

Como forma de amenizar a problemática, foram feitos os questionamentos: Quem eram os judeus que se estabeleceram na cidade de Óbidos? Como e quando ocorreu o processo de imigração? Quais as motivações que engessaram a saída de seus países de origem? Os judeus continuaram praticando a religião judaica? Existiu na cidade algum lugar sagrado para práticas judaicas? Os judeus realizavam festas e cultivavam suas tradições?

Alicerçado pelo objetivo geral de investigar a imigração, vivência e ressignificação dos judeus na cidade de Óbidos, no século XX, traçou-se também os objetivos específicos: (1) identificar o percurso migratório em recortes espaciais e temporais; (2) investigar as razões que impulsionaram o processo migratório; (3) registrar os aspectos históricos, econômicos e sociais vivenciados pelos judeus e (4) identificar os religiosos do judaísmo vivido em Óbidos.

O trabalho foi dividido em quatro capítulos. No primeiro capítulo foi feita uma breve discussão subsidiada por autores que explicam como se deu a imigração de judeus para Amazônia, salientado pelo estado social que viviam e o contexto amazônico ao qual foram

inseridos. Discute-se também como a imigração recebeu incentivos de políticas públicas de governadores e o desenvolvimento marítimo com os navios a vapor, que dinamizaram rotas de países à cidade do interior da Amazônia. Consta ainda, uma síntese da economia e sociedade de algumas famílias judaicas da região oeste do Pará, com ênfase nos judeus que se fixaram na cidade de Óbidos.

No segundo capítulo é apresentado o resultado da pesquisa de campo, traçando uma síntese em forma de genealogia das famílias que se teve acesso, contendo o processo de imigração, interação, sociabilidade e mobilidade social.

O terceiro capítulo expõe como os judeus se organizaram em comunidade, a realização das festas, rituais fúnebres e socialização parentadas pelos princípios e filosofias. O ser e viver judaico deixaram impressões monumentais como o cemitério e a reunião em congregação em uma sinagoga. Posteriormente, entrosaram o judaísmo num sobradinho neoclássico de uma das famílias, onde os parâmetros religiosos continuavam tendo suas regras e as práticas judaicas foram vigentes por muitos anos.

Através da pesquisa participante, no quarto capítulo, faz-se uma amostra do judaísmo ressignificado, através nas comemorações festivas do: *Shabat*, *Rosh Hashaná* e *Yom Kipur* e apresentam-se impressões da religiosidade vigente entre os judeus na cidade nos dias atuais.

CAPÍTULO 2

Este capítulo tece um histórico da imigração de judeus para Amazônia, salientando subsídios teóricos que explicam fatores externos e internos inerentes a esse processo. A abordagem aponta os locais metropolitanos e as microrregiões interioranas de maior concentração de imigrantes judeus.

Apresentam-se, também, as transformações nas linhas de transporte marítimas, dinamizando a movimentação de pessoas na região e algumas políticas públicas nos estados do Pará e Amazonas, que cooperaram para entrada de estrangeiros, em forma de incentivos legais e arranjos locais para recepção e acomodação de judeus.

Foi elaborado um sucinto histórico de algumas famílias de cidades vizinhas ao lócus da pesquisa, contextualizando esses imigrantes à regionalidade amazônica, deixando sinalizações para outras pesquisas desses sujeitos na região do Baixo Amazonas, como se vê nas colocações teóricas de judeus na cidade de Óbidos.

2. PROCESSO HISTÓRICO DOS JUDEUS NA AMAZÔNIA

A chegada de judeus na Amazônia converge com tensões políticas e sociais que alguns países vivenciaram desde o século XIX. A marginalização de grupos, vindos principalmente em Marrocos, norte da África, à época protetorado Francês, fez pressão para a busca de segurança e sobrevivência. Para Bentes (1987), judeus marroquinos viviam conflitos internacionais, envolvendo influência política, domínio territorial e bombardeios.

Benchimol (1998) compara essa diáspora aos relatos bíblicos, associando a Amazônia a “Nova Terra da Promissão”, e que esses indivíduos estariam repetindo atos de seus antepassados. Mas, para Lins (2010), o impulso imigratório nesse recorte temporal e espacial é reflexo do contexto econômico, inclusive anterior ao Ciclo da Borracha (1860-1910).

Para Grinberg (2005) são de 1823 os registros históricos dos primeiros imigrantes judeus, quando o cidadão José Benjó pediu naturalização e licença para comerciar no Pará. E que teriam sido estes os fundadores das sinagogas *Eschel Abraham* e *Shaar Ashamaim*. A autora se apraz de monumento e documento para sinalizar a hipótese. Heller (2008) discorda das suposições de Grinberg (2005) alegando não existir registro da fundação das duas sinagogas, ainda que tivesse um grupo “pequeno” de judeus luso-marroquinos e alguns criptojudeus.

Benchimol (1998) exaltou e classificou esses indivíduos como pioneiros em desafiar a desconhecida Amazônia, detalhando a imigração por geração e profissão. Jovens aprendizes, balconistas e vendedores ambulantes compunham essa categoria. Os mais prósperos donos de firmas e casa de aviação principalmente em Manaus e Belém, davam chances de trabalho e renda aos que vinham chegando.

Para Grinberg (2005) esses imigrantes também se fixavam em São Paulo, Rio de Janeiro, Pernambuco e Bahia. Mas, quando faz comparações quantitativas, usa o termo “sabe-se” que chegaram centenas de judeus para os confins da selva amazônica (GRINBERG, 2005). Heller (2008) também fortalece a linha teórica que os judeus não se dirigiram apenas para cidades metropolitanas, como as cidades citadas, mas engajaram-se na saga das regiões interioranas da Amazônia.

Benchimol (1998, p. 74), detalha as cinco correntes de judeus que vieram para o Brasil em diferentes tempos históricos:

- os sefaraditas expulsos de Portugal, Espanha e Marrocos, que falavam português, espanhol e haquitia;
- os forasteiros nativos de Marrocos, que falavam arbia e haquitia;
- os serfatitas de Alsácia e Lorena, de fala francesa e alemã;
- os askenasitas da Alemanha, Polônia e dos países da Europa Central, que falavam alemão e idíche;
- os foinquinitas do Oriente Médio, que falavam ladino e árabe;

Para Mizrahi (2005), muitos jovens judeus de nacionalidade turca começam a imigrar, fugindo de conflitos regionais, desemprego e serviços militar obrigatório, dentre tantos, optaram pelo Brasil e Argentina, perto de 300 mil judeus imigrantes. A maioria de origem sefaradita que falavam espanhol e português passaram a se integrar em bairros e residenciais no Rio de Janeiro, São Paulo e Santos.

Quanto às vivências judaicas em terras Amazônicas, Lins (2010) pontua que não houve conflito étnico, nem hostilidade, perseguição, inclusive eram vistos com positividade quanto ao melhoramento do povo amazônico. Uma questão salientada por Benchimol (1998) que fortaleceu a imigração desde 1810 foi o estatuto político que tirou as sinagogas da clandestinidade, isto para os judeus era conforto e incentivo. Nota-se uma correlação de fatores endógenos que cooperaram para o aumento da imigração. Para Lins (2010) questões étnicas e religiosas e Benchimol (1998) corroboram essa ideia.

Os imigrantes que se estabeleceram nos horizontes amazônicos se envolveram na agricultura, em fazendas, alguns foram proprietários de escravos e tinham como meta viver

definitivamente, que para eles era a nova terra (HELLER, 2008). Vir para Amazônia e se integrar no contexto local, operacionalizar práticas comerciais pautadas no que o território tinha para oferecer, eram, ao ver de Benchimol (1998), um escape de sobrevivência humana, social, política, econômica e religiosa.

Os emigrados de Tetuan e Tanger vieram também por conta da riqueza dos seringais, ou seja, esse ponto de vista apresenta uma visão restrita ao contexto econômico (HELLER, 2008). Benchimol (1998), no entanto, detalha fatores exógenos, explícito pela realidade que os judeus viviam nesses países; sofrimento, doença, perseguição. As cidades interioranas de Breves, Gurupá, Cametá, Baião, Macapá, Afuá, Alenquer, Óbidos, Santarém, Parintins e Maués foram seus principais destino (BENCHIMOL, 1998).

2.1 O Influxo das Invenções Marítimas e das Políticas Públicas no Processo Imigratório Judaico

A densa floresta Amazônia possui caudalosos rios: rios de águas barrentas, claras e pretas; rios que se separam e se fundem; região de labirintos intercambiais de uma cidade para outra. As viagens marítimas na Amazônia possuem um histórico de longos dias, meses e adornadas de perigos eminentes. Mediante a esse contexto, o que teria diversificado o percurso na região Amazônica no século XX?

Com o desenvolvimento da navegação a vapor e com impulsos navais de linhas comerciais com rotas entre Brasil e Europa, facilitou a acessibilidade em geral na Amazônia (DECOL, 2001). Benchimol (1998) alinha essa prerrogativa quanto ao advento marítimo na Amazônia para a vinda de judeus. Quando houve a linha Booth com navios a vapores passou a ligar as cidades de Manaus e Belém aos portos de menor porte da Calha Norte. Até países como Paris, Londres e Portugal passaram a transportar cargas e passageiros para a Região.

Segundo Benchimol (1998), Eduardo Gomes prestou auxílio aos imigrantes judeus para trabalharem na Amazônia, quando era governador do estado em sua gestão 1892 a 1896. Teria construído uma hospedaria para imigrantes e que em sua política, incluiria transporte gratuito de imigrantes judeus, através de uma linha marítima italiana “*Ligure Brasileira*”. Consideradas políticas governamentais tendo como foco a imigração.

No Estado do Pará o incentivo à imigração teria acontecido nos mesmos moldes de Manaus, a partir de iniciativa do governador Lauro Sodré, que em pleno Ciclo da Borracha, sanciona uma lei de incentivo à imigração. Com isso, 19.467 imigrantes chegam ao Pará em 1896 (BENCHIMOL, 1998). Houve também um acentuado incentivo para as cidades

ribeirinhas. Assim, a presença do estado através de políticas públicas, amplia a atração de imigrantes para a região. Para Santos *et al* (2014) os judeus não desperdiçaram as viáveis formas de sobrevivência e crescimento econômico, principalmente pelo comércio feito pelos rios, uma vez que as dificuldades térreas eram grandes.

Os arranjos regionais permitiram a fixação na Amazônia, ou seja, a imigração desse grupo tinha caráter doméstico e de se agregar, construir famílias e crescerem financeiramente. Benchimol (1998) acredita por isso, tiveram papel decisivo no desenvolvimento da Amazônia, porque investiram suas habilidades profissionais, trabalho e capital financeiro.

2.2 Economia e Sociedade Judaica em Algumas Cidades da Calha Norte

Os judeus, na região amazônica, se envolveram numa arriscada concorrência no comércio local, baixaram os preços de seus produtos e iam pessoalmente aos seringais, comerciar ao modo judeu. Para Benchimol (1998), os primeiros regatões da região eram judeus, eles foram corajosos, principalmente estabelecendo o monopólio comercial em batelões, igarités, levavam mercadorias para vender nos seringais. Eles trocavam mercadorias por borracha, castanha, copaíba, bálsamo, balata, peles e couros silvestres.

Essa integração econômica com arranjo estrangeiro de negociar é chamada por Benchimol (1998) de “jeito judeu de negociar”. Parafraseando a estratégia judaica citada acima, Veltman (2005) descreve os constantes conflitos dos regatões desses grupos, com o poder econômico local, principalmente de aviadores¹ no seringal, que ousavam até fechar os rios como forma de manter o monopólio. Evidencia-se como os comerciantes judeus, desmantelaram o monopólio que estava há anos em poderio dos portugueses.

Esses imigrantes se reinventaram em terras Amazônicas. E pelas cidades paraenses é notória essa influência, quase sempre ligadas às famílias tradicionais. As que não ascenderam socialmente são respeitadas pelo teor de caráter íntegro e social.

Henrique Veltman, quando se dispôs a procurar judeus nas cidades do interior da Amazônia, encontrou vestígios de hebreus e seus descendentes na maioria das cidades do Oeste paraense. “Esta é a residência de Abraão Fima e família, Alenquer desde 1967.” (VELTMAN, 2005, p. 50). Na mesma cidade encontrou os descendentes de “Ambrósio

¹ Aviador que no período do Ciclo da Borracha era quem contratava o serviço dos seringueiros em troca de dinheiro ou produto de subsistência.

Benzaquen”. Que é neto de David Benzaquen que construiu grandes riquezas no Brasil, chegou a ser vizinho na corte do sultão de Marrocos (VELTMAN, 2005).

Na mesma rota marítima, se tem a cidade de Santarém, considerada uma das mais desenvolvidas do Oeste Paraense, que no período colonial também fora erguida com fortificações para proteção contra invasores estrangeiros. Em Santarém, Veltman (2005) ainda encontrou Flávio Flamarion Serique, vivendo sob os costumes amazônicos, deitado numa rede, enquanto lambia os beiços com um sorvete de graviola.

Outras cidades do Oeste paraense também receberam imigrantes judeus de nacionalidade marroquina. Em Juruti cita-se: Belicha e Benithar. Em Faro: Benzaquen, Abecassis Hassan. Em Oriximiná; Moysés Cohen. E o atual Rabino Moisés Elmesany (BENCHIMOL, 1998).

2.3 Imigração Judaica em Óbidos no Século XX

A cidade, cenário deste mosaico histórico de imigrantes judeus, por vezes é chamada de “sentinela”, por ter sido planejada para cumprir missão defensiva, no tocante a proteção contra outros invasores estrangeiros. Pela localização geográfica, Portugal projetou a edificação de um forte. Para os portugueses era uma sentinela, expressão simbólica que até hoje está intrínseco na identidade e no imaginário histórico de seus habitantes. Com mais de três séculos de fundação, Óbidos é vista como uma das mais europeias do Baixo Amazonas (BARROS; ALBUQUERQUE, 2017).

A colonização portuguesa impôs métodos rigorosos de vigilância regional. Embarcações ou linhas marítimas eram obrigadas a ancorar e pagar o dízimo a Coroa portuguesa, sob ameaças de ataque em caso de descumprimento. Óbidos possui um centro histórico bem preservado, com clara identidade do colonizador português em sua arquitetura. Agregado com a diversidade cultural de imigrantes que se estabeleceram na cidade, tenazmente contribuíram para ampliação do leque histórico da cidade.

Franceses, portugueses, italianos, sírios, marroquinos e egípcios constituíram as levadas imigratórias que nos séculos XIX e XX compuseram a formação social da cidade, principalmente do centro. Nesta pesquisa, os olhares se direcionaram para os judeus vindos de Marrocos e Egito, que por mais de um século, viveram/vivem na cidade de Óbidos. Tendo os dois séculos pretéritos como sinalizadores de ampliação do desenvolvimento econômico e social, juta, castanha, cacau, foram os produtos que pilotaram a economia da cidade. A

dinâmica econômica local se expressava, no “entra e sai” de barcos e navios, principalmente para exportação de produtos ou matérias-primas que a cidade produzia.

Os imigrantes encontraram nessa cidade ribeirinha condições de trabalho que os projetariam para uma acentuada ascensão econômica e social. E ainda, campo tolerável para as práticas judaicas. Esta regionalidade comunga com o entrosamento de outros grupos judaicos em diferentes regiões do país. Grinberg (2005) diz que o Brasil recebeu grupos de judeus capacitados para exercer profissões no campo industrial, profissionais das mais variadas profissões.

Considerando o contexto endógeno e exógeno da Amazônia, Veltman (2005) diz que os judeus marroquinos viviam desalentados pelas tensões no país, refletindo diretamente na vida social. E ainda assim, esses judeus teriam racionalizado uma forma de organização na Amazônia, economicamente distintas das condições pretéritas no Oriente.

Benchimol (2005) descreve as famílias judaicas que residiram em Óbidos: Belicha, Cohen, Hamoy, Chocrón, Israel, Elmescany e Merronhas. Sobre os Belicha de Marrocos, o descendente mais próximo é Marcos Jaime Belicha que dirige a empresa da família na cidade, filho de José Jaime Belicha que nasceu no sertão de Óbidos em Paraná-Mirim, em 1916, junto com as capivaras (VELTMAN, 2005).

Em 1983 quando Henrique Veltman visita Óbidos para concretizar a pesquisa “Os Hebraicos na Amazônia”, a esposa do Sr. Belicha morava em Belém, com suas duas filhas. Era comum apenas nas férias, regressarem para a cidade para visitar a família, detentora de uma das mais importantes indústrias de castanha-do-brasil da Calha Norte. A Caiba Indústria e Comércio que, desde 1948,  referência em exportção para o Brasil e outros países.

Entre as famílias também de descendência marroquina, que ainda moram em bidos, estão os Chocrón. Fortunato Chocrón, judeu, hoje com 79 anos, filho de Abraham Fortunato Chocrón que veio para o Brasil em 1915. Fortunato Chocrón preservava um ba onde guardara com orgulho uma autorização assinada por D. Pedro II dando legalidades para que seu av realizasse comércio no Brasil (VELTMAN, 2005).

Nos anos de 1973, a família Chocrón, estava entre as mais afortunadas de bidos. Inauguram a usina de comercialização e exportção de castanha-do-brasil. Marco de esplendor dos investimentos privados, que adentravam num nível comercial ousado, amplo e competitivo de relevância local, nacional e internacional. Nestes tempos, a família Chocrón já possuíam prédios e casas comerciais típicas de aluguel. Sobre seus empreendimentos, Fortunato Chocrón revelou a que possuía uma usina de beneficiamento de castanha, serraria, frigorífico de peixe (VELTMAN, 2005).

Os Hamoy são imigrantes vindos do Egito, conhecidos na cidade, pelas fortunas que possuíram ou pela posição social que viveram durante os anos de florescência econômica da juta, castanha-do-brasil e outros produtos regionais. Benchimol (2005) cita os “Hamoy” junto com outros judeus, sinalizando que fossem de nacionalidade marroquina, mas Henrique Veltman (2005) assegura que estes são provenientes do Egito.

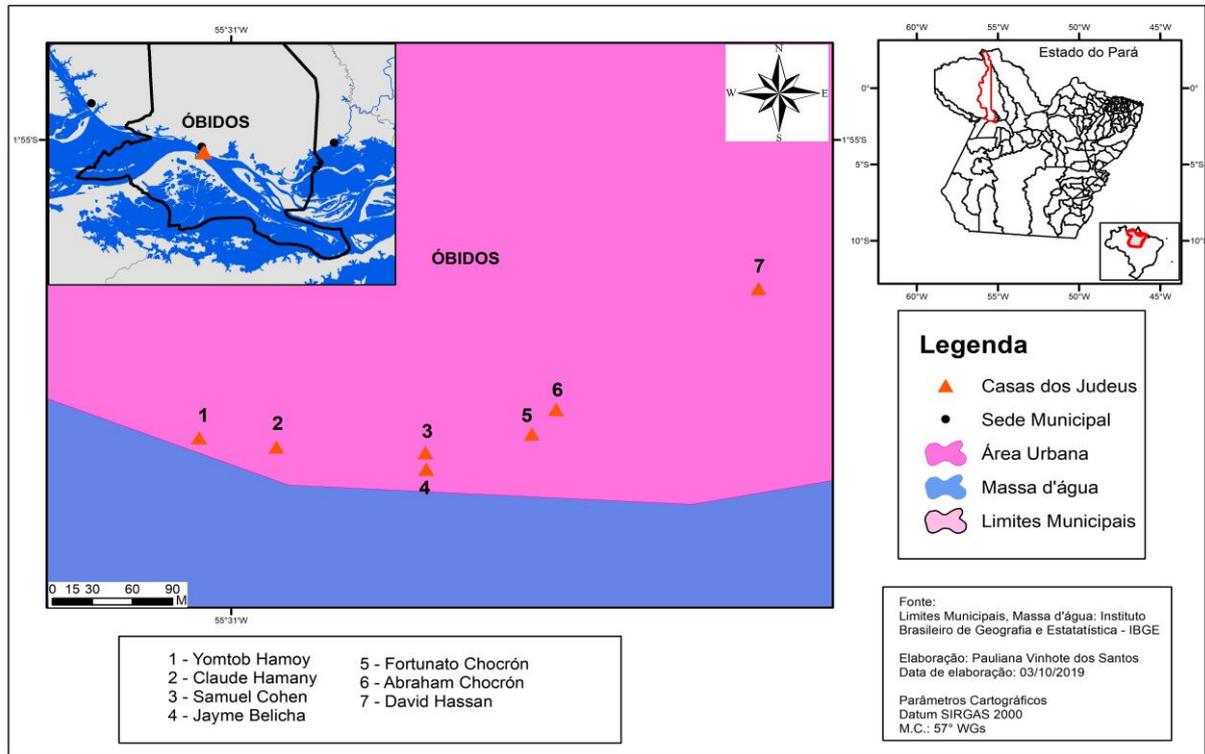
Inclusive Veltman em 1999 teve um encontro com Rebecca Hamoy. A matriarca diz ter trocado Alexandria no Egito, por Prainha em Sapucaá, perto de Oriximiná. Chegaram a viver em Faro por 04 anos. Rebecca relatou que viver na Amazônia não foi difícil, se tem trabalho, sendo que o caboclo é mais gentil que o muçulmano (VELTMAN, 2005).

Os Hamoy, Chocrón e Belicha foram grandes exportadores de produtos regionais primários tais como: juta, cacau, castanha-do-pará, cumaru, madeira entre outros.

A Figura 1 realça com precisão o reduto geográfico que esses atores sociais impregnaram suas vivências e deixaram vestígios históricos, principalmente, na Rua Siqueira Campos.

O lócus de fixação geográfica pode revelar o objetivo de se inserir dentro do sistema comercial vigente, permitindo-os aquisições de casarões em estilo neoclássico, usados como moradia e locações comerciais. São rasas e escassas as produções historiográficas sobre os judeus na cidade de Óbidos quanto à história e cultura. A história desses imigrantes estava silenciada em retalhos, na memória, em relatos, fotografias, recortes de jornais, vídeos e outros.

Figura 1- Reduto geográfico dos judeus no século XX



Fonte: IBGE (2018).

Elaborado por Pauliana Vinhote dos Santos (2019).

2.4 Percurso Metodológico da Pesquisa de Campo

Este trabalho é uma pesquisa histórica, por tratar-se das vivências e construção social recortando tempo e espaço. Os vestígios encontrados apontaram para sociabilidade judaica, que não era reconhecida como grupo social compositor da histórica local na cidade de Óbidos. Certeau (1982) considera que se num passado, as bases dos discursos negligenciaram algo, seja por atrasos, falhas ou até mesmo resistências, pode haver um retorno a se pensar, o que não foi pensado e fazer o que não foi feito. Para Nunes (2011) as dúvidas, incertezas e lapsos fazem parte da construção histórica. O acesso e confronto com as fontes e o tempo são objetos centrais desse processo.

Por tratar-se de questões que envolvem modos de vida, saberes, relações culturais, sociais e cotidianos, enquadra-se numa pesquisa qualitativa, que é uma forma de pesquisar, sem desconsiderar a vivência e os espaços, portanto, não é um produto pronto e acabado (GODOY, 1995). A história dos judeus possui anos de embargos e lutas por desconstrução de estereótipos. Essa abordagem estuda os cenários naturais, conferindo significados, fenômenos, buscando entender e interpretar (DENZIN E LINCOLN, 2016).

O percurso inicial desta pesquisa se deu primeiramente pela leitura de Thompson (1981), Benjamin (1987), Burke (1992), Le Goff (1990), Gagnebin (2006), Halbwachs (1968), Bosi (1994) e Novaes (2017) que reconhecem a influência da memória, da história oral e das novas produções historiográficas dos excluídos, como componente de inserção na pesquisa científica.

Os subsídios teóricos que cooperou para o conhecimento da história dos judeus como povo étnico, especificando em memória, tradição, cultura, religiosidade ficaram a cargo da revisitação da literatura de Adorno (1995) Barbosa (2014), Bernard Sorj (2008), Bila Sorj (2008), Eva Blay (2008), Falber (2005), Fleiter (2005), Hamoy (2009), Joffe (2017), Johnson (1995), Lemle (1967), Marques (2007), Sobel (1984) e Santos *et al.* (2014).

Foi imprescindível a leitura das obras que se reportam a presença judaica condensada com a questão da imigração no contexto Amazônico de Benchimol (1998), Bentes (1987), Decol (2001), Grinberg (2008), Heller (2008) e Lins (2010). Com a chegada de judeus, que se tornavam regatões em regiões interioranas leu-se Veríssimo (1970) e Henrique e Moraes (2014) para compreender como se permeou alguns conflitos ocasionados pelos tratados econômicos entre o caboclo e os regatões, visto que alguns judeus pesquisados foram regatões e carregaram-se consigo alguns estereótipos pejorativos analisados pelos dois autores.

A pesquisa de Veltman (2005) possibilitou um detalhamento acurado da história dos judeus tanto na Amazônia como na cidade de Óbidos. Veltman (2005) possui em seus escritos um bojo de evidências históricas desses judeus em Óbidos, quando pessoalmente visitou cada residente judaica que ainda morava na cidade em 1984. A história local se revestiu de eventos sociais, alguns calcados em tensões como a Revolução Constitucionalista de 1932 relatados por Guimarães (2002) e Oliveira (2013).

Dada a ascensão econômica e social principalmente de duas famílias judias, foi necessário conhecer algumas especificidades que basilaram a consolidação dessas famílias economicamente no setor industrial da castanha-do-brasil. Por isso, a leitura e aporte teórico de Krag *et al.* (2016), Petit (2003) e Vinhaes (1944).

Em 2017 pela metodologia da história oral, se obteve de Fortunato Chocrón os primeiros relatos da presença de judeus em Óbidos, ainda concernente a sua família. A atenção direcionada a sua história de vida, como filho de imigrante, judeu, sinalizava para descobertas mais extensas de acontecimentos, suposições e vestígios históricos referentes a outros judeus que já viveram/vivem em Óbidos. Fortunato Chocrón foi para este trabalho uma espécie de “museu em pessoa”, guardador de memória e história.

Seguindo as sinalizações de Fortunato, chegou-se a Claude Hamani, imigrante, natural de Marrocos, morador em Óbidos desde 1966. E contribuiu fornecendo um acervo documental e fotográfico, tanto da sua família, como dos Hamoy. Devido Claude ser genro do patriarca dos Hamoy, se obteve oitivas inéditas de como os Hamoy importaram métodos para que o judaísmo não se perdesse com o tempo, no seio familiar. Foi através de Claude Hamani que se desvendou certos comportamentos éticos e morais que são parâmetros da vida judaica, no tocante à tragédias, infortúnios ou mesmo decisões de acolher algum judeu que morria. A permissão para adentrar o cemitério judaico existente na cidade também foi possível, devido a gentileza desse marroquino.

Para Thompson (1992) a história oral é hoje, sinônimo de autenticidade, com viés testemunhal, é o passado tendo voz. E foi a primeira espécie de história. Meihy e Holanda (2007) dizem que a história oral pode trazer luz que clareia pontos cegos, antes não vistos pelas fontes conservadoras.

Tanto a memória de Fortunato quanto de Claude expuseram fatos, rituais, tradições e filosofias do judaísmo, vivenciados na sociedade local. Maurice Halbwachs (1990) afirma que “lembrar” de algo requer a existência de um acontecimento e de um ator. Nessa perspectiva, a noção de memória tem a faculdade de armazenar informações. Para Le Goff (1990) há na memória um poder psíquico, não apenas de guardar e atualizar informações, mas dar uma representatividade a esse passado.

Quando sinalizado através da memória que a maioria dos judeus eram maçons, se abriu novas possibilidades de acesso a outras fontes que pudessem responder quanto à nacionalidade, data e tempo, que esses indivíduos passaram a integrar a sociedade local. E foi, através das fichas de inscrição da maçonaria da cidade, que foi possível elucidar interrogações sobre esses judeus que moraram no século XX em Óbidos, que deixaram como vestígios os monumentos residenciais e alguns retalhos existentes na memória de moradores que os conheceram.

Os monumentos que eram residência de judeus nortearam buscas de se entender como esse passado se fixou no presente, perpetuando a recordação do morador, ou de algum evento que ocorria nos mesmos. Os dados do Museu Contextual e do levantamento de Derenji (1987) percebeu como há finitude de indivíduos e suas características como grupo, evidenciado na ocupação de um espaço e das relações sociais.

A memória de duas moradoras da cidade, não pertencente ao contexto judaico, preencheu lacunas e enredos mais pontuais de determinados acontecimentos ou suposições, principalmente na hipótese de ter existido na cidade de Óbidos uma sinagoga israelita. Devido

o aceno negativo de uma família judia em contribuir com a pesquisa, Maria Alice Aquino e Herbene Belicha foram as interlocutoras que relataram algumas vivências dos Belicha, principalmente concernente às práticas judaicas.

Duas filhas de Isaac Israel detalharam através da história oral a história desse imigrante, que deixou herança histórica na cidade de Óbidos. O monumento residencial e a memória de quando participava da comunidade judaica, compuseram o mosaico das experiências de Isaac como sujeito histórico-social.

O livro de memória “Yomtob ia virar sabão” de autoria de Benjamin Hamoy, contém detalhes da história da família Hamoy na Amazônia e em Óbidos. Nesse livro, existe enredos e acontecimentos vivenciados por outros judeus, que mantinham laços próximos ou parentais com os Hamoy. Como o caso de David Hassan e Zacarias Elmescany. Nessa obra, se compreendeu de forma mais explícita a ligação histórica dos judeus de Óbidos, com a família Benarrós/Benchimol de Manaus. Inclusive essa família de Manaus teve relatos indexados nesta pesquisa pelo teor dos fatos ocorridos no século XX.

A coleta de dados viabiliza ter acesso às informações e opiniões, seguindo um roteiro de questionamento, até mesmo em forma de conversas livres (MARTINS, 2008). Os dados históricos foram obtidos através de entrevista gravada, diálogos através de aplicativo virtual e ligação telefônica, tendo como guia o questionário com perguntas semiestruturado, contido em anexo. Para Chizzotti (2009) a entrevista permite uma comunicação entre duas pessoas, o sujeito e o pesquisador, com intuito de esclarecer uma situação.

As famílias que tiveram suas histórias relatadas foram: Belicha, Cohen, Chocrón, Elmescany, Hamani, Hamoy, Hassan, Israel. Foram 05 judeus e 04 descendentes que contribuíram com a pesquisa. 01 judeu que viaja entre o Oeste paraense e Manaus chamado Samuel Pereira que mantém vínculo amigável com os judeus de Óbidos. Da família Berranós e Benchimol de Manaus, foram 02 entrevistados que inseriram relatos relevantes para a complementação da pesquisa. E ainda, 04 contribuintes não judeus que apontaram evidências do passado judaico em Óbidos, totalizando 16 sujeitos pesquisados.

As fontes escritas, como livros, documentos pessoais, arquivo institucionais, manuscrito, jornais, comprovantes bancários, foram imprescindíveis para se confirmar ou afastar alguns discursos orais. A vivência passageira de judeus na cidade, casamento, foi possível pela biografia de uma judia, informação que levou à procura de subsídios teóricos que clareou os fatos.

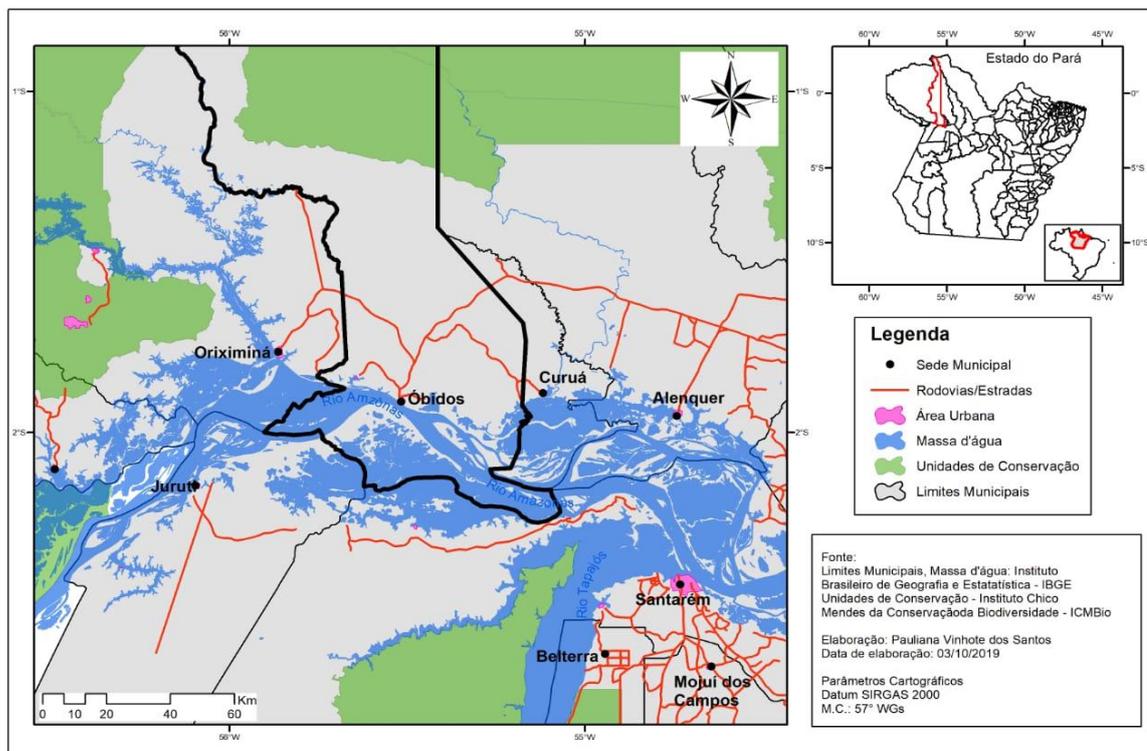
Fotografias e documentos permearam o fluxo sistemático de informações concretas, abrangendo sentido, expondo diferenças e nuances aos sujeitos. Através do

documentário “Eretz Amazônia”, disponíveis na plataforma virtual, analisou-se o discursos de judeus falecidos que em suas falas realçavam compreensões da realidade que vivenciaram na cidade das pessoas falecidas.

Quanto à ressignificação do judaísmo em Óbidos, realizou-se a “observação participante”, quando convidada para participar do *Shabat*, *Rosh Hashaná* e *Yom Kipur*. Richardson (2014) recomenda que o pesquisador use dessa técnica quando desejar conhecer costumes, hábitos de grupos ou comunidades. Nesse contexto, o diário de campo foi um recurso indispensável, para registrar situações suscetíveis de interpretação, bem como o registro fotográfico como compositor de fontes e momentos históricos.

Esta pesquisa foi realizada na cidade de Óbidos, Figura 2, localizada na Calha Norte do Rio Amazonas, no Oeste do estado do Pará, entre outubro de 2017 a maio de 2019. O município apresenta uma área de 28.021 km², localizada a 779 km em linha reta da capital Belém. Suas coordenadas geográficas de latitude Sul é de 1°55’03” e 55°31’05” de longitude W Gr, com uma altitude média de 45 m. Limita-se ao norte com o Suriname, ao Sul com o município de Santarém e Juruti, a leste com o município de Curuá e Alenquer, a Oeste com o município de Oriximiná.

Figura 2 - Localização de Óbidos



Fonte: IBGE (2018).
 Elaborado por Pauliana Vinhote dos Santos (2019).

Uma pesquisa histórica tem seus dados analisados através da interpretação das fontes, comparando e sistematizando o conteúdo das mesmas, encontrando significados para os achados (RICHARDSON, 2014). Os dados selecionados remontam evidências históricas, seletivas e incompletas. A relação entre os sujeitos pesquisados e o conhecimento histórico por ora se indexam e por outra se distanciam, não deixando de transparecer significados atribuídos aos conceitos aos sujeitos pesquisados. O estudo pesquisado é real, suas nuances históricas são incompletas e imperfeitas. Mas, acredita-se que os vestígios encontrados contribuam para clarear outros estudos mais densos sobre a presença judaica em Óbidos.

CAPÍTULO 3

Este capítulo abordará a pesquisa de campo feita por uma cronologia das famílias, como forma de reconstituir o percurso individual e coletivo dos imigrantes. Vislumbra as influências no contexto social, tanto na ascensão econômica como na permanência ou não do judaísmo entre essas famílias e seus descendentes. As histórias de vida dialogaram com a história local e regional em múltiplos aspectos. Labuta, aquisição de bens e os investimentos de capitais financeiros dos judeus, tiveram ampla contribuição no aquecimento e expansão econômica do município de Óbidos.

O registro da presença e atuação ativa dos judeus na cidade envolveu naturalmente muitos sujeitos sociais. Os descendentes desses imigrantes compõe hoje, junto com os demais cidadãos obidenses, o mosaico das suas histórias e da primeira geração de judeus, agregados em consonância com muitos outros fatos e histórias da cidade, possibilitando visibilidade e dando nomes a pessoas que por anos foram marginalizados no tocante a história de Óbidos.

3. JUDEUS EM ÓBIDOS NO SÉCULO XX: IMIGRAÇÃO

3.1 Um Judeu de Tetuan para o Trapiche de Óbidos (In Memoriam)

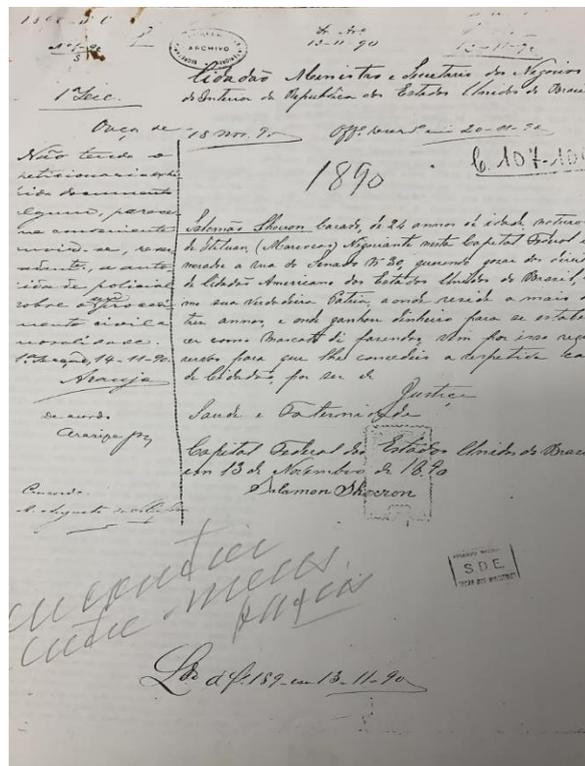
Abraham Fortunato Chocrón (1895-1980), marroquino natural de Tetuan, norte da África, desapossou-se de sua pátria, passou por Lisboa, chegando ao Brasil em 1910. Embaraços financeiros condicionaram o processo imigratório e o conduziram para a Amazônia e em Óbidos tornou-se, dentre os imigrantes, referência no setor econômico.

A descendência de Abraham Fortunato Chocrón foi descrito por Joseph Tolédano na obra *'La saga des famillies: La saga des familles les juifs du maroc et leurs nomes* (A saga das famílias judias de Marrocos e seus nomes) em 1983. Chocrón significa:

Nome árabe: o "roux". Em um ambiente onde a nora domina o cabelo ruivo era notável o suficiente para se tornar um nome de família. Veja o nome de perto "Laskar" (o loiro). O nome foi usado em Marrocos e na Argélia. Várias famílias, muçulmanos de fadas, também levavam este nome, sem dúvida seguido de conversão. O nome é atestado no nordeste da Espanha: Tetouan, Tânger, Debdou e emigração para Casablanca. Também é encontrado sob o nome de CHOCRÓN ou BEM CHOCRON. (JOSEPH TOLÉDANO, 1983).

Chocrón como foi conhecido em Óbidos, era filho de Salomon Shocrón (Shocrón foi grafado erroneamente na petição imperial). Mas, para Joseph Tolédano (1983) o correto é Chocrón. Segundo documento expresso na Figura 3, seu pai tinha 24 anos quando recebeu autorização para viver na recém República dos Estados Unidos do Brasil em 1890, e labutar como mascate.² A autorização de 13 de novembro de 1890 reforça a presença mais remota dessa linhagem de judeus no Brasil, tendo endereço fixo na cidade do Rio de Janeiro. E essa conexão parental do imigrante precursor, interligou seus descendentes nos vislumbres amazônicos do século XX.

Figura 3 - Autorização para ofício de mascate



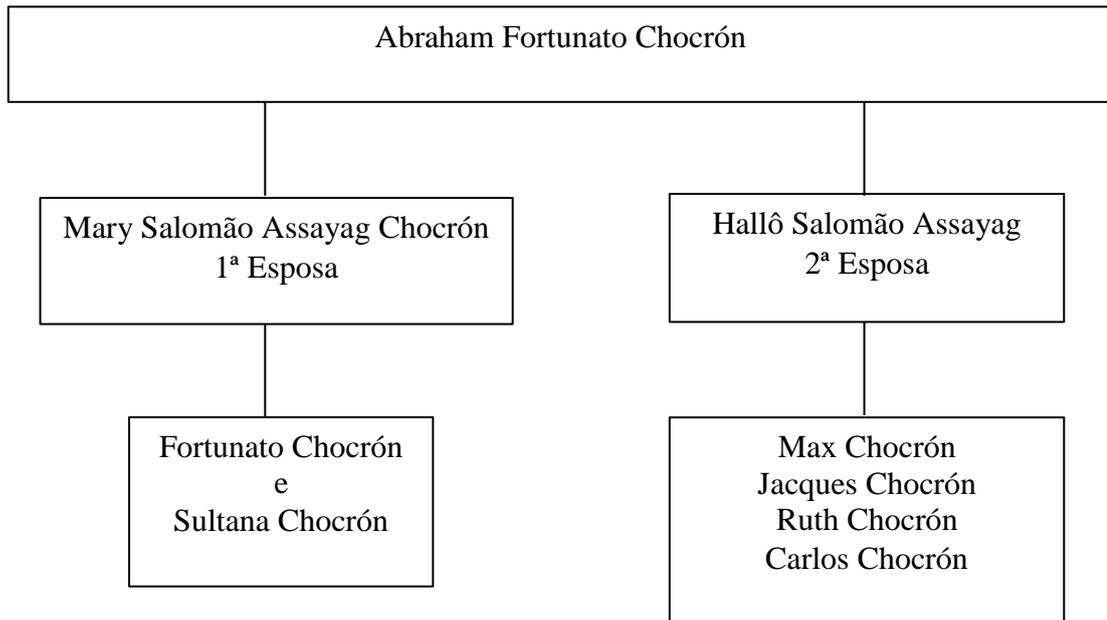
Fonte: Arquivo de família.

Lins (2002) ao estudar sobre a particular identidade dos judeus na Amazônia reconhece a amplitude do termo “Amazônia” e do objeto os “judeus”, afirmando quão necessário são as delimitações de tempo e espaço, adicionando “todos” os tipos de registros, relatos e documentos de imigração, como forma de melhor compreender a presença dos judeus na Amazônia.

² Aquele que percorre ruas vendendo tecidos, joias, quinquilharias essas mercadorias ou produtos.

Chocrón casou-se com a judia Amélia/Mary Salomão Assayag de Parintins em 1939, descendente dos “Assayag”, linhagem extensa de judeus na Amazônia, com expressa notoriedade cultural, social e econômica, tanto em cidades interioranas do Amazonas quanto na capital Manaus. Sultana Chocrón e Fortunato Chocrón são os filhos de Chocrón e Mary, como exposto na Figura 4.

Figura 4 - Família de Abraham Fortunato Chocrón



Fonte: Fábio (2018).

Seu casamento com Mary Assayag, 19 anos após sua chegada em Óbidos, elucidada compreensões, de como a tradição judaica caminhava imperando forças, na tomada de decisões pessoais.

O Jornal de Santarém de 15 de maio de 1943, Figura 5, informa o precoce falecimento de Mary Chocrón, vitimada de uma enfermidade, que buscou na cidade de Belterra, medicina avançada.

Em nota fúnebre do jornal, Chocrón estende pesares pela perda da esposa e a orfandade que ficaram os dois filhos pequenos. A fonte histórica menciona Mary Chocrón como esposa do chefe da Firma Chocrón & Cia Ltda, do alto comércio da vizinha cidade de Óbidos. Primeiros sinais de quem era Chocrón na região.

A lacuna de vida social de Hallô Chocrón em Óbidos pode ter sido resultado do nível educacional que a família pretendia dar a seus filhos, por isso mudou-se para Belém. Segundo Sorj (2008) é comum esses indivíduos colocarem seus filhos precocemente a manipular fórmulas, ideias e conhecimentos. E isso contribuiu para a formação de judeus, não mais atrelados ao comércio, e sim, envoltos nas mais diversas profissões seculares no Brasil moderno (SORJ, 2008).

O percurso migratório de Chocrón na Amazônia perpassou Belém no Pará em 1910, com 15 anos de idade. Mudou-se para Parintins (AM) na região Lago do Limão e para Óbidos em 1915 (FALBEL, 2005). Segundo Fortunato Chocrón, trabalhou com a salga de pirarucu, peixe comum e valioso na região do Amazonas. Passou tempos com seu tio nessa região e aprendeu a vivência e arranjos de como socializar-se na Amazônia. Fortunato Chocrón explica uma síntese da personalidade de seu pai:

Meu pai sempre foi um homem muito ponderado, extremamente ponderado, mesmo jovem, mas com muitas responsabilidades, porque ele disse para mãe, que além dele se sustentar, ia mandar uma ajuda todos os meses, e fez isso a vida toda. Então, ele já tinha essa obrigatoriedade de guardar dinheiro por um motivo muito sério. Quando terminou a salga ele tirou um saldo e disse para seu tio que não queria mais ficar em Parintins, nem naquela região.³

Para Fortunato Chocrón, sem nenhum motivo aparente, a não ser “talvez” obter sua própria independência financeira, resolveu deixar o estado do Amazonas e desceu o rio Amazonas em 1915. Seu tio não hesitou e forneceu-lhe o que naquele tempo eram as condições mínimas para navegação. Num discurso direto e indireto, Fortunato proseia o acontecido com seu pai:

Olha, o que eu posso fazer pra te ajudar é dar uma canoa com quatro homens remando e tu desces o rio. Aonde tu achares que fica bom pra tu ficares, tu fica e me manda de volta a canoa e os homens. Quando chegou aqui em Óbidos, eles pararam um pouco e ele disse pros rapazes: “Olha, eu vou ficar aqui. É aqui que eu vou ficar.” E os mandou embora e ficou a vida toda aqui trabalhando.⁴

Óbidos vivia tempos áureos de sua economia, o porto era uma dos mais movimentados e importantes da região, ultrapassava os limites locais, devido a diversidade de produtos e matéria-prima que a cidade possuía. Furtado (1993) descreve a movimentação de

³ Fortunato Chocrón. Entrevista concedida a Fabiana Fábio, na Usina Boa Esperança, em 15 de Novembro de 2018.

⁴ Id.

navios a vapor que aportavam até 4 vezes ao mês, sem falar de barcos, canoas e regatões. Fortunato Chocrón relembra a efetiva integração do seu pai na Amazônia, usa analogias a um sagaz aventureiro. Vejamos o que disse de seu pai, há 19 anos:

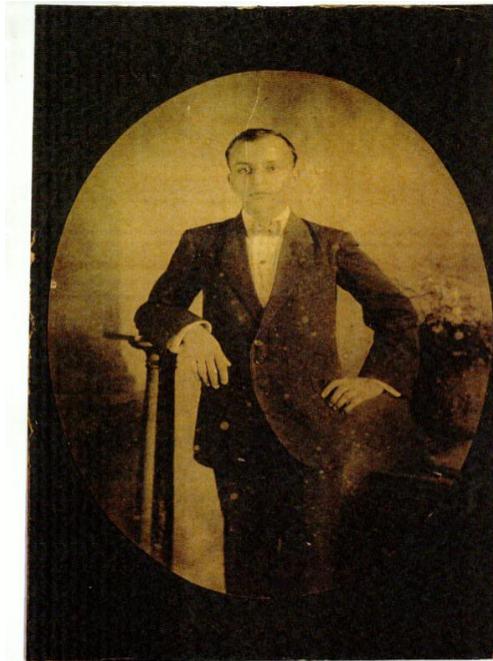
Ele morou por seis meses na Ponte do Trapiche Municipal. Um sargento do Exército que se fez muito amigo dele e que tinha uma casa na principal rua de Óbidos e que tinha três janelões, chegou um dia - já se tratavam de compadres -, disse: “Meu compadre, você não vai morar mais onde você vive. Você vai morar aqui na minha casa. Eu já mandei dividir uma sala pra você.” E o meu pai agradeceu e disse: “Mas eu não tenho condições, porque eu não posso ainda pagar um aluguel.” “Mas eu não estou lhe falando em aluguel, estou lhe dizendo que você vai vim morar aqui.” E ele foi pra lá e morou lá, trabalhou. Pouco depois, já bem próximo, fez a primeira lojinha dele e as coisas começaram. (MUSEU DA PESSOA, 2010).

Neste contexto que elucida a mobilidade social, a oralidade da história privada são elementos que fundamentam a repetição do que se ouviu, imprimindo a ideia da “história primeira” de seus antepassados. Para Halbwachs (1990, p. 47): “Toda a arte do orador consiste talvez em dar àqueles que o ouvem a ilusão de que as convicções e os sentimentos que ele desperta neles não lhes foram sugeridos de fora que eles nasceram deles mesmo [...]”. Talvez seja a maneira de fazer suas vivências resistirem ao tempo, por ser incorporada como uma situação natural, que aconteceu e foi repetida inconscientemente no contexto grupal a qual se encontra.

Chocrón foi vendedor ambulante de grampos, alfinetes, agulhas, colchetes, botões e outros. Os lucros obtidos com a venda de casa em casa, possibilitou as bases econômicas do armazém em Óbidos, conhecido como Casa Paulista. Fortunato Chocrón usa de alegre modéstia para dizer que seu pai era um rapaz bonito e que as moças filhas dos militares diziam para suas mães comprarem produtos mesmo que não precisassem, tendo como único intuito fazer com que ele voltasse novamente a residência para oferecer mercadoria. Na Figura 7 é mostrada uma fotografia de Abraham Chocrón.

Segundo Bloc (1941-1942 apud LE GOFF, 1990, p. 107): “A diversidade dos testemunhos históricos é quase infinita. Tudo o que o homem diz ou escreve, tudo o que fabrica, tudo o que toca pode e deve informar-nos sobre ele.” Apropriando-se neste caso, do que foi dito, dos intercâmbios feitos de casa em casa, emerge no discurso uma definição do homem com sua definição étnica, essa peculiaridade “rapaz bonito”, como peculiaridade capaz de calcar interação e sobreposição do vendedor ambulante com o grupo local.

Figura 7 - Comerciante Abraham Chocrón



Fonte: Arquivo de Família.

No embalo da conversa sobre sua descendência, Fortunato revela o que sabe sobre os métodos de incentivos para vinda de judeus para Amazônia:

Havia uma entidade francesa, sociedade Israelita que ajudava os jovens a virem para o Brasil. Como? Os judeus que estavam já no Brasil, na Amazônia, adiantava dinheiro para esta sociedade, comprar uma passagem e trazer, jovens marroquinos, ao chegar aqui, ele tinha o compromisso de trabalhar para pagar essa passagem, para que outro jovem viesse. Normalmente quando essas pessoas chegavam, ou tinha um judeu que o amparava, ou tinha um parente e algumas vezes eles viveram no tempo, enfrentando o que Deus mandou, uma perspectiva de vida.⁵

As narrativas se completam com os relatos Eva Blay (2008) quando afirma que judeus perseguidos ou que vivessem em difíceis condições financeiras, sem cidadania, sem trabalho, eram amparados financeiramente pela instituição Aliança Israelita Universal, criada em 1800 com sede na França. Um processo que envolvia uma aliança fraterna entre judeus, de mutualidade, pertencimento, racionalidade e compromisso.

A entidade francesa além de tomar providências para melhorar a vida dos judeus, seus métodos incluía também educação primária. Fundaram escolas ajustadas com o pensamento moderno e para cultura universal (LIBERMAN, 1989). Acredita-se que a

⁵ Fortunato Chocrón. Entrevista concedida a Fabiana Fábio, na Usina Boa Esperança, em 15 de Novembro de 2018.

influência da Aliança Israelita Universal, contribuiu para a qualificação profissional de judeus que imigrariam com nível de escolaridade mais acentuado em comparação a outros grupos étnicos. Bentes (1987) afirma que esses jovens judeus imigravam com 13 anos, possuíam escolaridade e cultura em geral, com grau elevado de educação técnica e domínio de mais de uma língua.

Esse modelo de autoajuda tem na identidade cultural, “ser judeu”, como parâmetro dominante e via de mão dupla, para uma contrapartida que subordinava os emigrados. Imperando condições e delimitações comportamentais e pactuais dos judeus para com outros judeus. Calcando uma variação e interação entre indivíduos, de forma indireta, invisível, mas relacionadas com valores e crença religiosas.

Para Santos *et al.* (2014), há nos judeus uma capacidade de sobrevivência, impulsionada de momentos trágicos, ligados à esperança, canalizado pela religião e a fé em Deus. De acordo com Johnson (1995), evidências, tangíveis ou não, são objetos da realidade e, portanto, tais elementos fornecem elementos investigativos.

3.1.1 Ascensão econômica e social dos Chocrón

Em 1919, Abraham Chocrón comprou, por cinquenta contos de réis, dois prédios em Óbidos, onde instalou casas comerciais. A principal delas a “Casa Paulista”, imóvel em estilo colonial do século XIX, considerado bem cultural isolado, situado na Antiga rua Dr. Figueiroa, como pode ser observado na Figura 8 (MUSEU CONTEXTUAL, 1987). Atualmente é denominada Rua Siqueira Campos, reduto geográfico na figura tal, que foi instalada a Agência do Banco do Brasil em Óbidos, possibilitando financiamento às firmas exportadoras de juta e castanha. Fortunato Chocrón empresta vida à memória daquelas negociações dos agentes do governo federal:

Chocrón, nós pretendemos montar uma filial, uma agência, mas não estamos encontrando casa para alugar. Meu pai respondeu: Mas se for para montar uma agência do Banco do Brasil, eu vou passar minha loja para trás do prédio e vou alugar para o banco, porque Óbidos merece e deve ter uma agência do banco. E assim Óbidos foi crescendo.⁶

⁶ Fortunato Chocrón. Entrevista concedida a Fabiana Fábio, na Usina Boa Esperança, em 18 de Novembro de 2018.

Figura 8 - Antiga Casa Paulista



Fonte: Fábio (2019).

Ernesto Vinhaes, em suas viagens pela Amazônia, chegou na cidade num sábado de carnaval e precisou entregar a carta de recomendação a Abraham Chocrón, que exercia o cargo de cunho deliberativo de Agente de Comissão e Limites (VINHAES, 1944). O autor cita a castanha como principal produto fomentador da economia local e lamenta a queda do preço do hectolitro em 1938, dizendo que a safra do ano pouco prometia. Neste encontro, é nítida a figura do imigrante, num patamar social em ascensão, salientado pelo cargo público que assumia na cidade.

Abaixo Fortunato Chocrón descreve a diversidade de produtos regionais que a Casa Paulista comprava dos moradores locais:

No armazém⁷ se vendia e se comprava uma variedade de produtos secos e molhados: castanha, cacau, cumaru, juta, Jutaicaica⁸, cipó, couro de cobra, couro de veado, couro de gato maracajá⁹, couro de camaleão, couro de caititu, óleo de copaíba. Naquele tempo tinha alguma quantidade de castanha sapucaia¹⁰. Até a penugem de

⁷ A Casa Paulista é um patrimônio da família, tendo hoje como funcionalidade uma farmácia de Ronaldo Pantoja.

⁸ Jutaicaica, do tupi iutaí ysyka, goma vegetal extraída do jutaiceiro, árvore muito comum na Amazônia, usado para resinar panelas de barro para defumação. Em algumas situações podia substituir o breu na calafetagem de canoas.

⁹ Na Amazônia conhecido como gato do mato, o maracajá é um felino predador de galinha, por ter características de pele homogênea como de onça. Por populares era conhecido como filhotão de onça.

¹⁰ O ouriço é grande e verde, e tem uma espécie de tampa e quando destampa que já maduro e cai embaixo. É comum na região de várzea. Se não cortar o ouriço da árvore ele cai. A castanha é mais mole e tem um formato maior que da castanha do Brasil.

garças era exportados para a França para compor os adornos dos chapéus das madames. Esses produtos todos tinham amplo comércio. Eram tempos sem orientações e proibições quanto às especificidades dos produtos regionais.¹¹

No interior da Amazônia, desde séculos anteriores, imperava a dinâmica comercial, pautada no sistema de troca. Produtos regionais eram trocados por objetos ou gêneros alimentícios, aliançando comerciante e produtor, oxigenado pela demanda de venda no mercado interno e externo. Sob a luz da corrente sociológica, recorro ao pensamento de Marx (1867), quando diz que nestes casos, surge a necessidade de produzir o objeto de uso já pensando na troca, podendo haver uma disparidade entre o valor do bem a ser trocado pelo objeto da necessidade. E ainda, quanto mais variados são os objetos de necessidade, se torna mais difícil saber a equivalência proporcional. Eram por esses pesos e medidas comum na Amazônia que Veríssimo (1970) e Henrique e Moraes (2014) lançaram críticas ferrenhas entre culpados e vítimas que andavam lado a lado.

Para Henrique e Moraes (2014), armênios, turcos, marroquinos e sírios, completaram a lista de mascates perversos acusados de explorar primeiro o índio, depois sua descendência miscigenada. Veríssimo (1970) também atribui conceitos pejorativos aos comerciantes que regateavam pela Amazônia por vias marítimas, colocando em dúvidas a honestidade quanto às transações comerciais com os caboclos.

Quanto à evolução dos atores sociais que dominavam o comércio na Amazônia, sabe-se que os regatões e mascates do século XIX, se tornaram, no século XX, em comerciantes urbanos das cidades interioranas, que em seus “armazéns, tabernas e quitandas”, esperam os amazônidas para negociar produtos regionais. Fortunato Chocrón descreve a seguir os métodos de realizar comércio em Óbidos, saindo do sistema de troca.

Os judeus, de um modo geral, quando começaram a trabalhar, foram organizados. Alguns deles saíram da regra do comércio do interior, que era a troca. Meu pai sempre trabalhou com dinheiro, pagando o produto. E dizia: Você quer comprar na minha loja está aqui o dinheiro, a castanha que trouxeste está aqui o dinheiro, a juta que trouxeste está aqui o dinheiro. Então, foi dando nova feição ao negócio e a rentabilidade do produtor. Não tinha a obrigatoriedade, ele era livre.¹²

As transações em negociar com dinheiro, segundo Fortunato, começaram a mudar as regras de compra e venda na cidade, “subtraindo a cadeia de escravidão”¹³, o vendedor

¹¹ Fortunato Chocrón. Entrevista concedida a Fabiana Fábio, na Usina Boa Esperança, em 15 de Novembro de 2018.

¹² Id.

¹³ Escravidão inserida nesse contexto compreende-se como simbologia antropológica, que entrelaçava no sistema de troca cliente e credor. Tirar fiado na Amazônia tem essa denotação de se sentir súdito de alguém, no caso de quem lhe oferecia algum produto ou serviço.

ficou livre, incorporando um novo método de fazer negócio. Comprava de quem quisesse, aonde desejasse, ampliando a independência do comprador/vendedor. De acordo com Fortunato esse diferencial atraía vendedores de produtos regionais para Óbidos, porque sabiam que havia compradores que pagavam em moeda corrente.

A expressão “*subtraindo a cadeia de escravidão*” retroage e compõe a roupagem comercial taxada negativamente no século XIX, quando os regatões, com suas práticas nômade, iam nas comunidade e até as aldeias indígenas comercializar produtos regionais.

Henrique e Moraes (2014, p. 61) dizem “que grande parte dos índios se achava fora das aldeias, trabalhando como agregados a serviço de particulares, com os quais tinham sempre abertas contas leoninas.” No diálogo com Fortunato ele diz: *Meu pai sempre trabalhou com dinheiro, pagando o produto*”, exprime autodefesa, talvez involuntária no sentido de zelar pela conduta e moralidade de seu patriarca. Este enunciado poderia ser fruto, de uma negação, falácia altruísta, em face da desconhecida fomentação socioeconômica do município.

No entanto, na Figura 9, trata-se de um cheque datado em 09 de outubro de 1923, pertencente a Abraham Fortunato Chocrón, realçando vestígios factuais quanto aos ousados métodos financeiros do judeu num banco alemão. O fato é que, nas primeiras décadas do século XX, o comerciante manipulava dinheiro em espécie e emitia investimento em forma de cheque cruzado, inclusive para fora do Brasil.

Figura 9 - Cheque de Abraham Chocrón de 1923

DEUTSCHE BANK

Département Uebersee BH. BERLIN le 9 Août 1923.
 W. 2. Date de votre lettre à laquelle la présente se réfère: 6.7.

ADRESSE TELEGRAPHIQUE: DEUTSCHBANK
 COMPTE CHEQUES POSTAUX: BERLIN No. 1000

Le présente ne doit contenir ni avis de tirage, ni ordre de paiement, ni accréditif, ni virement ou remise de tiers en votre faveur.

Monsieur Abraham F. Chocrón
 Obidos - Para /Brasiliën

M.....

Nous avons l'honneur de vous informer que nous avons passé à votre compte les écritures ci-après détaillées:

DÉBIT	VALEUR	D É T A I L	CRÉDIT	VALEUR
		Votre chèque sur Berlin	2,000,000.-	10.8.

Agréé, Monsieur....., nos salutations distinguées

DEUTSCHE BANK

*B. Nr. 9324

Fonte: Arquivo de família.

Quando se analisa o cheque em apologia ao discurso de Fortunato Chocrón, recorre-se às advertências de Le Goff (1990) de que é preciso desmistificar alguns significados aparentes do documento, por ser fruto de um esforço voluntário ou não de expor uma imagem de si próprio.

Na obra “Os Dias Recurvos” de Idelfonso Guimarães é feita uma citação ao judeu Abraham Fortunato Chocrón em recortes temporais e espaciais da vida social na cidade. Em ocasião, estava sendo orquestrado o envolvimento da cidade de Óbidos na Revolução Constitucionalista de 1932. Segundo Guimarães (2002) o plano dos conspiradores foi denunciado por um bisbilhoteiro, que logo pela manhã foi à delegacia delatar tudo o que tinha ouvido às escondidas e o delegado relutou em acreditar que se tratava de Pompa o líder da revolta, um homem de pequena estatura, que o delegado havia inclusive sido apresentado no dia anterior quando esteve na Loja do Chocrón. Estes fatos se deram em 1932 e o autor usa a expressão “loja” para se referir à Casa Paulista, propriedade da família Chocrón.

Pelas denotações da literatura é irrefutável que a Casa Paulista, em 1932, constituía espaço de sociabilidade, um comércio movimentado, e que naquele dia, o delegado da cidade e o revolucionário Pompa foram apresentados. Se as datações de sua chegada a cidade de Óbidos são mesmo em 1915, conclui-se que quando eclodiu a revolução/motim em 1932, o imigrante vivia na cidade há pelo menos 17 anos.

Recorro a um cronista obidense, que fez reverências memoriais pelo caráter probo e vivacidade comercial de Chocrón: “A nossa economia se manteve forte por vários anos devido à presença de judeus como Abraham Fortunato Chocrón-homem sério e respeitado.” (FERRARI, 2014, p. 199).

Abraham Fortunato Chocrón naturalizou-se através do Decreto lei nº 389, processo nº 17.876-40, datado de 25/04/1938, passando a ser cidadão brasileiro em 28/01/1942. No processo que legitimou a naturalização encontram-se as seguintes afirmações:

O justificante tem crédito firmado como comerciante em todas as praças comerciais do Brasil e por seu escrúpulo e rigorosa conduta até nos negócios de sua vida privada, no advento da Revolução de 1930, o justificante desempenhou o alto cargo em Óbidos, por força do Decreto Federal, e nessa função se houve com absoluto critério, honrado a indicação. (Processo de Naturalização nº 17.876-40).

A ótica de Bernard Sorj (2008) é de que os judeus naturalizados barganharam tal condição, como escambo e, conseqüentemente, perderam seus direitos de viver sua identidade, aplicando um conceito generalizado, uma vez que o Brasil recebeu diferentes grupos étnicos judaicos. Na Amazônia a integração judaica teve arranjos e rearranjos,

continuidade e descontinuidade, mas que não implicaram de maneira objetiva em negação da identidade judaica.

No entanto, ao se ter conhecimento dos cargos públicos assumidos por Abraham Chocrón, pode haver ou não, no processo de naturalização, uma estratégia para se habilitar aos mesmos, excluindo a categoria “estrangeiro”, assegurando ao imigrante, mecanismos de integração social e figura sistemática no jogo das relações de poder no decorrer dos anos na cidade.

O que não subtrai nem anula sua incorporação histórica como comerciante. Um papel não anula outro, mas discursam entre si. Tanto que Ernesto Vinhaes (1944) descreveu um evento carnavalesco, no “Clube Amazônia”, frequentado apenas pela elite local como prefeito, promotor, médicos, advogados. E Abraham Chocrón aparece envolto nesse rol de expressão social, oriunda da mobilidade econômica.

Essa foi a vida do meu pai, nunca teve qualquer dificuldade com os obidenses, com a sociedade Amazônica, com os brasileiros. Eu sou brasileiro, meu pai brasileiro nacionalizado, tínhamos conceitos. Ele me dizia: filho se tem uma pessoa que não goste de mim eu desconheço, se tu ouvires falar, me diz, porque eu procurei viver aqui de bem com todo mundo, até porque eu continuei sendo um estrangeiro, sempre reconheci que meus direitos paravam, eles que são daqui.¹⁴

Falber (2005) enumera os papéis vividos por Abraham Chocrón, que foi sócio fundador da Santa Casa de Misericórdia, Agente da Comissão de Limites em 1928¹⁵, membro do Conselho Consultivo do Advento da Revolução de 1930, correspondente do Banco do Brasil até o ano de 1948 e primeiro Agente da Companhia de Aviação da Panair no Brasil¹⁶, até julho de 1951.

Os obidenses recordam esses anos áureos, quando sentiam-se no cume da modernidade local, em que passageiros embarcavam em canoas grandes para adentrarem no catalino da Companhia Panair, Figura 10. Esse modelo de avião ainda existe atualmente, de categoria catalina, origem americana, pousava na água em frente da cidade de Óbidos.

¹⁴ Fortunato Chocrón. Entrevista concedida a Fabiana Fábio, na Usina Boa Esperança, em 18 de Novembro de 2018.

¹⁵ Cargo constituído pelo governo federal, que dava orientações e controle sobre os limites das fronteiras brasileiras. Devido à localização geográfica Óbidos era a sede, e Abraham Chocrón proporcionava o apoio logístico para viajantes ou qualquer pessoa que estivesse na cidade para conhecer a região.

¹⁶ Função de vender passagens, gerenciar ao abastecimento de gasolina. Era responsável por enviar e receber malotes do Banco do Brasil e de terceiros.

Figura 10 - Avião anfíbio da Companhia Panair pousado na frente de Óbidos



Fonte: Site Obidenses-Fotos e memórias.

As fontes quanto às vivências de um imigrante, judeu, nacionalizado, são pautadas por Thompson (1981) que acredita que as evidências históricas sobrevivem sem que os sujeitos envolvidos tenham interesse em produzir os fatos. São os mecanismos de permanência, nível de envolvimento e evolução como ser social recompõem a construção histórica, mesmo com os rearranjos temporais pelo desdobramento da ação humana, principalmente quando os recuos, apontam para mais de um século.

3.1.2 Fortunato consolida os empreendimentos dos Chocrón

Fortunato Chocrón nasceu em 25 de abril de 1940, no estado do Amazonas, hoje com 79 anos. Casou-se com Ana Maria Tavares Chocrón, mulher que esteve ao lado do seu esposo em todas as fases de vida, trabalho, ascensão social, crises e superação, visível na Figura 11, com quem teve 04 filhos: Salomão, Mary, Abraham e Amélia, expresso na constituição familiar na Figura 12. Fortunato Chocrón apresenta um traçado de sua história:

Minha vida começa em Manaus, nasci em Manaus, meus pais são judeus, meu pai marroquino, minha mãe filha de marroquino, depois vieram para Óbidos, onde meu pai já estava estabelecido como comerciante, meus avós eram marroquinos, por parte de mãe viveram para mora no interior de Parintins e por parte de pai minha vó sempre viveu no Marrocos e meu avô por algumas vezes esteve no Brasil no Rio de Janeiro, com licença do governo brasileiro, para ser mascate.¹⁷ Ele passava três,

¹⁷ Vendedor ambulante de mercadoria, que oferece de casa em casa, na Amazônia é chamado de “prestamista”.

quatro meses no Brasil e com esse recurso ele ajudava a manter a sua família em Tetuan, que é a cidade de Marrocos onde meu pai viveu até vir para o Brasil.¹⁸

Figura 11 - Fortunato Chocrón e Ana Maria Chocrón



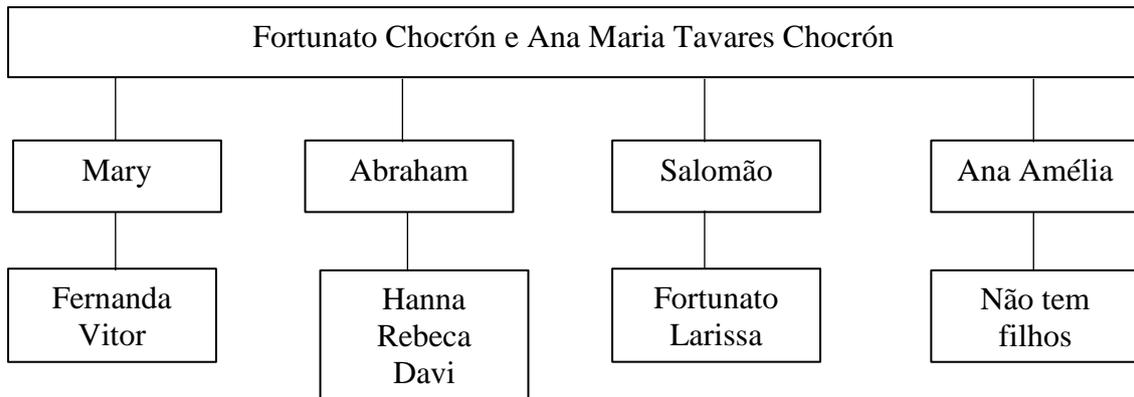
Fonte: Site Museu da Pessoa.¹⁹

As lembranças individuais de cada indivíduo incorpora em vários estágios de socialização, quadro de visões, resultado das relações sociais entre as gerações, das interpretações e da seleção de experiências, que compõe uma memória pessoal. Por isso, que Halbwachs (1990), evoca que a memória não era natural, que é construída e seletiva. Inclusive a infância é uma fase que se alimenta de sensações e expectativas do meio social.

A interlocução de Fortunato Chocrón traz um esboço das ansiedades e valores dos parâmetros judaicos que eram comuns no meio social da família, promovendo interpretações das influências de que certas regras e princípios deveriam permanecer no seio familiar.

¹⁸ Fortunato Chocrón. Entrevista concedida a Fabiana Fábio, na Usina de Castanha Boa Esperança, em 17 de Dezembro de 2018.

¹⁹ Disponível em: <<https://www.museudapessoa.net/pt/conteudo/historia/uma-vida-em-obidos-44698>>. Acesso: 12 de maio de 2019, às 14:30:00.

Figura 12 - Família de Fortunato Chocrón

Fonte: Fábio (2018).

No decorrer das entrevistas nas visitas a Fortunato Chocrón, o decoro em suas falas constitui um elemento indissociável em seus discursos. Respondeu os questionamentos das entrevistas, muitas vezes levantando mais interrogações. Quando entra em questão a genealogia familiar e a nacionalidade marroquina, o olhar e os gestos denotavam fugir de Óbidos.

Para Eva Blay (2008), neste caso, a distância não possui denotação de isolamento. A natureza detalhista deixou passado e presente, próximo e vivo. Em 2001 Fortunato Chocrón cedeu uma entrevista para o Museu da Pessoa, sob a questão em não ter nascido em Óbidos, onde seu pai estava estabelecido há anos. Ele argumentou que, era mais fácil também o contato com a comunidade judaica. E o meu pai, então, ia pra Manaus a trabalho, conheceu a minha mãe em Manaus, casou em Manaus e eu nasci em Manaus [...] (MUSEU DA PESSOA, 2010).²⁰

Para Johnson (1995) os judeus tomam decisões, primeiro sob a égide do judaísmo; segundo, alinham aos princípios da racionalidade nas suas atividades profissionais. Pensemos nas expressões “(...) *era mais fácil também o contato com a comunidade judaica*”, “(...) *ia pra Manaus a trabalho*”. A ordem das sentenças pode ter sido evocada aleatoriamente, mas o interlocutor demonstra defender a força dos princípios judaicos que justificam sua naturalização. Por último, são realçados os parâmetros da vida pessoal, como ser filho de um homem que tinha negócios comerciais em Manaus.

²⁰ O Museu da Pessoa é um museu virtual e colaborativo de histórias de vida fundado em São Paulo, em 1991. Desde sua origem tem como objetivo registrar, preservar e transformar em informação histórias de vida de toda e qualquer pessoa da sociedade.

Estes relatos pertencem as inquietudes da chamada nova história, que passou a abraçar em suas abordagens a história da vida cotidiana. Burke (1992) reconhece como a vida cotidiana, a partir da vertente “história vista de baixo”, é ponto de análises, como é o caso de decisões ou ocasiões especiais, seja individual ou no contexto coletivo.

A terceira geração de judeus amazônicos praticou uma pedagogia educativa e estratégica. O filho mais velho deveria assumir a profissão do pai e gerenciar os negócios da família. Aos outros filhos se deslocavam para as capitais e, assim, adentravam nas universidades (BENCHIMOL, 1998). Fortunato Chocrón se distanciou dos empreendimentos da família.

A Figura 13 revela as facetas da formação educacional, que, no tocante a modalidade e nível, cambiavam para área técnica, com nuances e afinidades em comércio, administração e outros. Fortunato voltou para Óbidos, qualificado profissionalmente, e assumiu a administração econômica das empresas.

Figura 13 - Formação de Fortunato Chocrón



Fonte: Arquivo de família.

Na linha de sucessão, Fortunato Chocrón se tornou a referência entre as famílias mais prósperas da cidade, a partir de 1970. Detentores de prédios, casas comerciais típicas de aluguel e investimentos em variados ramos da economia local, sustentaram essa configuração. À época, eram chamados de classe burguesa de Óbidos. Questionado sobre os impulsos e

estratégias que contribuíram para que o setor industrial colocasse o empreendedorismo que verticalizou do piso local para tetos internacionais, informou:

Tinha o desejo de ser grande, de dar emprego. Eu sempre achei que devia ser útil aonde eu vivia. Em troca, eu recebia respeito, conceito e fiz uma indústria de castanha contra tudo e contra todos e, durante 03 anos, fui o maior exportador de frutas secas do mundo. Tudo começou com as visitas de compradores do exterior e viram que nós trabalhávamos sério, que desde do início buscávamos a qualidade, tecnologia, dentro das nossas possibilidades.²¹

Notemos acima como a memória faz conexões com o “eu”, que, “por sua vez, são narrativas de identidade na medida em que o entrevistado não apenas mostra como ele vê a si mesmo e o mundo, mas, também, como ele é visto por outro sujeito ou por uma coletividade.” (SILVEIRA, 2007, p. 05).

Johnson (1995) analisa as comunidades judaicas por dois ângulos simbólicos, frágeis por comporem, historicamente, a parcela de pessoas sem lar e idealistas ferrenhos, tendo como parâmetro a busca por perfeição para alcançar fartura e segurança.

Benchimol (1998), reconhece que os anos 1950 até 1970 a economia amazônica apresentava sinais evidente de decadência pela queda acentuada da borracha e as retiradas dos programas de incentivos internacionais. Se pensarmos como o quadro econômico da Amazônia era desestimulante e caótico e, portanto, “desestruturou-se toda a economia das empresas judaicas aviadoras e exportadoras desses produtos.” (BENCHIMOL, 1998, p. 137).

Temos na cidade de Óbidos um cenário antagônico, uma vez que o baluarte da expansão da economia local não foi sustentado pela borracha. Teve-se o apogeu do cacau nos anos de 1930, exportação de juta, madeira, cumaru, a castanha-do-pará assumiu a primazia da economia local, desde os anos de 1940 do século XX.

As empresas judaicas em Óbidos alinharam-se com essa variedade local, portanto, não fizeram investimentos em seringais e derivados da goma elástica. Assim saltaram essa fase da borracha que era comum em muitas regiões da Amazônica. A cidade de Óbidos dispunha dessa fartura de produtos regionais para o aquecimento econômico local, atingindo nível nacional e internacional de exportação.

²¹ Fortunato Chocrón. Entrevista concedida a Fabiana Fábio, na Usina de Castanha Boa Esperança, em 17 de Dezembro de 2018.

3.2 O Mistério da Imigração de Isaac Israel

Isaac Israel foi o segundo imigrante pesquisado, cerceado por um mistério quanto a sua nacionalidade e descendência. Teria ele 12 anos de idade, quando saiu de seus pais de origem. Mesmo pairando controvérsias desse passado entre os seus descendentes, seria ele filho de pais marroquinos, mas nascido na França. A filha Izarina Tavares Israel relata ter encontrado um documento de naturalização brasileira, constando ser de *Haydn*, na Ásia Menor, província do Sudeste da Turquia.

A narrativa abaixo é de Izarina Tavares da Silva, que afirma que Isaac Israel provavelmente não sabia ao certo o país emigrado, contexto resultante de um acontecimento de ordem comportamental na escola, que ao sofrer castigo por ter desrespeitado seu professor, teria lhe custado uma vida de perambulo por diversos países até chegar em Óbidos. O infortúnio episódio teria acontecido na escola:

Amarrava-se o aluno em uma árvore que havia no quintal da escola e aplicava-lhe algumas lambadas com cinturão. Em seguida, dava-lhe um banho de água com sal, para que, talvez, ele não tivesse problemas de saúde e deixava o aluno amarrado à mesma, para refletir em seu feito. Como ele era um garoto forte e o professor bem velhinho e raquítico, foi ele quem amarrou o velho professor e bateu nele, mas, não deu o peculiar banho. Em seguida, fugiu para casa e escondeu-se debaixo de uma cama, já prevendo o corretivo que o aguardava. E ali ficou por longo tempo, não sem antes, ter ouvido o Diretor da escola vir à sua casa e contar aos pais o sucedido. Ao cair à noite, saiu ele sorrateiramente e foi esconder-se dentro de um navio cargueiro que se encontrava no porto. Entrou em um bote salva-vidas, que tinha uma lona de proteção por cima e ficou ali escondido para aguardar o anoitecer e só então voltar à casa, quando os ânimos estivessem mais calmos e o corretivo seria, provavelmente, mais leve. Ao acordar, morrendo de fome e sede, resolveu sair de seu esconderijo e voltar para casa. Para sua surpresa, a primeira coisa que viu ainda deitado, ao afastar a lona de proteção do bote, foram às estrelas e que, muito tempo havia passado enquanto dormia. Assustou-se ainda mais ao perceber, apavorado, que o navio havia zarpado do porto. Pensou então ir à cozinha do navio procurar algo para comer enquanto amanhecia. Certamente, àquela hora, todos estariam dormindo. Ledo engano! Ao entrar na cozinha, encontrou o cozinheiro, preparando o café da manhã para os tripulantes do navio. Naquele tempo, não se falava em sequestro, após ouvir suas lamúrias, o cozinheiro deu comida a ele e o colocou imediatamente para descascar batatas. Resultado, a parceria deu tão certo que ele acabou crescendo dentro desse navio cargueiro, sendo a família do cozinheiro que o adotou, sua segunda família. Como o navio vivia aportando em muitos portos estrangeiros, meu pai, em consequência, aprendeu a falar 10 línguas, entre línguas e dialetos.²²

A chegada deste imigrante ao Brasil foi fruto de um infortúnio, com desdobramentos para uma vida social sem referências quanto de seus antepassados. Seguiu-se pistas pelos espaços sociais e instituições socializadas por esse judeu na cidade. Mas, existe um vazio sobre as condições sociais da sua família, se foram acometidos de perseguições por

²² Narrativas de Izarina Tavares da Silva, cedidas a Fabiana Fábio, através de questionário, recebido em 28 de Maio de 2018.

serem judeus ou não. O fato é que Isaac Israel era judeu e participava da comunidade judaica em Óbidos e das principais festas.

No livro de registro dos filiados da Loja Maçônica de Óbidos “União e Força” foi encontrado alguns dados pessoais de Isaac Israel, Figura 14. O documento responde algumas interrogações, uma delas é quanto sua idade e o tempo que passou a integrar a sociedade obidense. Isaac Israel nasceu no ano de 1892 do século XIX e, em 21 de junho de 1929, era residente na cidade de Óbidos. Segundo este registro, estava com 37 anos quando passou a integrar o grupo maçônico do município.

Figura 14 - Ficha de filiação de Isaac Israel na Loja Maçônica de Óbidos

Filialidade *União e Força*

Aug.: Loj.: Força e União

Matricula N. 161

Nome *Isaac Israel*, natural de _____ nascido em _____ de _____ de 1892, residência *Óbidos*, estado _____, profissão _____, aprovado em sess. n. *11* de *junho* de 1929. Proposto pelo *Claro*.

DATA DA ADMISSÃO (Ord. do Reg.)	DATA DOS CARGOS DO GRÃO	DATA DA COLAÇÃO	CARGO QUE EXERCE	ANOTAÇÕES
<i>21 de junho de 1929</i>	<i>21 de junho de 1929</i>		<i>maestrança</i>	<i>Filiado na Loja Maçônica de Óbidos, nº 161, em 21 de junho de 1929, com 37 anos de idade. Proposto pelo Claro. Aprovado em sessão nº 11 de junho de 1929.</i>

Fonte: Arquivo da Maçonaria de Óbidos.

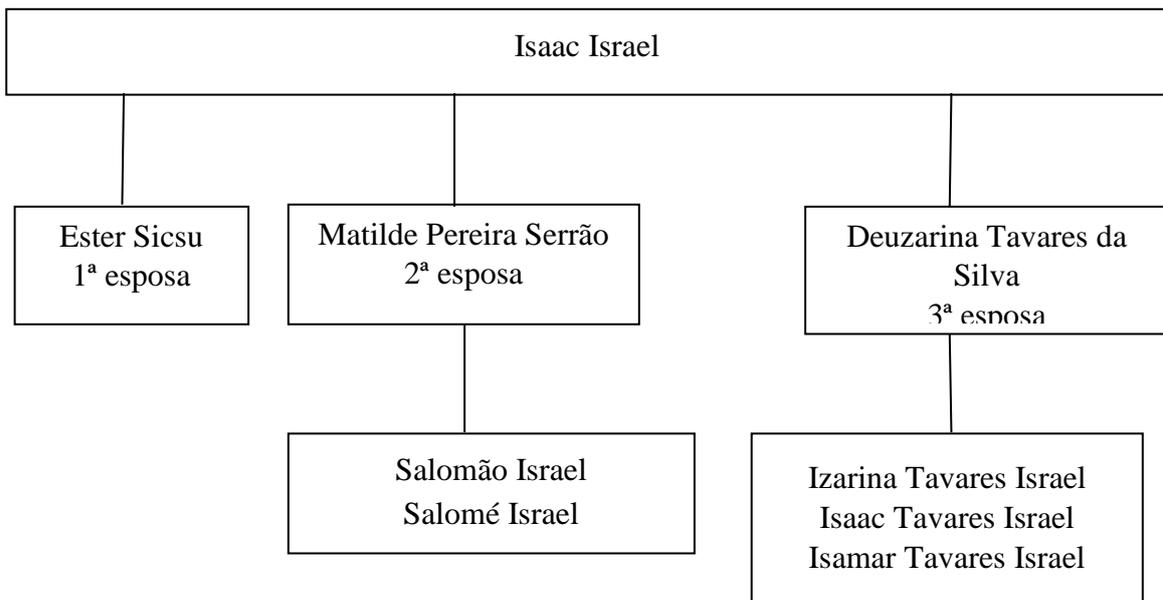
Tendo ainda como referência a ficha acima, notou-se que a nacionalidade, data e mês de nascimento estão em branco. É possível realmente que Isaac não soubesse onde nasceu, fazendo sentido quando confrontado com a narrativa da filha e o episódio de molecagem escolar, com 11 anos de idade; ou tinha dúvidas, por isso optou por deixar em branco nos dados do livro maçônico. “O documento histórico deve ser encarado como o resultado de uma montagem, consciente ou inconsciente, da história, da época, da sociedade que o produziu.” (LE GOFF, 1984, p. 103).

Izarina Tavares Israel ratifica que Isaac Israel passou a morar na Amazônia, primeiro em Ilha Afonso de Carvalho, vulgo Ilha das Cotias que antes de 1955 pertencia a município de Parintins, Estado do Amazonas. Nessa ilha, trabalhava com exploração e exportação de essência de Pau Rosa para a França, usada para fabricação de perfumes franceses. Após algum tempo na Ilha das Cotias, veio para Óbidos e abriu a loja “Casa

Brilhante”. E foi na região do Amazonas que construiu seu patrimônio, que deu base para investimento de um comércio na cidade.

Isaac Israel teve três esposas, Figura 15. Seu primeiro casamento foi com Ester Sicsu e não tiveram filho. Com Matilde Pereira Serrão, Isaac teve 02 filhos, o menino morreu ainda criança e Salomé Israel atualmente mora no Rio de Janeiro.

Figura 15 - Famílias de Isaac Israel



Fonte: Fábio (2018).

Isaac Israel separou-se e constituiu uma nova família, entre as décadas de 1945 e 1950, com Deuzarina Tavares da Silva, natural de Óbidos.

Na Figura 16, o casal aparece passeando em Óbidos. Seus filhos são: Izarina Tavares da Silva, que mora em Belém; e os gêmeos Isaac Tavares Israel e Isamar Tavares Israel, que nasceram e moram em Óbidos.

Figura 16 - Isaac Israel e Deuzarina Tavares



Fonte: Arquivo de família.

O filho Isaac Israel é Formado em Agronomia e foi por anos professor de Química na Escola Estadual de Ensino Médio São José, sendo ainda discente de Geografia pela rede municipal de ensino, na Escola Municipal de Ensino Fundamental São Francisco.

3.2.1 Vestígios históricos e geográficos de um judeu

Isamar Tavares Israel e Izarina Tavares Israel, mesmo morando distantes uma da outra, narram o mosaico da história de vida do pai. “O que eu lembro do meu pai é ele todos os dias debruçado num parapeito que tinha do lado, na direção da Serra da Escama lá em casa, orando para o sol, era uma oração muito bonita, eu não sei, a Izarina talvez saiba.”²³ Nos discurso suscitado, há uma luta pelo o que deseja lembrar quanto à identidade, costumes e tradições que sobreviveram na memória da descendente. Mas, Halbwachs (1990, p. 187) alerta, “não é possível reter uma massa de lembranças em todas as suas sutilezas e nos mais preciosos detalhes.”

Segundo Izarina Tavares Israel, Isaac entoava suas orações como uma espécie de canto sacro, em hebraico:

Sei que existe um único Deus que está no céu

²³ Isamar Israel. Entrevista concedida a Fabiana Fábio, em sua residência, em 24 de Março de 2018.

E que é meu Pai.
 Sei que ele tudo pode porque para é Senhor de todo o universo
 Desejo melhorar de vida, moral e materialmente,
 E, por conseguinte, deponho nas mãos de Deus
 As minhas responsabilidades, as minhas mãos,
 A minha mente e os meus negócios.
 Sei que vencerei todos os obstáculos
 Porque para Deus não há nada impossível
 E, assim aguardo a misericórdia Divina.
 Amém!²⁴

Não é possível saber se a oração acima pertence a tradição judaica, mas, ainda assim, se torna uma imagem refletida do passado. O fato é que os fundos da residência de Isaac Israel, Figura 18, são geograficamente na direção do nascer do sol, por trás de uma serra existente na cidade. Gagnebin (2006) para os “rastros, memória e escrita”. No discurso “(...) *ele todos os dias debruçado num parapeito, orando para o sol*”, nota-se a existência de um costume. Há um rastro, a residência que é o espaço da ação humana, as lembranças das vivências gotejadas pelos *flashes* da memória das vivências cotidianas. Para Halbwachs (1990) cada memória individual varia de acordo com o lugar social que é ocupado; e este lugar, por sua vez, muda em função das relações que se tem com outros meios sociais.

Haroldo Heráclito Tavares da Silva, figura pública, prefeito de Óbidos em várias gestões e deputado estadual, na infância, conviveu com Isaac Israel e fez uma minuta de sua convivência com o padrasto.

Quando ele casou com minha mãe eu tinha menos de 10 anos. Ele tinha uma casa chamada Casa Brilhante e vendeu essa casa para um cidadão chamado Chico Coelho. Vendia muita miudeza, do alfinete até café. Eu trabalhei com ele no comércio com 08 ou 10 anos, ajudando-o. Ele estava numa fase difícil financeira, estava se recompondo, nós ajudamos muito ele, minha mãe fazia doce, comida para fora. Fazia coisas para ele vender na loja. Foi progredindo e saiu da fase de falência.²⁵

Enquanto os Chocrón trabalhavam e se integravam de maneira cotidiana na sociedade obidense, há outros atores sociais que não eram muito aparentes na teia social. Por isso, levantou-se arguições sobre a vivência geográfica de Isaac Israel. A marginalização social ocultou no reduto geográfico a presença de Isaac Israel no tocante à Figura 17.

Há uma nulidade no “viver” como ser social, produtor de vestígios e história. A emblemática dessa marginalização pode estar associada ao imaginário social do passado de

²⁴ Narrativas de Izarina Tavares Israel, cedidas a Fabiana Fábio, através de questionário, recebido em 28 de Maio de 2018.

²⁵ Entrevista de Haroldo Heráclito Tavares da Silva, cedida a Fabiana Fábio, em janeiro de 2018 em Óbidos Pará.

Deuzarina Tavares da Silva. Esta como viúva de um oficial do exército, recebeu do falecido um terreno e uma casa de taipa, mas segundo Izarina Israel, foi Isaac Israel que deu outra feição arquitetônica para o imóvel.

Nas análises de Le Goff (1990, p. 576): “O monumento tem como características o ligar-se ao poder de perpetuação, voluntária ou involuntária, das sociedades históricas e o reenviar a testemunhos que só numa parcela mínima são testemunhos escritos.” Enquanto que a memória para Halbwachs (1990) é construída por grupos sociais e são esses grupos que determinam o que vai ou não ser lembrado, a memória, nesse sentido, é a reconstrução de fragmentos do passado da história.

Figura 17 - Antiga residência de Isaac Israel



Fonte: Fábio (2019).

Essa casa foi construída pelo meu pai, quando o finado Heráclito morreu, primeiro esposo da minha mãe. Era uma casa de taipa, dentro do quintal, dentro era de pau a pique, estacas. Quando meu pai casou com minha mãe construiu essa casa de alvenaria. Isso foi construção do meu pai, tinha um jardim, todo esse quarteirão até a radio Atalaia era do meu pai, ele deixou para nós. Do jeito que meu pai construiu está até hoje, havendo modificações apenas no muro.²⁶

O depoimento da filha de Isaac que mora em Belém trouxe olhares densos para essa invisibilidade. Essa residência na cidade é conhecida como da família “Heráclito”, primeiro esposo de Deuzarina Tavares, que foi Primeiro Tenente do Exército, morreu aos 33

²⁶ Narrativas de Izarina Tavares Israel, cedidas a Fabiana Fábio, através de questionário, recebido em 28 de Maio de 2018.

anos, ficando a viúva com 03 filhos, tendo como sustento uma pensão. Izarina Israel a chama de “pequena pensão” e diz que a mãe sustentava os filhos fazendo refeição para vender aos militares. Quando Isaac Israel entrou na vida de Deuzarina, era comerciante em Óbidos, dono da “Casa Brilhante”, mas, segundo Haroldo Tavares, estava vivenciando momentos de falência e conseguiu vencer.

No discurso da filha “(...) *todo esse quarteirão até a radio Atalaia era do meu pai, ele deixou para nós*”. A camuflagem da pessoa histórica-social aduz ao que Novaes (2017) chama de memória estética da injustiça, quando a verdade e a memória assumem duplo esquecimento. O passado mais recuado e seu personagem, na figura do falecido militar, construíram um relevo histórico, tornando-o como único sujeito histórico subjacente, e não Isaac Israel, que também construiu uma família com a viúva, cuidou dos filhos e ainda deixou uma herança patrimonial, indentitória evidente no depoimento de Izarina Israel.

Os traços históricos não verbais, como é o caso de monumentos, escondem um silêncio que manifesta uma mensagem, e este silêncio, por vezes, apresenta um discurso diferente do seu real significado intrínseco. Le Goff (1990) diz que existem evidências, precisando de reagrupação, pertinência e constituição ao conjunto a que pertence, fazendo com que sejam decifrados os traços deixados pelo homem.

Das buscas para ampliar a história de Isaac Israel em Óbidos, tendo como nexos o contexto social, o mais citado, pelas pessoas em Óbidos, é seu filho Isaac Israel, quando com frequência o chamam de judeu. Vê-se os vestígios do passado circulando no cotidiano da cidade. Benjamin (1987) acredita que só é possível recuperar o passado, se existir um presente que o busque. Caso não haja essa invocação, o passado é irrecuperável. Nesse caso, no imaginário de “alguns” obidenses a presença de Isaac é expressado na figura de seu filho. O presente acena e socializa com o passado, de forma inconsciente, no entanto, representativo e histórico.

Izarina Israel mensura como Isaac Israel foi um homem íntegro, bom caráter, bom pai e esposo, excelente provedor e comerciante atuante. Uma de suas estratégias, como comerciante, era não deixar um cliente sair sem comprar algo e também não deixar de comprar o que o caboclo trouxesse para vender. “Comprava painéis cheios de tucumã, que ele adorava comer com pão, painéis e mais painéis de tomates, que a minha mãe transformava em extratos de tomates e serviam para muitos meses.”²⁷ Ele sempre dizia: “Se eu não compro o tucumã, peixe, tomate, banana, quando ele trouxer couro, vai vender para

²⁷ Narrativas de Izarina Tavares Israel, cedidas a Fabiana Fábio, através de questionário, recebido em 28 de Maio de 2018.

quem comprar sua mercadoria. “Comprava e levava tudo para casa.”²⁸ Isaac era tão bom comprador como quanto cobrador. Tinha seu jeito peculiar de cobrar débitos de maus pagadores do seu comércio:

Em uma época que nunca se tinha ouvido falar em SERASA ou SPC, ele tinha seu próprio método de efetuar a cobrança a seus devedores. Pegava um quadro preto e escrevia em letras garrafais, maiúsculas, valor, tempo de atraso e nome do devedor e colocava na porta do comércio. A notícia rapidamente se espalhava pela cidade e mais rapidamente ainda, o inadimplente dava um jeito de pagar o que devia.²⁹

O modo de vida, impressões e socializações de um sujeito silenciado, recebe de Le Goff (1990, p. 540) um composto de vestígios históricos, quer seja, “uma palavra, com tudo o que, pertencendo ao homem, depende do homem, serve o homem, exprime o homem, demonstra a presença, a atividade, os gostos e as maneiras de ser do homem.”

O compartilhamento da memória de Izarina relacionou o passado silenciado, expresso pelo modo de vida pessoal de um imigrante na sociedade obidense. Isaac Israel foi acamado por problemas de saúde, que condicionou a vender a Loja Brilhante sem retirar nem uma mercadoria e dirigir-se a Belém em busca de tratamento médico.

Quando meu pai adoeceu e foi embora para Belém, ele vendeu a loja por um preço que jamais ouvi falar, aquele valor ainda está na minha mente (Dois Milhões e quinhentos mil contos de réis), vendeu para única pessoa que tinha condições de comprar na época, Chico Coelho, um português. Os planos do papai era voltar e recomençar tudo, adquirindo outra loja. Ele ainda fez 3 cadernetas de poupança no Banco do Brasil, com nome de cada criança, que era para pagar nossos estudos, mas, depois minha mãe precisou retirar o dinheiro para nos sustentar. Morávamos bem em frente aos canhões do Quartel.³⁰

Izarina Israel complementa “Não sei ao certo a idade em que ele faleceu, pois, foi-me informado por minha mãe que ele teria 64 anos, acredito que uma idade que ele mesmo escolheu quando saiu de sua cidade natal.”³¹ Segundo a mesma interlocutora, eram tempos sem planos de saúde e nem INSS. A família pagara altos custos pelo tratamento, com ênfase a uma cirurgia renal, hospitalização, tratamentos particulares e outras despesas. Mesmo assim, faleceu por complicações dessa cirurgia.

Confrontando a história oral de uma Israelita com os dados levantados por Benchimol (1998) no Cemitério Israelita Novo Guamá em Belém, confirma-se que Isaac

²⁸ Id.

²⁹ Narrativas de Izarina Tavares Israel, cedidas a Fabiana Fábio, através de questionário, recebido em 28 de Maio de 2018.

³⁰ Id.

³¹ Id.

Israel foi sepultado na capital do estado. No entanto, mais um vazio concernente ao tempo imperou na história de Isaac Israel, a lápide não tem data de falecimento. Mistério no nascer, mistério no morrer.

3.3 A História do Casal de Judeus Egípcios, Yomtob e Rebecca Hamoy

Yomtob e Rebecca Hamoy eram ainda jovens, quando imigraram de Alexandria, no Egito, norte da África, para a Amazônia. Yomtob Hamoy nasceu no Egito, em 1900; Rebecca, em Port Said, na Alexandria, em 1905. Viveram infância e adolescência no Egito, mas Yomtob conheceu o Brasil e a região Amazônica quando esteve com o pai. Voltou ao Egito em 1923, especificamente, para casar-se com Rebecca.

Iniciava em terras faraônicas o elo familiar de uma das mais tradicionais famílias judaicas do Oeste paraense, os Hamoy. Conforme a Figura 18, em 22 de junho de 1923, o casal obteve a autorização para deixarem o Egito com destino ao Brasil. Por anos, se integraram na sociedade obidense, fortaleceram o judaísmo e tornaram-se prósperos empresários.

Figura 18 - Passaporte de imigração de Yomtob e Rebecca



Fonte: Arquivo de família.

O caso do casal Hamoy é defendido pela corrente filosófica judaica de Benchimol (2009) de imigração familiar qualificada, baseado na formação familiar antes da imigração e

geralmente ainda jovens. E o cerne dessa conjuntura é racional, ou seja, um projeto de vida com ímpeto de ser estabelecido num determinado lugar. Tão intenso quanto o desejo de terem muitos filhos e assim homenagearem seus antepassados, dando nomes aos mesmos.

Tanto que a teoria do escritor converge com o conteúdo da Figura 19, “*Certificat de Mariage*” (certificado de casamento), indicando que a união judaica aconteceu em Alexandria em 10 de junho de 1923, celebrado pelo rabino Moises Azulai, dentro dos preceitos da Comunidade Israelita de Alexandria no Egito.

Figura 19 - Certidão de casamento de Yomtob e Rebecca



Fonte: Arquivo de família.

Em sua ficha de filiação à Loja Maçonica em Óbidos, Figura 20, Yomtob Hamoy se autodeclara residente em Óbidos desde 17 de junho de 1931. Sua inserção à maçonaria é a evidência mais objetiva e temporal dos vínculos sociais e institucionais desse ator social na sociedade local. Apesar de escritos do Museu Contextual de 1987 declarar: “Em 1930, a família Hamoy mudou-se para Óbidos.”

Figura 20 - Filiação de Yomtob na Maçonaria

Aug.: Loj.: Força e União

Matricula N. 180

Nome Yomtob Hamoy, natural de Alyandria nascido em 10 de Março de 1900, residência em Óbidos estado Piauí, profissão Comunicação Aprovado em sess.: n. 17 de Junho de 1931 Proposto pelo Hosp.: Sr. José Judah Ry e Afone, Baulichak

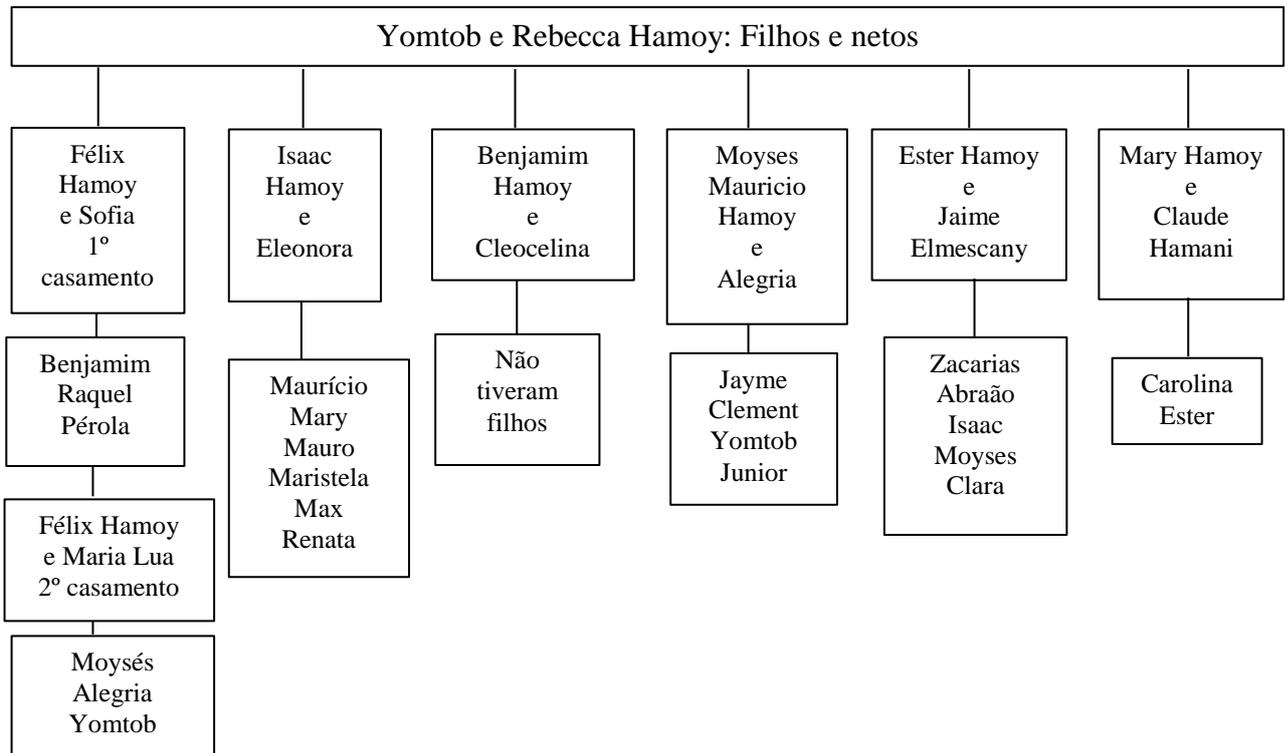
Data da admissão (Ano, M., e dia)	Data das eleições das grades	DATA DA COLLAÇÃO	CARGO QUE EXERCE	ANOTAÇÕES
7-12-931	Sr. 2.º em 24-2-932 Sr. 3.º em 24-4-932	Sr. 2.º em 11-2-932 Sr. 3.º em 29-4-932	Óbido, Piauí em 24-6-935. Releito em 24-6-936. Formou-se em 24-6-36	Visto leitura de Benjamin Ha moy e D. Esther Hamoy, etc. Jo. J. J. J.

Fonte: Arquivo da Maçonaria de Óbidos.

Segundo o Jornal “O Liberal (1999)”, Yomtob e Rebecca iniciaram sua trajetória de imigração, tendo a família como pilar da conjuntura pessoal e religiosa, a esposa dedicando-se e sendo exemplo ao lar judaico. Moraram em Sapucaá, próximo a Oriximiná, numa casa de palha, com materiais tirados da própria floresta, com assoalho suspenso, para que em períodos de enchentes as águas desaguassem por baixo do casebre. Durante as noites Amazônicas, onças arranhavam a porta.

Yomtob falava português porque havia vivido no Brasil com seu pai, mas Rebecca foi aprendendo com facilidade e completou seu leque de idiomas, tinha o domínio de cinco línguas.

O casal teve oito filhos, dois faleceram recém-nascidos, e não constam na descrição familiar, Figura 21.

Figura 21 - Família de Yomtob e Rebecca, filhos e netos

Fonte: Fábio (2018).

Benchimol (2009), acredita que a procriação consecutiva evidencia o caráter gregário e doméstico de construir um lar judaico, em que os preceitos da religião fossem assegurados. O casal trabalhava junto no comércio, na exportação de produtos regionais. Compraram, do Senhor Ascendido Monteiro Nunes e Olívia Monteiro, a casa construída na antiga rua da praia, nas beiradas da cidade de Óbidos, que na época chamava rua Figueiroa e hoje é a rua Siqueira Campos.

Para Veltman (2005), Rebecca afirmou não ter encontrado dificuldade para viver na Amazônia. Disse que os caboclos são amáveis e gentis comparados ao muçulmano. Ressaltou também que o clima era mais agradável do que o imaginado. Ainda salientou que na Amazônia se tem trabalho e pouco lazer. Quando Rebecca menciona quão gentis são os moradores da Amazônia, provavelmente se referiu aos conflitos éticos e religiosos que eram comuns no Oriente Médio.

Rebecca Hamoy, conforme se observa no comprovante da Receita Federal de 1987, pagava uma taxa de imigração e atualizava seu recadastramento como estrangeira, Figura 22. Já Yomtob Hamoy entrou com pedido de naturalização, de acordo com a Lei 818 de 18 de Setembro de 1949, passando a ser cidadão brasileiro em 10 de janeiro de 1951.

Figura 22 - Comprovante de pagamento de naturalização

MINISTÉRIO DA FAZENDA DOCUMENTO DE ARRECADAÇÃO DE RECEITAS FEDERAIS - DARF		CPF 012.697.632-53	16.02.87	087/0002-2
NOME COMPLETO DO CONTRIBUÍVEL REBECCA HAMOY		01 NÚMERO 336	02 COMPLEMENTO (ALIAS, SÉRIE, ETC) altos	03 DATA DE NATALIDADE 13/02/1987
04 ENDEREÇO (RUA, AVENIDA, PRAÇA, ETC) Rua Siqueira Campos		05 Nº DO REGISTRO 68250	06 TIPO DO REGISTRO CIBI03	07 VALOR DA U.F. Pa
08 MUNICÍPIO oeste	09 ESTADO PA	10 DATA DE EMISSÃO 1987	11 REFERÊNCIA	12 VALOR DO ESTADO DO PARÁ S/A 26040/0501
13 ESPÉCIE DE CONTRIBUIÇÃO TAXA DE MIGRAÇÃO RECADASTRAMENTO DE ESTRANGEIROS		14 QUANTIDADE 1361	15 VALOR - U.F. 328,38	16 VALOR - G\$
17 MULTA E/OU JUROS		18 VALOR - U.F.	19 VALOR - G\$	20 VALOR - G\$
21 CORREÇÃO MONETÁRIA		22 VALOR - U.F.	23 VALOR - G\$	24 VALOR - G\$
25 ATENÇÃO: PRELÂMBIO DO DARF A MÁQUINA OU EM LETRA DE FORMA		26 TOTAL	27 VALOR - U.F. 328,38	28 VALOR - G\$
AUTENTICAÇÃO				
09505213F8007 0328-38R0894 Autorizado p/ Ato Declaratório - SRRF/DIEF Nº 001 de 07/01/87 - p/ CGC 00100764-0/001-13-0 EMPRESA GRÁFICA GUTENBERG LTDA. - SIG. Q. 04 Nº 125 - DF				

Fonte: Arquivo de família.

Passaporte, certidão de casamento, ficha maçônica podem apresentar narrativas temporais e espaciais que, por ora, falam, ou se calam. Tanto que Le Goff (1990, pp. 547-548) apregoa:

O documento não é inócuo. É antes de mais nada o resultado de uma montagem, consciente ou inconsciente, da história, da época, da sociedade que o produziram, mas também das épocas sucessivas durante as quais continuou a viver, talvez esquecido, durante as quais continuou a ser manipulado, ainda que pelo silêncio. O documento é uma coisa que fica, que dura, e o testemunho, o ensinamento (para evocar a etimologia) que ele traz devem ser em primeiro lugar analisados desmistificando-lhe o seu significado aparente.

3.3.1 Mobilidade econômica e social dos Hamoy

Yomtob Hamoy ao chegar na Amazônia, enquanto morou em Sapucaá, exerceu a atividade de regatão. Do ponto de vista das autoridades, desde tempos de províncias, ser regatão era navegar fora dos portos (HENRIQUE E MORAES, 2014). Regatear na Amazônia significava desvendar os labirintos existentes nas regiões interioranas de comunidades varjeiras, na busca de produtos que pudesse comercializar como: juta, Jutaicica, cumaru, babaçu, couro de jiboia, onça, jacaré, jacuruxi, enfim, tudo que pudesse ser vendido ou trocado na cidade mais próxima por gêneros de primeira necessidade.

Para Hamoy (2009), essa capacidade de fazer transações é herança de seus antepassados egípcios que, bem antes da era Cristã, já comercializavam corantes, perfumes, medicamentos, ervas, práticas comprovadas através de pergaminhos encontrados no Egito. Na Amazônia, o caboclo da várzea investia partes de suas terras na plantação de juta entre os

meses de Novembro e Dezembro. Março e Abril era época de cortar a juta em feches, afogar na água durante dias, para o processo de amolecimento das fibras. O puxirum reunia homens e mulheres para “lavar juta”. Isso significava enfrentar sol e chuva o dia todo, na maioria das vezes, imersos e apenas com os ombros fora da água. E, para suportar essa árdua dinâmica de trabalho, a bebida alcoólica era quase um ingrediente indispensável.

Com 02 ou 03 dias no sol, a fibra estava pronta para ser separada por tamanho e com técnicas rudimentares se produzia fardos de variados tamanhos, alguns chegavam a pesar até 40 quilos. Nesse cenário, compradores, como Yomtob e outros, aportavam nas comunidades ribeirinhas comprando a matéria-prima. Nesse enredo de negociação, o caboclo comprava gêneros alimentícios. A venda da juta na comunidade não era regra, quando não passava no porto um regatão, ou por fidelidade com outro comprador, o dono da juta se dirigia à cidade para vender.

Quando a situação desses pioneiros se consolidavam, eles abandonavam o interior e passavam a se fixar nas pequenas cidades (BENCHIMOL, 2009). É o que se desenha nos primeiros 07 anos de interiorização dessa família na região Amazônica. A primeira mobilidade social se rege pela saída da condição de moradores varjeiros e adentram a integração urbana da cidade.

Na Figura 23, ponto A, tem-se, no imóvel mais alto, a primeira aquisição da família. No ponto B da mesma figura, todo o perímetro englobou as aquisições dos Hamoy. São casas comerciais, algumas ainda preservam sua arquitetura original, outros foram reformados e compunha o patrimônio ao longo do século XX. Alguns imóveis ainda pertencem a descendente da família.

Figura 23 - A e B: Propriedade dos Hamoy



Fonte: Arquivo de família.

Os efeitos nefastos da II Guerra Mundial atingiram vários aspectos da vida humana em muitas regiões do planeta. A economia de diversos países sofreu atrofiação por anos. Óbidos foi globalizada nessa crise mundial, atrofiando a classe comercial. A pausa em investimentos era o mais sensato em fazer, principalmente, por se tratar de imigrantes que comercializavam internacionalmente. Era arriscado comprar produtos, sem demanda de compra pelo mercado.

A exceção dessa regra foi Yomtob Hamoy que, em todo período da guerra, continuou comprando castanha-do-brasil. A safra continuava a todo vapor, vendedores próximos, recorriam a Óbidos na tentativa de negociar. Sem demanda de exportação, fez o preço atingir níveis baixíssimos. O judeu arriscou na compra, crendo que haveria uma reviravolta no preço. Os armazéns dos Hamoy ficaram superlotados de castanha (HAMOY, 2009). As tensões da guerra eram eminentes, e os prejuízos financeiros inflava a economia local.

O Terceiro Reich finalmente caíra em 1945, o suicídio de Hitler e o fuzilamento de Mussolini simbolizavam um recomeço para algumas nações, que foram destruídas com esse evento, analisado como um dos mais trágicos e desumanos fatos da história contemporânea. Para os Hamoy, em Óbidos, a vitória dos Aliados teve os seguintes reflexos:

Logo após o término da guerra, as toneladas de castanhas que abarrotavam três armazéns passaram a ser disputadas a preço de ouro. Subira mais de mil por cento. Foi vendida para o próprio mercado interno. De Belém, capital do estado, vieram as melhores ofertas, mesmo assim Yomtob não fechou logo negócio. Alugou duas balsas e rumou para a capital. Deu sorte. [...]. Ao chegar a Belém fez um verdadeiro leilão (HAMOY, 2009, p. 60).

A reviravolta redimensionou os investimentos e a aquisição de posses dos Hamoy que, entre os anos de 1940 a 1980 do século XX, tornaram-se, em Óbidos, um dos grupos sociais de maior expressão econômica. O trabalho racionalizado, senão em todas/quase, as atividades econômicas que a cidade proporcionava foi por mera sorte?

Lemle (1967) explica que existe na vida judaica uma obrigação comportamental que envolve adaptação às novas circunstâncias e uma busca em corresponder às necessidades ou oportunidades. Hamoy (2009) confessa que Yomtob gostava de ganhar e gastar dinheiro, mas também de economizar quando fosse necessário. O contato com o velho mundo também foi mantido, como se vê na foto família Hamoy em viagem pela Europa, Figura 24.

Figura 24 - Família Hamoy na Europa



Fonte: Extraído do Livro “Yomtob ia virar sabão”.

Yomtob e Rebecca fizeram reservas numa poupança e investimentos em dólares em algum banco nos Estados Unidos (HAMOY, 2009). Se caso acontecesse algo de desastroso na família, não recomençariam como mais uma família de judeus pobres morando no subúrbio de Nova York (HAMOY, 2009). Crê-se não se tratar de valores baixos, e sim proventos que iam além do suficiente para sobrevivência familiar, que já era relativamente grande composta de vários filhos, netos.

O capital foi investido nos mais ousados ramos da economia, tendo a castanha e juta ainda como “pilares econômicos” da cidade. Ribeirinhos e “centreiros”³², em cada safra, abasteciam o setor urbano com esses produtos. Os moradores da região da várzea garantiam-se com a produção da juta e os moradores de terra firme, à época chamados de centreiros, eram os donos dos grandes castanhais.

Essa ebulição financeira proporcionou, durante anos, bases de emprego e renda para a população local. A Usina Pérola empregava homens para o trabalho manufatureiro da fibra de juta. Cerca de 80 homens trabalhavam rotineiramente carregando fardos de juta, enquanto outros prensavam as fibras para serem embarcadas e vendidas. Os navios aguardavam a vez no porto da cidade para abastecer o mercado interno e externo.

³² Em Óbidos, a expressão ainda hoje é usada para se referir ao morador da Terra Firme, que em outras regiões é chamado de Planalto.

Yomtob Hamoy, desde sua chegada à cidade, foi abatido por uma insuficiência hepática em 1963, culminando com sua morte em 1965. Seu filho Isaac Hamoy tomou a frente os negócios da família, com a fiel ajuda de alguns irmãos. Fortunato Chocrón reconhece que foi Isaac Hamoy quem montou a primeira usina de castanha. Era audacioso como industrial e honesto.”³³

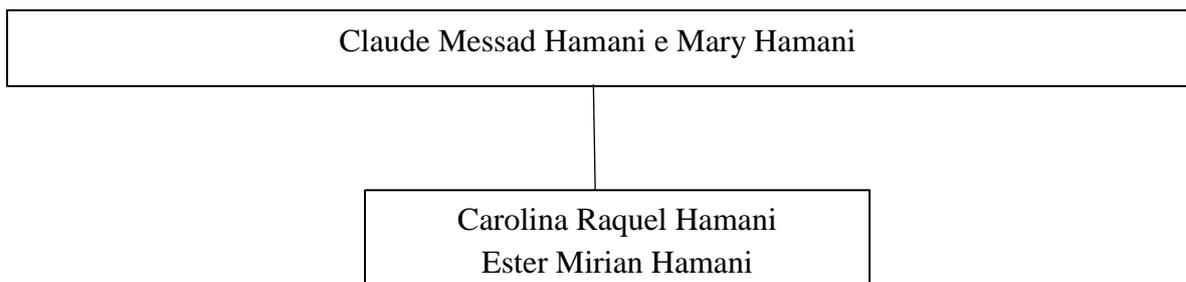
3.4 Claude Messad Hamani de Casablanca para a Amazônia

A família Hamoy vincula-se com a história de Claude Hamani, não apenas por questões matrimoniais, mas por ser primo dos egípcios. Claude Hamani, hoje com 75 anos, é natural de Casablanca, território marroquino, que anos esteve sob o domínio do protetorado da França.

Discrição e resistência judaica melhor descrevem a Claude Messad Hamani. Nos dois anos desta pesquisa, foi perceptível como o viver amazônico está impregnado em sua identidade, tal como de suas raízes, quando a língua francesa respinga no português.

Em Óbidos é chamado por “seu Cláudio”. Poucas pessoas o chamam pelo nome francês “*Claude*”. Mora em Óbidos desde 1966 quando casou-se com Mary Hamoy, filha caçula de Yomtob e Rebecca, Figura 26.

Figura 25 - Família de Claude Messad Hamani



Fonte: Fábio (2018).

Sou filho de uma costureira de luxo da alta sociedade de Casablanca. Tínhamos um apartamento de quase mil metros quadrados, móveis importados, tapetes. Nunca nos faltou nada. Meu pai trabalhava na General Motos, vendedor e depois chefe de

³³ Fortunato Chocrón. Entrevista concedida a Fabiana Fábio, na Usina de Castanha Boa Esperança, em 19 de Dezembro de 2018.

expedição. Ele despachava carros e peças da empresa. Em 1960 ele se aposentou. Tenho 02 irmãos, Marie e Jacques, que moram em São Paulo.³⁴

Figura 26 - Claude Hamani e Mary Hamoy



Fonte: Extraído do Livro “Yomtob ia virar sabão”.

A paz e o bem-estar da família de Claude Hamani, descrita acima, logo acabara em 1956. Marrocos, situado no norte da África, era um protetorado Francês, que em 1956 conquistou sua independência, marcada por terrorismo e conflitos. Quando os árabes conseguiram a emancipação ficou inviável a vida para quem era Francês. Envolto nesse enredo, Claude Hamani descreve a situação circunstancial que responde aos questionamentos, quanto à imigração:

Sáímos com a roupa do corpo, por sorte e amizade que minha mãe tinha, conseguiu vender o nosso apartamento. Nossa vinda para o Brasil foi pela Independência de Marrocos e os franceses não tinham mais expectativa e condições de vida. Como minha mãe tinha muitos clientes judeus que já estavam no Brasil, a incentivaram a vir. Minha mãe veio como turista em 1959 e meu pai viajou para a França em busca de ver se podiam montar algum negócio lá. Na França a concorrência era muito grande, precisava de capital alto para se investir em algo. Enquanto isso, a famosa costureira, Madame Esther Hamani de Casablanca, reencontrava as amigas e antigas cliente em São Paulo. E juntos, decidiram vir morar no Brasil. Infelizmente, 06 meses depois meu pai faleceu e nem pode desfrutar da vida tranquila.³⁵

No site “Marrocos.com”, encontra-se breve uma narrativa da história marroquina, com ênfase na vertente religiosa. “Por volta de 1959, qualquer coisa que estivesse relacionada

³⁴ Claude Messad Hamani. Entrevista concedida a Fabiana Fábio, em sua residência na cidade de Óbidos em 03 de Novembro de 2018.

³⁵ Claude Messad Hamani. Entrevista concedida a Fabiana Fábio, em sua residência na cidade de Óbidos em 03 de Novembro de 2018.

como sionismo era ilegal em Marrocos, por isso a única opção era fugir. Milhares de judeus refugiaram-se na França e também nas Américas – muitos foram para o Brasil.³⁶

Hamoy (1999) descreve esse imigrante como trabalhador, simples e honesto. Claude Hamani fala fluentemente francês e espanhol, aprendeu também o português. Aos 16 anos havia concluindo educação secundária, com formação em Contabilidade, logo foi inserido no mercado de trabalho brasileiro. E descreveu a seguir como se deu sua conexão com a Amazônia:

Em 1965 estive aqui no Norte, onde conheci uma senhora chamada Mary Hamoy e tudo bem começamos a conversar, não era bem namoro, era uma simpatia né. Ela esteve em São Paulo e começamos a namorar e, em 1966, casamos na cidade de São Paulo. E fui convidado pelo irmão dela, Isaac Hamoy a fazer parte da equipe de trabalho dele. E vim para Óbidos. (Eretz Amazônia, 2005).³⁷

O casamento aconteceu numa sinagoga em São Paulo, cumprindo uma das idealizações de Rebecca e Yomtob Hamoy (HAMOY, 2009). São fortes as evidências de que, por Claude ser judeu e as lutas da matriarca pela sobrevivência do judaísmo na família, engessaram e imperaram forças para o casamento. Os judeus como grupo étnico religioso priorizam por endogamias que possam garantir sobrevivência e continuidade cultural como grupo, enquanto outros grupos são mais propensos a exogamia (LINS, 2010).

Constituir família para esses indivíduos é maximizado também como sistema de defesa. Estender a família a outras era mais relevante que apenas a família nuclear. Casar ainda em idade de ter filhos, assegurava fortalecer os laços da família, dentro dos parâmetros judaicos (JOHNSON, 1995).

A união de Claude e Mary também conectou e ampliou os laços parentais, haja vista que eram primos, filhos também de imigrantes e pertencentes a mesma religião. Para Johnson (1995, p. 20), “(...) o casamento era uma transação comercial e social destinada a manter a sociedade unida.” Acredita-se que arranjos temáticos, como o casamento, preservam certas relações funcionais, neste caso, principalmente interna, de um determinado grupo, tendo como resultado continuidade histórica simétrica de uma cultura.

Claude Hamani passou a trabalhar como gerente dos empreendimentos da família Hamoy em Óbidos, tendo Isaac Hamoy como célula promissora das bases econômicas na cidade. Trabalhou 05 anos com o cunhado, “(...) eu tomava conta de tudo, ele viajava muito,

³⁶ Disponível em: <<https://www.marrocos.com/religiao/judeus-marroquinos/>>. Acessado em 18 de Fevereiro de 2019, às 09:30:20.

³⁷ Documentário para a TVE do Brasil, feito por David Salgado e Alan Rodrigues em 2005. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=ZlvxIl6Hp-o>>. Acessado em 19 de Fevereiro de 2019, às 17:50:31.

ajudei a montar a usina, principalmente na organização e processo administrativo, mas não deu certo, eu sai.»³⁸

Hoje o imigrante leva uma vida visivelmente discreta e simples. Tem uma loja no térreo de sua residência, mora com as duas filhas. A loja possui características do século XX, sem traços de reformas e modernização, localizada na Rua Siqueira Campos. A clientela resume-se em moradores de áreas ribeirinhas e planalto. O fluxo comercial é pequeno, ainda assim Claude e suas filhas estão rotineiramente com a pequena loja aberta.

3.4.1 Um judeu na cercania do crematório nazista

Eu nasci em 1944 em plena guerra. Na noite que nasci os americanos desembarcaram em Casablanca, Marrocos, cortaram toda a energia. Nasci à luz de vela, em meio a bombardeios. Eles primeiro jogaram folhetos avisando que haveria o bombardeio para ninguém se assustar e que iriam bombardear só as bases nazistas. A quinta coluna formada pelos espões alemães, com a ajuda dos árabes que tinham raiva dos franceses, espionagem nazista e os fornos crematórios, já haviam sido instalados na cidade para matar todos os judeus. Os árabes ameaçam a população judaica, que brevemente seriam queimados.³⁹

Clement Hamani pai de Claude Hamani serviu o exército francês durante a II Guerra Mundial em 1943, foi mandado para o Congo. Enquanto isso, sua família, em Casablanca estava próxima aos nazistas. Os nazistas ocuparam a região em 1944, e começaram a construir os fornos crematórios no mesmo ano. Os aliados, para enfraquecer o avanço do território dominado por Adolf Hitler, inseriram uma metodologia para atualizar a população local dos episódios eminentes.

Os relatos de Claude Hamani estão ligados às concepções de Adorno (1995) que reconhece as crueldades insanas que foi o holocausto, o como a humanidade deveria se comportar, principalmente na tomada de conhecimento e consciência do que ocorreu nos campos de extermínio, no caso em estudo, do que poderia vir a acontecer, caso os rumos da II Guerra Mundial fossem diferentes.

Por isso, Adorno alerta que a humanidade precisa saber o que houve, exatamente para que essas coisas horrendas não se repitam.

A minha salvação foi a chegada dos americanos, antes de sermos apanhados pelos nazistas. Os americanos *pra* despistar os alemães, fizeram um desembarque na

³⁸ Claude Messad Hamani. Entrevista concedida a Fabiana Fábio, em sua residência na cidade de Óbidos em 03 de Novembro de 2018.

³⁹ Claude Messad Hamani. Entrevista concedida a Fabiana Fábio, em sua residência na cidade de Óbidos em 03 de Novembro de 2018.

África, para os alemães pensarem que eles entrariam pela Itália. A estratégia americana salvou os judeus de Casablanca e de Marrocos também. Após a guerra, foi instalado uma base em Casablanca chamada “Nouasseur”, que deu muito emprego para judeus, principalmente para quem falava o inglês, minha irmã Marie ainda trabalhou muitos anos nessa base americana.⁴⁰

É válido também distinguir as diferenças dos relatos do interlocutor, dentro das abordagens de história e memória. O depoimento que detalha como sua família escapou do nazismo não compõe suas lembranças, porque há um recuo no tempo que condiz com seu nascimento. No entanto, a memória canalizada pelo presente como sujeito individual, pode estar casada com a memória coletiva.

Halbwachs (1968) acredita que a memória seleciona, negocia e concilia aspectos individuais e coletivos. Neste caso, temos o trauma coletivo, o holocausto nazismo que impera forte emoção e sofrimentos aos judeus. E a família Hamani, nesta análise, é enquadrada como componente grupal.

Como judeu, a memória de Claude não vivida, ocupa um lugar de identificação pelo grupo étnico e religioso ao qual pertence. Verifica-se como Claude fez narrativas de alguns lugares da memória como data de nascimento e sua vinda para o Brasil. Ele também consegue fazer descrições sobre lugares e condições sociais vividas em Casablanca. Que constituem elementos da sua história de vida, disposta e conectada com eventos da história do Marrocos, contudo não estão conectadas com sua memória pessoal, e sim, com sua memória coletiva.

Para Pollak (1989), os nazistas impregnaram nos judeus também rastros das atrocidades que ainda iriam ser submetidos, por exemplo, ao citar as listas de quem seria deportado e os locais onde a organização do holocausto estava sendo gestada.

Parece provável que haja no discurso do interlocutor, “(...) *que os fornos crematórios já haviam sido instalados na cidade para matar todos os judeus*”, um acirramento da memória oprimida e silenciada do que os esperava.

Eram múltiplas as formas tangíveis e intangíveis que conduziam judeus ao caminho da morte. Ao que parece, a família Hamani esteve exposta às circunstâncias comuns a muitos judeus durante a Segunda Grande Guerra. Em memória aos que não tiveram a mesma chance, Claude Hamani desabafa:

Desde os primórdios, tentaram destruir o povo judaico, nosso calendário marca 5780 anos, vários povos tentaram nos destruir, ninguém conseguiu. Os faraós se

⁴⁰ Claude Messad Hamani. Entrevista concedida a Fabiana Fábio, em sua residência na cidade de Óbidos em 03 de Novembro de 2018.

acabaram, assírios, romanos, todos tentaram. A religião é o elo que une e fortalece os judeus como povo. Você vai nos Estados Unidos ou onde for, os judeus se juntam, se ajudam. Somos indestrutíveis, possuímos uma cultura e riqueza como povo.⁴¹

Os Hamani em Óbidos dedicam-se ao trabalho no comércio da família. Por Claude ser membro da Maçonaria, a família participa dos eventos sociais da instituição como pode ser observado na Figura 27, família judaica, formada pelo pai que compõe a terceira geração de judeus marroquinos e as filhas descendentes da quarta geração de imigrantes judeus.

Para Lemle (1967), a dispersão judaica, mesmo para regiões remotas, não impediu que alguns educassem seus filhos dentro das tradições, que promove o legado religioso e cultural como povo israelita.

Figura 27 – Claude Hamani e as filhas Carolina e Ester



Fonte: Arquivo de família.

3.4.2 Caroline e Ester Hamani: símbolo de resistência judaica

Caroline e Ester são filhas de Claude Hamani e Mary Hamani, Figura 25. São judias primeiro pela tradição hereditária e religiosa, por serem filhas de mãe judia, “uma pessoa só é considerada judia se for descendente de mãe judia, a fé do pai é irrelevante.” (JOFFE, 2017). Segundo, por seguirem a religião judaica, receberam dos pais ensinamentos e princípios, que são fatores adicionais que comungam religião e tradição, no tocante ao

⁴¹ Claude Messad Hamani. Entrevista concedida a Fabiana Fábio, em sua residência na cidade de Óbidos em 03 de Novembro de 2018.

pertencimento do grupo. Para as duas irmãs Ester e Caroline foi feita uma pergunta: Como é ser judia em Óbidos?

Ser judia é receber toda a tradição judaica e tentar manter essa tradição em Óbidos no Pará, que é muito difícil, que é na Amazônia. Nós tentamos manter a tradição, quando eu vou a Belém no Pará, costumo frequentar a sinagoga *Shaar Hashamin*. E quando estou em São Paulo, frequento o Centro Israelita Paulista que é na rua Antônio Carlos.⁴²

Sou filha de judeus. Ser judeu é seguir os mandamentos de Deus, eu gosto da minha religião, do *Pessach* que faz parte da cultura judaica Os judeus estão acabando, mas eu pretendo continuar no judaísmo, casar com um judeu. Deus já sabe meu desejo, deixo nas mãos dele. Eu frequento a sinagoga em São Paulo quando viajo. Minha mãe me ensinou tudo de *Pessach*, *Rosh Hashaná*.⁴³

Visualiza-se nos relatos uma síntese do que é o judaísmo. É um componente adquirido pela educação, inculcidos pelos pais. “Os filhos só verão a religião como uma fonte de força, estímulo e alegria se observarem essa atitude no lar.” (SOBEL, 1984, p. 315). A religião é endossada por um enfoque étnico moral refletido pela ação de criar uma atmosfera que impacta o viver. Para Carolina Hamani: “*Ser judia é receber toda a tradição judaica e tentar manter essa tradição em Óbidos.*”⁴⁴

Quando Ester Hamani traduz seu lamento em relação à diminuição da influência do judaísmo, ela faz referência ao contexto local, pois tanto Ester como Carolina vivenciaram tempos em Óbidos que a comunidade judaica era mais extensa. Ainda assim, Ester posiciona-se como resistência quando diz que pelos parâmetros judaicos se casará com um judeu, sinalizando ser uma das formas de contribuir para que sua religião não desapareça.

Para o Rabino Henry Sobel (1989), os termos práticos de uma existência judaica perpassa por um processo dinâmico impresso pelo modo de vida que pais dão aos filhos, que para os judeus comunga religião e ética, leis e ideais, doutrina e ação.

As irmãs trabalham com o pai no comércio, fazem atividades simples relacionadas a questões financeiras da família e participam de uma vida social em Óbidos de forma discreta. Pelas interlocuções mantém contato com Belém e São Paulo por terem parentes lá. E nesses dois estados conseguem participar ativamente das tradições judaicas. Em Óbidos, participam do carnaval, um evento cultural conhecido no Oeste paraense, em diálogos

⁴² Carolina Hamani. Entrevista concedida a Fabiana Fábio, em sua residência na cidade de Óbidos em 05 de Novembro de 2018.

⁴³ Ester Hamani. Entrevista concedida a Fabiana Fábio, em sua residência na cidade de Óbidos em 05 de Novembro de 2018.

⁴⁴ Carolina Hamani. Entrevista concedida a Fabiana Fábio, em sua residência na cidade de Óbidos em 05 de Novembro de 2018.

pertinentes à pesquisa, mencionaram que entram em igrejas católicas, assistem às missas. E reiteraram que isso não subtrai a religião que seguem.

Questionou-se os entraves mais comuns para vivências que invocam a tradição do judaísmo em Óbidos: “Considero a falta de alimentos adequados para o judaísmo, que muitas vezes são escassos. Na Amazônia tem muitos peixes que judeus não comem.”⁴⁵ O relato de Carolina Hamani compõe o enredo de embaraços históricos inerente aos judeus, não apenas em Óbidos, como também no contexto Amazônico. A culinária judaica necessitou construir seus arranjos de adaptação aos elementos disponíveis na Amazônia, “como o caso do maxixe em calda, que, era utilizado as vezes no lugar da ameixa, componente típico da culinária de Marrocos.” (LINS, 2002, p. 371).

3.5 Os Cohen: Comerciantes, Profissionais e uma Incógnita

Os “Cohen” compõem uma aparelhagem heterogênea de judeus imigrantes de nacionalidade Marroquina que vieram para o Brasil e Amazônia. Bentes (1987) assegura que apesar dos nomes judaicos serem homônimos, que nem sempre possuem grau de parentesco. O registro mais remoto de um Cohen em Óbidos, conforme Figura 28, é de Salon, filiando-se na Maçonaria em 1923.

O documento comprova que este imigrante era natural de Salé em Marrocos, solteiro, nascido em 24 de Novembro de 1891, declara-se comerciante e residente em Óbidos. Foi incorporado como membro da confraria maçônica em 31 de Agosto de 1923, ou seja, aos 32 anos. Ainda que tenha alguns vestígios como país emigrado, o sobrenome “Cohen” que compõe uma linhagem de judeus, não se tem subsídios concretos que ratifiquem que Salon Cohen era judeu.

⁴⁵ Id.

Figura 28 - Filiação de Salon Cohen na Maçonaria de Óbidos

Matricula N. 150

Nome *Salon Cohen*, natural de *Marrocos (Alger)* nascido em *24 de setembro* de *1891*, residência em *ÓBIDOS, Est. do Pará*, estado *solteiro*, profissão *Comerciante* Afiliado em sess. de *31 de Agosto* de *1922* Proposto pelo *Prosp. Sr. João Inocêncio e Prof. Sr. Roberto Kaborin*

Data da eleição (Ano, Mês, Dia)	Data da elevação de grau	DATA DA COLLAÇÃO	CARGO QUE EXERCE	ANOTAÇÕES
<i>Comissão em 31 de 23/1/22</i>	<i>22 de 4/22</i>			<i>Post. eleito em 3-8-23</i>
<i>de 1923 - 22-10-23</i>				

Fonte: Arquivo da Maçonaria.

A cidade de Óbidos é dotada de um bairro, localizado no centro, com relevância histórica, étnica, cultural que preconiza como guardião de seus antepassados. Ruas, arquitetura dos casarios, alguns da época colonial, outros pertencente aos imigrantes, compõe o “Patrimônio Municipal”. Fruto da produção social de seres históricos que nesse reduto articularam dimensões materiais e simbólicas, deixando como legado monumentos, representações e conceitos.

Nesse contexto de concretude histórica, em 1987 foi realizado um levantamento da arquitetura desse sítio urbano, por Jussara Derenji, docente da Universidade Federal do Pará no trabalho intitulado “Arquitetura da Amazônia”. A Associação Cultural Obidense-ACOB, que administra o “Museu Integrado de Óbidos”, criou um conjunto de painéis contendo uma minuta da história dos prédios inventariados (DERENJI, 1987).

Esses painéis são intitulados “Museu Contextual” que visa expor a história, imprimir valorização e aprendizagem aos moradores e visitantes. A fixação dos painéis em cada imóvel foi uma metodologia de acessibilidade da história local. E alguns prédios, que compõem o acervo desse tipo de museu de rua, foram residências de judeus.

No Museu Contextual, encontra-se uma síntese de Samuel Cohen, natural de Marrocos, tem sua integração à sociedade obidense por volta de 1912. Como mascate, vendia produtos de casa em casa e pelas margens do rio. Em 1921, teve seu ingresso na maçonaria classificando-se como solteiro e comerciante na cidade. Trabalhando como mascate adquiriu notabilidade econômica e comprou um prédio, Figura 29, em estilo neoclássico, construído no século XIX (MUSEU CONTEXTUAL, 1987).

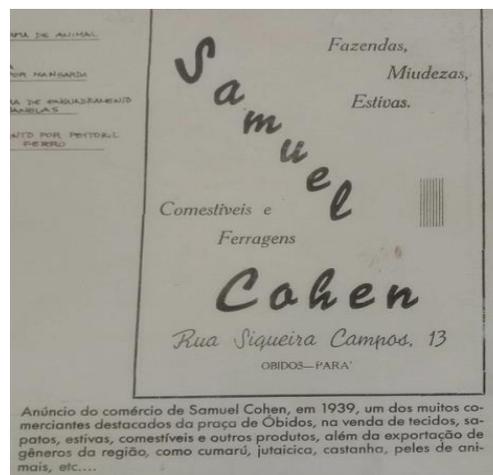
Figura 29 - Antiga residência de Samuel Cohen



Fonte: Fábio (2019).

Nesse prédio, Samuel estabeleceu seu comércio, onde vendia toda sorte de fazendas, sapatos, miudezas, estivas, comestíveis, sendo também exportador de castanha, cumaru, peles e outros produtos extrativistas. Esses dados, do que vendia e comprava, foram obtidos através do painel do Museu Contextual (1987), no qual se encontrou um anúncio de propaganda do comércio de Samuel Cohen, Figura 30. Samuel Cohen é citado por Guimarães (2002), quando relata que o Movimento Constitucionalista de 1932 tinha maior fluxo em frente a loja do judeu.

Figura 30 - Anúncio de propaganda comercial



Fonte. Museu Contextual (1987).

Uma interlocutora obidense e conhecedora da história local, Maria Alice Aquino, evocando sua memória, traz o seguinte relato:

Samuel Cohen teve 03 filhos e já faleceram: Ruth, Dr. Douglas e Dr. Jofre. O Dr. Jofre viveu aqui em Óbidos, teve uma casa de saúde. É onde hoje é a residência do Vivi Carvalho e nos altos do atual prédio da Receita Federal, morava outro filho, o Dr. Douglas Cohen e todos esses três prédios eram de Samuel Cohen. O comércio dele pertence hoje aos Belicha, onde funciona hoje uma loja de confecção. Ele morava nos altos e embaixo era sua loja.⁴⁶

Diante do diálogo, foi questionado se Maria Alice teria conhecido Samuel Cohen e de acordo com ela: “Conheci seu Samuel Cohen sim, era um judeu bravo, que ficou furioso quando sua filha Ruth namorou o Dr. Bezerra. Ruth era uma moça linda, alta, loura e seu Bezerra, baixinho.”⁴⁷

Samuel Cohen pertence ao quadro de judeus que, segundo Lins (2002), se diferenciaram dos membros da comunidade judaica, por terem constituído matrimônio com mulheres cristãs. O chamado “casamento misto”, tendo a esposa como “Goya” que quer dizer uma mulher não judia, que mantém alguma laço com um judeu, como o casamento, fator que não afastava o judeu da comunidade judaica de Óbidos.

Priante (2010) afirma que “Dr. Jofre Cohen, filho de Samuel Cohen era médico e chegou a montar uma clínica em Óbidos (Clínica Sant’Ana), mas mudou-se para Parintins.”⁴⁸

Não se obteve dados quanto ao motivo e tempo que o médico deixou a cidade de Óbidos. Foi o primeiro médico a ter um espaço particular com especialidade clínica na cidade e prestou serviços essenciais ao município na área da saúde. Na página social “Obidenses-Fotos & Memórias” foi encontrada uma fotografia. O médico aparece agachado, Figura 31, ao lado de outros obidenses como o médico Grijalva Menezes e Isaac Hamoy a direita.

⁴⁶ Entrevista com Maria Alice Aquino, cedida a Fabiana Fábio em 11 de Maio de 2019, em sua residência na cidade de Óbidos-Pa.

⁴⁷ Entrevista com Maria Alice Aquino, cedida a Fabiana Fábio em 11 de Maio de 2019, em sua residência na cidade de Óbidos-Pa.

⁴⁸ Site Chupaosso.com.br. Disponível em <> Publicado por Dino Priante em 10 de Março de 2010. Acessado em 04 de Março de 2019, às 15:20:20.

Figura 31 - Jofre Cohen agachado e Isaac Hamoy à direita



Fonte: Site Obidenses-Fotos e memórias.⁴⁹

Segundo Dino Priante (2010), Douglas Cohen, o segundo filho de Samuel Cohen, era formado em Engenharia Civil e foi professor no Gisário São José, instituição educacional que, hoje, é denominada Escola Estadual de Ensino Médio São José. Benchimol (1998) traçou um perfil destes judeus, conceituados como quarta geração, muitos exerceram profissões almeçadas pelos pais, com a escolha de medicina como uma espécie de sacerdócio. Acredita o autor que proporcionar educação aos filhos não era devido ao fato de pertencerem a um classe privilegiada, mas em razão de ser um preceito contido na *Torah*.

No entanto, Johnson (1995) mensura que a medicina em tempos históricos, como na Idade Média e posterior, era método de ter entre os judeus alguém com profissão que fosse útil para o reduto social. A comunidade que o hospedavam podia ter serviços médicos e isso apaziguava forças e movimentos tensos entre judeus e não judeus. A medicina tornava os judeus populares, ainda que seus pais continuassem como comerciantes. Outro ponto a favor dessa escolha, era que a profissão de médico fazia com que houvesse mobilidade dessas famílias. Com um membro médico, poderiam mudar de um país para o outro. Por exemplo, em casos de eminência de guerra ou perseguição, havia uma dinâmica de acolhimento por onde fossem (JOHNSON, 1995).

O enredo, postulado pelo autor acima, compôs, na época e ainda em dias atuais, um imaginário popular da relevância dos Cohen na cidade, envolvendo poder aquisitivo, que oportunizava inserção social derivada da mobilidade econômica. Dos filhos profissionais liberais ao pai comerciante, segundo o painel do Museu Contextual (1987), promoviam bailes

⁴⁹ Disponível em: <https://www.facebook.com/photo.php?fbid=1380845828661458&set=g.17027268800_29508&type=1&theate&ifg=1>. Acessado em 04 de Março de 2019, às 18:40:12.

de tertúlias entre familiares e amigos na década de 1930. Tais encontros são recordados por moradores da cidade:

Jovens cantavam, recitavam, tocavam violino, piano, etc. Naqueles bailes, além de demonstrarem suas habilidades musicais, ainda exibiam seus belos trajes a moda da época, como os sapatos “rabalinos”, salto Luiz XV e os vestidos de melhor tecido importado. (MUSEU CONTEXTUAL, 1987).

Samuel Cohen faleceu em 16 de Abril de 1969 na cidade de Manaus, sepultado no Cemitério Judeu (Boulevard Álvaro Maia), lápide 152. Sua filha Ruth Cohen também foi sepultada no mesmo cemitério judaico em 13 de Janeiro de 1980, lápide 179 (BENCHIMOL, 1998). O fato de Ruth Cohen ter sido sepultada num cemitério judaico corrobora para afirmações de que tenha seguido o judaísmo como seu pai.

3.6 Família Belicha

Os vestígios mais remotos de um Belicha em Óbidos é do patriarca Marcos Ben-Lichah, no documento marroquino. Novamente apropriando-se dos documentos de arquivos da Loja Maçônica de Óbidos, verifica-se que o nosso ator social era de Tanger no Marrocos, nascido em 25 de novembro de 1879 do século XIX, Figura 32.

Na Loja Maçônica, nos registros arquivados consta que ele se filiou ao grupo em 05 de setembro de 1913, aos 34 anos e foi mestre de cerimônia. Posteriormente, foi o Grão 18 de acordo com as camadas hierárquicas da instituição.

Figura 32 - Dados cadastrais na maçonaria de Óbidos

Matricula N. 100.

Nome de Marcos Benlischah, natural de *Tanger*, nascido em *25 de Novembro* de *1879*, residência *Óbidos*, estado *do Pará*, profissão *Commerciante*, Afiliado em sess.: n.º *de Setembro de 1913*. Proposta feita *por Sr. Manoel Golim*

DATA DA ADMISSÃO (M.O. N.º 1727)	DATA DO DEGRÁO	DATA DA COLLAÇÃO	CARGO QUE EXERCE	ANOTAÇÕES
<i>25 de Novembro de 1913</i>	<i>18 de Junho de 1914</i>	<i>05 de Setembro de 1913</i>	<i>Mestre de Cerimônia em 1914-1915. Grão 18 em 1915.</i>	<i>Permaneceu tempo indeterminado conforme Acta da Ses. de 16 de Janeiro de 1914. Em acta de 24 Junho de 1914 consta sempre certo em qual prova ter sido pago a sua taxa de gr. 18.</i>
		<i>Collado em 24 de Novembro de 1915. Acta nº 27.</i>		
		<i>Collado em 28 de Novembro de 1915. Acta nº 28.</i>		

Fonte: Arquivo da Maçonaria de Óbidos.

A bisneta do imigrante Marcos Ben-Lichah, Herbene Belicha, atualmente enfermeira em Óbidos, declarou que a imigração de seus antepassados se deu pela peste que atingia Marrocos. “Meus bisavós passaram por várias cidades antes de fixarem a vida em Juruti.”⁵⁰ Segundo Herbene Belicha, seu avô Salomão Belicha, um dos filhos de Marcos Ben-Lichah fez fortuna no comércio em Juruti ao lado do irmão Jayme Belicha.

“A família Belicha vivia em Juruti e mesmo havendo uma comunidade hebraica forte lá sempre participavam das datas comemorativas aqui em Óbidos, pois a da sinagoga ficava em Óbidos.”⁵¹ Ainda segundo a interlocutora, seu avô, Salomão Belicha, possuía também negócios em Óbidos e quando necessário alugava um galpão da Caiba, Figura 33. Para Priante (2010), com a morte de Samuel Cohen, Jayme Belicha comprou o prédio dos herdeiros. E adquiriu também a usina de juta e olaria do grupo Caiba que naquela época pertencia a um italiano.

Figura 33 - Galpão da Caiba



Fonte: Fábio (2019).

Veltman (2005) conferiu a Jayme Belicha o título de um importante comerciante de Óbidos, pois os negócios da família haviam passado por revolução, a partir de 1970, possuía um empório que dispunha de variedades, inclusive tecidos. Na Figura 34 vê-se Jayme Belicha à esquerda e seu filho Marcos Jaime Belicha, o qual está à frente dos negócios da família até hoje.

⁵⁰ Relatos enviados por Herbene Belicha via Whatsapp em 08 de Junho de 2019 a Fabiana Fábio.

⁵¹ Id.

Figura 34 - Loja de Jayme Belicha



Fonte: Filme Eretz Amazônia.⁵²

Veltman (2005) observa a influência dos Belicha na economia do município, na pessoa de Jayme Belicha que, com o passar do tempo, adquiriu imóveis captado pelo trabalho como comerciante. E que Belicha sonhou e planejou comprar uma maravilhosa casa vizinha à sua, onde viveu um judeu rico e de bom gosto. O diálogo entusiasta de Jayme Belicha foi a aquisição do casarão, Figura 35, que pertencia a Samuel Cohen. Ao que parece, foi o marco dos investimentos em imóveis adquiridos pela família num dos redutos urbanos mais movimentados da cidade.

Figura 35 - Residência dos Belicha



Fonte: Fábio (2019).

⁵² Extraído do Documentário Eretz Amazônia. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=ZlvxIl6Hp-o>>. Acessado em 09 de Maio de 2019, às 09:40:10.

No setor empresarial, os Belicha têm-se a Caiba Indústria e Comércio, Figura 36, localizada na rua Just Chermont, bairro Centro, como fomentadora de emprego e renda. E por muitos anos a família era detentora também de uma fábrica de tijolos:

A Caiba Indústria e Comércio S/A, fundada na década de 40, posteriormente adquirida e dinamizada pelo Sr. José Jayme Bittencourt Belicha, atuou na exportação de óleo essencial de pau-rosa e, paralelamente, na compra, prensagem e venda de juta no mercado Nacional por um período de mais de 30 anos, ainda quando este produto era de grande importância para a economia do Estado do Pará.⁵³

A integração, permanência e dinâmica social do capital econômico da família Belicha na cidade tem um legado histórico em dinamizar por anos um grande número de pessoas que prestaram e prestam serviços à empresa. Envolveu nessa teia social, coletores dos castanhais, carregadores do produto bruto, as quebradeiras de castanha, principalmente, entre 1948 do século XX aos dias atuais. No endereço eletrônico da empresa, encontrou-se as seguintes informações:

A empresa conta com uma usina, onde é feita toda a recepção da matéria-prima, beneficiamento e comercialização, dentro dos padrões de qualidade exigidos pelo MAPA (Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento). Gera em torno de 400 empregos diretos e indiretos durante o período da safra, correspondendo em torno de 1% da população envolvida, segundo os dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, Resultados da Amostra do Censo Demográfico 2000).⁵⁴

Figura 36 - Caiba Indústria e Comércio



Fonte: Fábio (2019).

⁵³ Disponível em: <<http://www.caiba.com.br/empresa.php>>. Acessado em 09 de Maio de 2019, às 16:40:25.

⁵⁴ Site da empresa Caiba Indústria e Comércio. Disponível: <<http://www.caiba.com.br/empresa.php>>. Acessado em 09 de Maio de 2019, às 16:40:25.

As observações colhidas durante o trabalho em campo, tanto com os judeus, quanto com um ex-funcionário da empresa, revelaram um visível distanciamento da família Belicha com outros judeus da cidade. Jayme Belicha ainda interagiu com outros judeus como Yomtob, Chocrón, Israel, Samuel. Ao passo que seus filhos e netos fazem parte da geração distanciada e não vinculada ao judaísmo local, ou seja, aquele judaísmo ativo do século passado.

Benchimol (1998) diz inclusive ser essa uma geração que migrou para metrópoles e, devido a esse fluxo, as cidades do interior perderam esses judeus. Além disso, esses descendentes possuem profissões que, por vezes, não estão atreladas às de seus antepassados.

No tocante ao viver judaico dos Belicha, foram escassas as informações colhidas. Uma conhecida da família fez uma sinopse do que presenciava quando frequentava a casa. “(...) Eles têm um ritual que quando chega sexta-feira, às cinco horas da tarde, eles não pegam mais em dinheiro, eles não acendem mais fogo. A comida toda é feita até sexta-feira, e só vão acender fogo sábado depois de sair à estrela de Davi. A gente comia comida fria.”⁵⁵ Maria Alice Aquino também revelou como sentia, ao frequentar a casa judaica dos Belicha:

Quando ia para Belém, passei a frequentar a casa do Belicha. Lá também, eu sabia quando era páscoa dos judeus e eu ia lá para comer aquele doce, tipo um pão ázimo que se afoga no mel. Eu adorava. Belicha era um judeu diferente, que não abria o comércio em hipótese alguma no sábado. Ele fechava a loja às dezessete horas de sexta-feira e, às vezes, abria aos domingos, dizia: “O sábado é meu dia e o domingo é dia de vocês.”⁵⁶

A história oral repertoriada pela interlocutora Maria Alice Aquino converge com os descritos de Lins (2002), quando diz que os moradores de Cameté ficavam intrigados com o viver dos judeus naquela cidade, porque seus comércios não funcionavam aos sábados e sim aos domingos.

3.7 David Hassan: Um Imigrante tão Judeu quão Espevitado

Já te falaram de um judeu chamado David Hassan? Esse judeu, não sei te dizer se morreu aqui em Óbidos, só sei te dizer que a casa dele era ali onde é loja do Urbano, perto do Santa Maria. A esposa dele era alta, magra, não consigo lembrar o nome, não sei se era Oswaldina. Minha tia era costureira dela, eu ia chamar ela para experimentar roupa. Ele era muito bravo, tanto que morreu de um infarto.⁵⁷

⁵⁵ Entrevista com Maria Alice Aquino, cedida a Fabiana Fábio em 11 de Maio de 2019, em sua residência na cidade de Óbidos-Pa.

⁵⁶ Id.

⁵⁷ Id.

“David Hassan era um judeu marroquino, bem mais judeu que marroquino, de pequena estatura, magro, personalidade de ferro, combativo e espevitado.” (HAMOY, 2009, p. 41). Segundo Hamoy (2009), David Hassan era religiosamente um membro ativo da pequena comunidade judaica, possuía algum conhecimento da *Torah* e da gramática hebraica. Era visto como pavio curto, estava quase sempre em desentendimento com alguém. E nos balcões do comércio dos Hamoy desabafava seu descontentamento.

Segundo Fortunato Chocrón, David era um judeu fanático e raivoso. Quando perguntavam se ele estava com fome, dizia que não, que estava em jejum. Por saberem como era dogmático, ofereciam algum lanche com ingrediente de porco. Era o suficiente para o judeu perder o que de pouco tinha, isto é, sua paciência. Provavelmente, por isso, que Hamoy (2009) relata que quando tinha contenda com alguém e que isso era costumeiro, ia se lamentar com os amigos Yomtob e Rebecca.

“Rebeca servia uma limonada bem gelada e um comprimido sublingual de trinitrina⁵⁸, conversavam algum tempo e, já mais calmo e sem aperto no peito, voltava para casa na Rua da Ladeira.” (HAMOY, 2009, p. 41). A referida casa pode ser observada na Figura 37. Atualmente é uma loja de descendentes de italianos do Grupo Iudice.

Figura 37 - Antiga residência de David Hassan



Fonte: Fábio (2019).

Foi no silêncio da madrugada que pelas batidas na loja dos Hamoy, alguém avisara que o judeu faleceu e seu último desejo foi de chegar à casa dos amigos. Ainda que

⁵⁸ Medicamento usado para tratar de angina do peito.

inútil tal atitude, tombou na calçada e morreu (HAMOY, 2009). Fortunato Chocrón tem na memória esse acontecido:

Esse judeu viveu quase a vida toda em Faro, casou-se com uma senhora que era uma santa, uma enfermeira. No fim da vida veio para Óbidos. Uma noite bateram lá em casa. Seu Chocrón, seu David mandou chamar o senhor, para rezar a *Shemá*, que é uma oração que nós fazemos, na hora que se está morrendo. A gente agradece a Deus. O seu David está esperando o senhor para dizer a *Shemá*. Meu pai chegou lá, rezou a oração e seu David morreu.⁵⁹

Segundo Cláudio Hamani, em 2016, um rabino veio de Israel com sua esposa e visitaram o cemitério judaico em Óbidos. A esposa ao deparar-se com a lápide de um Hassan começou a chorar copiosamente. Não sabia que existia algum parente enterrado na Amazônia. Acredito que seus descendentes espalhados por longínquos lugares, a exemplo dos que moram em Israel, desconheçam que David Hassan foi fiel ao judaísmo nas tradições e na sociabilidade em Óbidos. “Era quem normalmente coordenava a lavagem do corpo de algum judeu falecido em Óbidos. Agora, as suas orientações eram religiosamente observadas por outros na execução da limpeza de seu próprio corpo.” (HAMOY, 2009, p. 43).

3.8 A Vivência dos Elmesany na Comunidade Flexal

Benchimol (2009) faz citação da presença de uma família judia chamada “Elmesany” que viveu em Óbidos. O autor é sucinto, mencionando que o atual rabino Moysés Elmesany da comunidade Israelita de Belém e o Dr. Abraham Elmesany são filhos de Óbidos. Verificando a genealogia de Yomtob e Rebeca, observa-se que Ester, filha do casal, foi casada com Jaime Elmesany, filho de Zacarias.

Meu avô veio, por intermédio de um tio que morava em Muaná, no Marajó. Esses correligionários se ajudavam, quando diziam que tal pessoa havia chego. Qual era a vantagem deles? Porque sabiam matemática, falavam duas línguas, então, tinham como prosperar nesse aspectos na Amazônia.⁶⁰

O diálogo acima se obteve com o rabino em Belém, Moysés Elmesany, neto de Yomtob e Rebecca, via telefone, no dia 14 de junho de 2019. Nesse trecho, é revelado como se deu a imigração dos Elmesany:

⁵⁹Fortunato Chocrón. Entrevista concedida a Fabiana Fábio, na Usina de Castanha Boa Esperança, em 19 de Dezembro de 2018.

⁶⁰ Entrevista feita via telefone com o rabino Moysés Elmesany a Fabiana Fábio em 14 de Junho de 2019.

Meu Avó Zacarias Elmescany veio de Marrocos em 1908. Morou primeiro em Muaná, Ilha de Marajó, depois foi para Óbidos e lá conheceu minha avó Clara Auday. Minha avó era filha de Alberto Auday e moravam em Óbidos desde século passado, o século XIX.⁶¹

A família Auday é mencionada por Benchimol em sua obra mais recente de 2010 sobre a Formação Social e Cultural da Amazônia. Segundo Moysés Elmescany, seus avós eram imigrantes marroquinos e ambos judeus. E ao chegarem em Óbidos, foram morar no Flexal que é uma comunidade elevada à categoria de distrito, devido ao seu razoável desenvolvimento. Entre 1920 e 1930 era uma comunidade menor, chamado de região de Terra Firme. Segundo Moysés Elmescany, seus avós Clara Auday e Zacarias Elmescany tiveram 08 filhos, alguns desses filhos nasceram nessa comunidade rural de Óbidos. A sociabilidade dessa família na cidade de Óbidos, no perímetro urbano, foi entre 1934 a 1935. Analisando essa informação, acredita-se que viveram mais tempo na comunidade do Flexal do que nos redutos urbanos do município, considerando a época da imigração que se deu entre 1912 a 1915.

No capítulo 4 da pesquisa é narrado o caso da morte de um judeu que iria ser lançado nas águas do rio Amazonas e que Zacarias Elmescany interferiu diretamente para que isso não ocorresse, negociando com o comandante da embarcação. Cruzando a história oral de Moysés e da memória sobre o caso do judeu, é possível arguir que, em 1934, Clara Auday e Zacarias moravam na zona urbana e já compunha a comunidade judaica de Óbidos.

Tanto no Flexal quanto em Óbidos, exerceram práticas ligadas ao comércio. Moysés Elmescany informa: “Eu encontrei uma nota fiscal, com nome de Assussena, era o nome da quitanda.”⁶² Nos diálogos, enveredou-se em saber como era a socialização da família Elmescany com outros judeus em Óbidos. Moyses Elmescany respondeu: “Era tipo uma comunidade, eles se reuniam, ajudavam-se. Teve a história de um judeu que morreu vindo de Manaus, meu avó ajudou e enterraram no Cemitério Israelita de Óbidos e era integrado com os demais correligionários de Óbidos.”⁶³

3.9 Imigrantes com Vivências Passageiras em Óbidos

Outros atores aparecem entrelaçados na História de Óbidos com vivências curtas quanto ao enfoque “tempo”, mas especificamente na década de 1920, sem que isso subtraia os

⁶¹ Id.

⁶² Entrevista feita via telefone com o rabino Moysés Elmescany a Fabiana Fábio em 14 de Junho de 2019.

⁶³ Id.

vínculos de sociabilidade com o lugar. Ainda assim, dedica-se registrá-los: Zacarias Elmescany, Abraham Alcaim, Messody Pinto, Salomão Levy e Clara Alcaim Pinto.

Abraham Alcaim e Messody Pinto Alcaim estão no livro biográfico de “Eu, Gimol” descritos como moradores de Óbidos. Abraham Alcaim era judeu e natural de Portugal, eram estes os avós maternos de Gimol Benchimol. Abraham era o único fotógrafo de Óbidos e Messody Pinto, uma costureira (BENCHIMOL, 2011). Não se obteve mais vestígios da vida de Abraham e Messody em Óbidos.

Salomão Levy e Clara Alcaim Pinto viveram dois momentos marcantes de suas vidas em Óbidos. Segundo Gimol Benchimol, foi em Óbidos que seus pais casaram, pela condições religiosas existentes na cidade:

“(...) porque lá existia um chazan.⁶⁴ Meu pai contava que fizeram a hupá⁶⁵ na casa de um amigo do meu avô Abraham Alcaim, e que juntaram caixas de sabão, forradas com tapete, e assim se casaram de acordo com a tradição. E todos os judeus de Óbidos foram convidados, algo em torno de cinquenta pessoas. (BENCHIMOL, 2011, p. 21).

A obidense Gimol Benchimol, biógrafa das informações acima, nasceu em Óbidos, em 28 de fevereiro de 1923, no entanto, viveu com sua família em Maués, no estado do Amazonas. Mas, Óbidos se tornou guarita para Salomão Levy e sua família em 1922. Por isso Salomão Levy teve dois filhos obidenses Gimol e Jacob.

Na década de 1922, tensões, massacres, antissemitismo e disputas por poder econômico culminaram com perseguição a judeus nas regiões de Massauari, Arari, Paraná do Ramos e Parintins no Amazonas. Esses eventos trágicos ficaram conhecidos como “Movimento Mata-judeu”. A família de Salomão Levy foi vítima de saques, depredações e roubos. Mas, encontrou, na cidade de Óbidos, abrigo e segurança. Morou por 02 anos com seus filhos, até o apaziguamento das tensões ocorridas em Maués e redondezas (BENCHIMOL, 2009).

⁶⁴ Cantor litúrgico que faz recitações das orações e das bênçãos nas sinagogas.

⁶⁵ Tenda sob a qual o casamento judaico foi realizado. Tem simbolismo de moradia, é aberta pelos lados e geralmente é montada ao ar livre, como sinal de benção divina. Também representa hospitalidade para amigos e parentes (BENCHIMOL, 2011).

CAPÍTULO 4

Neste capítulo se tem alguns princípios e filosofias da religião judaica vivenciados pelos judeus em Óbidos. A formação da comunidade judaica girou em torno de algumas adaptações no modo de viver o judaísmo no espaço social, sem que isso representasse subtração de significados.

A memória coletiva, tanto de judeus e não judeus, sinalizou vestígios de uma sinagoga hebraica nas primeiras décadas do século XX. Este espaço religioso foi substituído pelo sobradinho neoclássico dos Hamoy, quando a comunidade judaica enfraqueceu. Contudo, isso não impediu que continuassem afirmando-se como grupo religioso e coeso. O cemitério judaico é o monumento que expressa esse modo de organização religiosa.

Alguns rituais fúnebres foram elaborados e concretizados dentro dos parâmetros do judaísmo. Descobriu-se como a morte de judeus perpassa por diversas obrigações e necessidades, tendo, na tradição, o pilar dessas concepções. Através da memória, obteve-se relatos de algumas obrigações judaicas e como judeus egípcios entrelaçaram costumes orientais com os amazônicos. Os judeus se apropriaram de novas âncoras sociais e religiosas, imprimindo raízes históricas judaicas por mais de um século na cidade de Óbidos.

4. CULTURA JUDAICA EM ÓBIDOS: SOCIABILIDADE E TRADIÇÃO

A permutável sociabilidade foi o processo natural de manifestações e fazeres compartilhados entre os próprios judeus e com a sociedade. Esses judeus encontraram formas de viver o judaísmo, mesmo com versatilidades e embaraços inerentes ao lugar. Pode-se constatar que, por anos, a tradição judaica em Óbidos, manteve-se ativa e com certo mediano rigor, tendo como símbolos judeus, a sinagoga, o cemitério e um casario particular que nas principais festas se tornou espaço religioso da comunidade judaica.

“O povo judeu foi pioneiramente ao longo dos anos criando caracteres próprios que são repassados onde quer que estejam para seus descendentes. Costumes e cultura à parte, essas características parecem genéticas.” (HAMOY, 2009, p. 34). Buscam, interação e primam, em muitos momentos, pelo coletivo nos espaços sociais compartilhados. Um exemplo seria a tão citada sinagoga, figura monumental inclusa nos discursos de interlocutores. Por isso, ouviu-se os relatos e buscou-se mostrar os vestígios desse espaço religioso judaico.

4.1 Uma Sinagoga Judaica em Óbidos

“Foi uma sinagoga aqui. A sinagoga da Comunidade Israelita.”

Fortunato Chocrón

“No tempo da sinagoga”, “quando eles iam para sinagoga”, “o Fortunato fala de uma sinagoga.” A recorrência dessas expressões, que sinalizavam para vestígios a serem verificados, quanto aos acenos do passado, eram latentes aos ouvidos. O desvendamento dessa incógnita se fez pela seguinte interrogação: Existiu uma sinagoga judaica em Óbidos?

Fleiter (2005) notifica que foi sob domínio holandês, em Pernambuco, que o estado de vida judaico tem seu limiar de flexibilização religiosa. Esse cenário impulsionou a construção da primeira sinagoga das Américas *Kahal Zur* em Recife. “A vida judaica girava em torno da sinagoga e das várias outras instituições indispensáveis à toda comunidade judaica tradicional.” (FLEITER, 2005, p. 69).

Grinberg (2005) acredita que a *Eschel Abraham e Shaar Ashamaim*, em Belém, foram fundadas por volta de 1823 do século XIX, tendo como referência o pedido de naturalização de um judeu. Heller (2008) discorda dessas suposições e diz que as datas são imprecisas e sem evidências históricas. Para Lins (2002), além das duas sinagogas de Belém, apenas Cameté teve sinagoga, inclusive não existe mais, por ter sido levada pelas águas do rio Tocantins.

Benchimol (1998), em sua obra “Eretz Amazônia”, destinada à história dos judeus em Óbidos, diz que a sinagoga funcionava na casa de Rebecca Hamoy e que seria uma denominação para o espaço domiciliar, no qual judeus passaram a se reunir e fazer comemorações e ritualizações com a diminuição da comunidade judaica.

A comunidade judaica em Óbidos chegou a ter uma sinagoga (VELTMAN, 2005). No Documentário “Eretz Amazônia-Judeus na Amazônia Brasileira”⁶⁶, é possível ter acesso à narração da presença hebraica na cidade, dando ênfase também à existência dessa instituição. “Eles vinham para cá no sábado, era aqui que eles se reuniam, depois é que venderam isso, também diminuiu o número de judeus e aí as festas religiosas mais importantes passaram a ser na casa da Dona Rebecca Hamoy.”⁶⁷ O judeu Fortunato Chocrón é categórico em afirmar a existência da sinagoga israelita em Óbidos, mas Claude Hamani

⁶⁶ Documentário para a TVE do Brasil, feito por David Salgado e Alan Rodrigues em 2005. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=ZlvxIl6Hp-o>>. Acessado em 09 de Junho de 2019, às 16:40:20.

⁶⁷ Entrevista concedida por Fortunato Chocrón a Fabiana Fábio em 13 de Março de 2019, na rua Deputado Raymundo Chaves, afirmado pelo depoente ser o lugar onde funcionou a sinagoga israelita de Óbidos.

rebate: “O Fortunato sempre fala que existiu uma sinagoga aqui, eu cheguei tempos depois e não sei.”⁶⁸

Intrigada com os discursos, num sábado, Fortunato Chocrón aceitou meu convite e fomos ao lugar identificado como antiga sinagoga hebraica, Figura 38, num reduto estreito e aladeirado, característico das ruas do centro histórico da cidade.

Em diálogo com Willian Canto, presidente da Loja Maçônica número 19, soube-se que nesse mesmo imóvel funcionou durante anos a maçonaria. Enredando os fatos de que a maioria dos judeus de Óbidos eram Maçons, faz-se necessário cruzar essas fontes.

Figura 38 - Antiga Sinagoga Israelita de Óbidos



Fonte: Fábio (2019).

Uma depoente que não deseja ser identificada usar-se-á abreviaturas fictícias, com seu relato compõe as abordagens a seguir: “Um homem que foi assassinado em Juruti foi trazido para ser ritualizado aí, por volta de 1950. A gente olhava pela brecha da porta e vimos ele em pé enrolado num pano, assim que nem uma múmia atrás da porta.”⁶⁹ A Maria Alice Aquino, colaboradora desta pesquisa, perguntou-se se ela sabia da existência de uma sinagoga

⁶⁸ Claude Messad Hamani. Entrevista concedida a Fabiana Fábio, em sua residência na cidade de Óbidos em 03 de Novembro de 2018.

⁶⁹ Abreviatura fictícia da interlocutora, que fez o relato a Fabiana Fábio em sua residência na cidade de Óbidos em 10 Abril de 2019.

judaica em Óbidos: “Eu conheci o prédio que funcionou a antiga sinagoga dos judeus, estava localizada na Rua Dep. Raimundo Chaves, bem no final da rua. Dava para ver uns escritos em hebraico. Se eu visse uns escritos de uma sinagoga seria capaz de lembrar.”⁷⁰

Ainda segundo S.C, “era comum em determinado tempo, chegarem nessa casa bastante pessoas diferentes, todos bem vestidos, eles se reuniam aí, e muitos não eram da cidade, a gente sabe quando são pessoas de fora.”⁷¹ Herbene Belicha, uma das descendentes da comunidade hebraica, informou que sua parentela morava em Juruti, e que nas comemorações judaicas vinham para Óbidos, por causa da sinagoga.

Gimol Benchimol (2011) ao descrever o casamento de seus pais por volta de 1920, garante que foi realizado em Óbidos, porque existia na cidade um *chazan*. Foram convidados todos os judeus da cidade, em torno de 50 pessoas. Ao contatar os atuais donos desse imóvel, quanto aos documentos, foi revelado que nos recibos de compra e venda, ainda constam que pertenceu a Isaac Hamoy. Reitera-se que Isaac Hamoy era filho de Yomtob e Rebecca Hamoy,

O judeu, que foi ritualizado na sinagoga e visto pela interlocutora, enfaixado em pé e atrás da porta, trata-se de Salomão Bitencourt Belicha que está sepultado no cemitério judaico em Óbidos. Seu óbito ocorreu na década de 1956 em Juruti, fato que corrobora a assertiva de que foi trazido para Óbidos, para ser sepultado no cemitério judaico.

Entre os dois discursos “(...) *era comum em determinado tempo, chegarem nessa casa bastantes pessoas diferentes, todos bem vestidos, eles se reuniam aí, e muitos não eram da cidade*” e “(...) *participavam das datas comemorativas aqui em Óbidos. Por causa da sinagoga*”. Quando a interlocutora diz que chegava na casa pessoas diferentes, é possível ligar ao que diz o segundo discurso. Que nas principais festas, a família de Herbene Belicha dirigia-se a Óbidos por existir a sinagoga.

Em diálogo com Moysés Elmescany neto dos Hamoy e dos Elmescany, rabino em Belém, quando questionado se sabia sobre a existência de uma sinagoga israelita em Óbidos, responde:

Eu soube de um espaço no final dessa rua, da Bacuri. Eles dizem que tinha uma sinagoga lá, mas não sei dizer como era, porque para se ter uma sinagoga oficialmente, tem que ter o rolo da lei, da *Toráh*. Então, isso é feito num rolo, não é livro, se tiver esse rolo, é oficialmente caracterizado uma sinagoga. Se não tiver esse rolo, é uma sinagoga, mas do ponto de vista de congregação, porque as pessoas vão

⁷⁰ Entrevista com Maria Alice Aquino, cedida a Fabiana Fábio em 11 de Maio de 2019, em sua residência na cidade de Óbidos-Pa.

⁷¹ Abreviatura fictícia da interlocutora, que fez o relato a Fabiana Fábio em sua residência na cidade de Óbidos em 10 Abril de 2019.

lá, se reúnem, congregam. Talvez não tenha tido esse rolo, mas nesse aspecto de congregação é uma sinagoga.⁷²

O questionamento que paira nestas discussões, é se existiu em Óbidos, apenas uma congregação judaica ou uma sinagoga. Pelos relatos de filhos de judeus e até por quem não pertencia ao grupo, a resposta é que havia a sinagoga, Figura 38. Mas, segundo o rabino Moisés é preciso haver o *Torah* em forma de rolo no espaço, e assim ser considerado uma sinagoga oficialmente. E nas buscas por esta figura que demarca o reduto religioso, não foi encontrado qualquer vestígios de sua existência. Também não encontrou-se relatos de que existiu um rabino que dirigisse a comunidade.

Portanto, o discurso equilibrado de Moyses Elmescany, mostra duas facetas de interpretação e significação. Uma das exigências judaicas que incorporam um núcleo religioso como ter um rabino e o rolo da *Torah*. Mas, também de que se existia uma comunidade que se reunia para os ritos religiosos, é sinagoga, mas em forma de congregação. Neste sentido, analisa-se a representação social e imaginária expressa na Figura 38. O que significava para esse grupo congregar nesse lugar e a compreensão de como os mesmos se viam em relação ao que para eles era uma sinagoga. E na representação social dos descendentes e até moradores da cidade, existiu uma sinagoga na cidade de Óbidos.

A comunidade judaica tem na sinagoga o centro de vida e existência. É ela que sustenta os judeus, seguindo cada uma seus ritos e tradições próprias. Quem dirige tanto a sinagoga, quanto a vida religiosa da congregação é o rabino (LEMLE, 1967).

Ao que se preze, a sinagoga é o lugar sagrado para os judeus, é onde encontram alívio. Quando isolados e/ou desamparados passam a ter encontros com os outros judeus, que por vezes estão nas mesmas condições, ou não. E na Amazônia, a união de judeus foi a maneira de captar fragmentos judaicos num mosaico de judeus sefarditas, judeus errantes.

Mortes de judeus, mudanças de famílias judaicas para Manaus e Belém foi a razão que ocasionou a desestruturação da comunidade que congregava na sinagoga em Óbidos. Por isso, se reinventaram no casarão da família Hamoy, onde as principais páscoa e rituais passaram a ser celebrados.

⁷² Entrevista feita via telefone com o rabino Moisés Elmescany a Fabiana Fábio em 14 de Junho de 2019.

4.2 O Sobradinho Neoclássico das Festas Judaicas

A migração dos “Hamoy” para Óbidos remonta a década de 1930 do século XX. A residência da família era composta por uma casa de dois andares, Figura 39. No térreo, disposto o comércio, local de trabalho e, no outro andar, a moradia da extensa família. A pedido de Mary Hamoy, o espaço térreo deve continuar como seus patriarcas haviam deixado.

Situado a rua Siqueira Campos, nº 02, no centro, o sobradinho⁷³ compõe o conjunto arquitetônico da Amazônia do século XIX. É considerado bem cultural isolado. Passou por alterações, têm externamente características de ecletismo, feito por elementos pré-moldados principalmente a fachada (DERENJI, 1987).

A família Hamoy praticava veementemente o judaísmo, tanto que a residência se tornou espaço de reuniões religiosas e das festas comemorativas. Uma grande mesa de madeira rústica, comprida e larga, demonstra ter sido adquirida não só para acomodar os 06 filhos e netos nas refeições, mas também para receber a comunidade judaica. Objetos pessoais, por exemplo, louças e outros com identificação judaica são os mesmos que eram utilizadas nas festas.

Figura 39 - O Sobradinho dos Hamoy



Fonte: Fábio (2018).

Os vestígios da tradição judaica vividos por essa família estão intrínsecos nessa residência. As orações judaicas prendidas à parede, tão rezadas no século XX, vencem o tempo e estão lá vivificados em pleno século XXI. O sobradinho de Yomtob e Rebecca não

⁷³ O nome Sobradinho é uma menção histórica pelos descendentes do Hamoy. Segundo Claude Hamani é nome que consta no documento de registro de imóvel.

era apenas um espaço familiar, mas um reduto religioso em que os judeus da cidade dos aportes espirituais deram continuidade à comunidade judaica em Óbidos.

Os filhos dos judeus brincavam e torciam para chegar a hora de comer os doces do *Rosh Hashaná*⁷⁴ e aguardavam com euforia surgir as três primeiras estrelas no céu amazônico para encerrar o jejum de 24h, no *Yom Kipur*, o Dia do Perdão. “Lembro que quando era na casa da dona Rica, nós moleques aguentávamos pouco tempo”⁷⁵, recorda Abraham Chocrón. Ester Hamani completou: “Minha mãe me ensinou a fazer o raroce, que se come nas nossas festas.”⁷⁶

No *Yom Kipur*, segundo Hamoy (2009), quem ainda não tinha maioria religiosa, ou seja, feito o *Bar Mitzvá*⁷⁷ não eram obrigados a jejuar, mas participavam para descobrir quem conseguia suportar por mais tempo sem se alimentar. A matriarca dizia aos netos: “Chega! Vocês já jejuaram o bastante para suas idades. Já podem comer. Deus não ficará zangado.” (HAMOY, 2009, p. 48). À medida que a sinagoga judaica foi destituída, as reuniões mais relevantes passaram a ser celebradas no sobradinho dos Hamoy (VELTMAN, 2005). As narrativas de Benjamin Hamoy aludem vida ao lugar:

O portão lateral da casa, dava acesso à escada e levava ao local da celebração tinha que ficar fechado - o outro caminho para o antigo sobrado era pelo interior da loja localizado no térreo- senão a incontrolável curiosidade os impelia escada acima e, subitamente, sem qualquer aviso, lá estava mais um no meio da varandinha interrompendo as rezas. A varandinha não era pequena e muito menos varanda, mas sim, como denominávamos, uma confortável e arejada sala de visitas. (HAMOY, 2009, p. 47).

Fortunato Chocrón recorda que, quando encerrava a cerimônia, os judeus se reuniam para fazer a serenata e um dos cantores era Isaac Israel. “O filho dele parece que puxou um pouco para ele, parece ter uma orquestra.”⁷⁸ Benjamin Hamoy traz os seguintes relatos de um *Yom Kipur*:

Eles estão rezando e em jejum. Era quase sempre assim, com essas palavras que a pequena multidão presente à casa dos Hamoy informava mais um curioso que chegava querendo saber o que estava acontecendo. As vozes do tenor de Isaac Israel

⁷⁴ “Cabeça do ano”, os primeiros dois dias do Ano Novo Judaico (SOBEL, 1984).

⁷⁵ Entrevista de Abraham Fortunato Chocrón a Fabiana Fábio em 19 de Setembro de 2018, na residência de seu genitor Fortunato Chocrón.

⁷⁶ Ester Hamani. Entrevista concedida para essa dissertação em sua residência na cidade de Óbidos em 05 de Novembro de 2018.

⁷⁷ Segundo a Revista Morasha é uma cerimônia celebrado o jovem atinge aos 13 anos, é a maioria religiosa judaica que ressalta a importância de cada um dos judeus na corrente ancestral do judaísmo.

⁷⁸ Fortunato Chocrón. Entrevista concedida a Fabiana Fábio, na Usina de Castanha Boa Esperança, em 19 de Setembro de 2018.

e Jacob Athias eram ouvidas por toda rua da Beira. Era Dia do *Yom Kipur*. (HAMOY, 2009, p. 47).

A música compunha o enredo religioso judaico, a ponto de se tornar tradição. Suas raízes são mais remotas na Europa do que qualquer outro lugar, contribuindo para a inserção de compositores e músicos judeus no cenário musical (JOHNSON, 1995). E essa tradição musical atravessou oceanos e se manifestou em Óbidos, como símbolo cultural, que transcendeu tempo e espaço.

Para Claude Hamani, a partir de sua chegada a Óbidos em 1967, em Óbidos celebrava-se o *Yom Kipur* que era regido na casa de Rebecca:

No *Yom Kipur* se fazia o jejum completo, começa às cinco horas da tarde e só termina quando saía as três estrelas, depois se quebra o jejum. Todos os judeus participavam. Seu Chocrón Fortunato diz que existiu uma sinagoga, eu não sei disso, cheguei em 1966 para cá, era sempre na casa da Dona Ricca. Vinha judeus de Alenquer, Juruti e sabiam todas as rezas, minha sogra sabia muitas rezas. Depois que termina o *Yom Kipur* que é o jejum (então virava) uma festa, muita comida, mesa farta de tudo do bom e do melhor.⁷⁹

No *Yom Kipur*, os Hamoy fechavam o comércio mais cedo, gerando, na população vizinha, certa curiosidade, afinal era uma exceção. Rebecca Hamoy fazia a pequena reunião com as crianças para explicar o respeito e silêncio que os mesmos precisavam praticar, levando-os a relembrem o que tinham feito de ruim durante o ano. Os adultos faziam as rezas dirigidas por um dos judeus mais antigos da cidade, o Chocrón, que dominava o hebraico e era assíduo no jejum (HAMOY, 2009). Um dos netos de Yomtob e Rebecca, o rabino Moysés Elmescany, relata não ter vivido esses momentos em Óbidos. Entretanto o que soube pelos pais é que:

Essas festividades eram bem preservadas. A preocupação que eles tinham com isso era muito grande. De fato, nas páscoas eles não ingeriam mais aquele pão com fermento. Eles faziam o pão sem fermentar, aquele pão que não tufa. Eu tenho os livros que o vovó trouxe lá do Marrocos ainda, livro litúrgico. Era uma coisa impressionante.⁸⁰

O Sobradinho que passou a receber a comunidade judaica encontra-se no mesmo estado deixado por Rebecca Hamoy que faleceu em 1999, ou seja, há 20 anos. Cadeiras, cama, decoração, alguns objetos pessoais e acervo bibliográfico compõem os vestígios de

⁷⁹ Claude Messad Hamani. Entrevista concedida a Fabiana Fábio, em sua residência na cidade de Óbidos em 03 de Novembro de 2018.

⁸⁰ Entrevista feita via telefone com o rabino Moysés Elmescany a Fabiana Fábio em 14 de Junho de 2019.

⁸⁰ O nome Sobradinho é uma menção histórica pelos descendentes do Hamoy. Segundo Claude.

uma das mais tradicionais famílias judaicas no Oeste Paraense e as impressões simbólicas dos anos que as práticas das tradições judaicas se efetivavam no lugar.

4.3 Cemitério judeu de Óbidos: Rituais e Adjacências

Segundo Grinberg (2005), os judeus vivenciaram a problemática de não ter aonde enterrar seus mortos, não existia cemitério em nenhum lugar do império do Brasil. O caso mais intrigante e de difícil solução foi de Benatar em 1859. Benjamin Benatar era filho de judeus, casou com uma católica. Muito provável que tenha feito a “conversão” para poder obter licença para casar. Benatar viveu como católico perante a sociedade, mas antes de morrer, confessou a seus familiares e amigos que na verdade era judeu e que o enterrassem como tal (GRINBERG, 2005). Os católicos que acompanharam o caso Benatar o persuadiram a negar o judaísmo, mas Benatar foi irredutível, dizendo que não ia negar sua religião e seu Deus.

Grinberg (2005) relata que o caso Benatar se tornou até um processo eclesiástico, com arranjos testemunhais, culminando com a negação para o sepultamento do judeu no Cemitério da Irmandade Nossa Senhora da Conceição. Benatar foi embalsamado até que se chegasse a um consenso de onde enterrá-lo. Não se tem detalhes, mas passaram dias e não se sabia o que fazer com o judeu. O desfecho é que Benatar foi enterrado nos jardins do hospital de Vassouras no Rio de Janeiro, na Santa Casa de Misericórdia (GRINBERG, 2005).

Para Laraia (1986), há condicionantes culturais que influenciam reações que culminam para discriminação de modos comportamentais diferentes aos padrões vigentes. É tão cultural essa estranheza quão imperiosa. Verifica-se que para desconstruir essas ilusões carregadas de antissemitismo, urge exteriorizar a tradição judaica como é, buscar vestígios que amenizem os efeitos etnocêntricos, que permeiam as concepções culturais da cidade.

Fortunato Chocrón alega o porquê dos judeus terem um cemitério: “é para nós um lugar sagrado, porque guarda os restos mortais das pessoas que nos amamos, que devemos gratidão, respeito. Sabemos que ali não está mais uma alma, mas é o lugar que temos para lembrar.”⁸¹ E reafirma ainda que todos os méritos quanto aos zelos com cemitério serem de Claude Hamani. “Eis que o cemitério judaico é chamado de *Beth Hakhayim*- o recinto da vida ou Campo Sacro, onde repousam os que compartilham da vida eterna.” (LEMLE, 1967, p. 78).

⁸¹ Fortunato Chocrón. Entrevista concedida a Fabiana Fábio, na Usina Boa Esperança, em 12 de Novembro de 2017.

O historiador Johnson (1995, p. 16) recorre aos limiares da tradição judaica para explicar a singularidade dos judeus terem um cemitério próprio e se reporta ao livro de Gênesis e descreve como “Abraão, depois de morta sua mulher Sara, decidiu comprar a Caverna de Macpela e as terras que o cercavam, como um sítio para enterrá-la e a ele próprio, em última instância.”

Para os judeus, a atitude de Abraão nessa passagem é a figura que sustenta a tradição, e em meio ao estrangeirismo. Configurando uma longa e dinâmica de negociação, auto integração em Hebron, sendo necessário os judeus terem tido aceitação da comunidade local. E lá, foram sepultados o próprio Abraão, Isaac e Rebeca. E várias vezes a *Torah*⁸² menciona “e te juntarás ao teu povo”. Jacó segue as mesmas tradições de seus antepassados. Segundo Johnson (1999) está nesta passagem bíblica o firmamento da tradição judaica em fazer repousar seus antepassados ao lado do túmulo do descendente morto, separado de povos mortos que não eram judeus. Porém, judeu junto com judeu.

Para Benchimol (1998), a existência do cemitério israelita é intrínseca à segregação e exclusão inerentes aos judeus em diversas diásporas. Para o catolicismo enterrar judeu junto com cristão constituía profanação.

Grinberg (2005) considera a morte como mais um dos múltiplos aspectos desfavoráveis no cotidiano judaico. Afinal, o que fazer com um judeu após sua morte? O século XIX traz consigo muitas transformações, oriundos pela Abertura do Portos e Constituição de 1824 do Império do Brasil, que enfraqueceram as tensões sociais e religiosas. De modo geral, é nesse século que os sepultamentos deixaram de ser feito dentro das igrejas e passaram para territórios fora das cidades. O domínio dos cemitérios continuava sendo dos católicos, ou seja, empecilho eminente para os judeus. Grinberg (2005, p. 209) desvencilha essa questão:

Os seguidores de “cultos diversos do da religião do Estado” até podiam ter cemitérios particulares, desde que autorizados pelo governo. Só que, para que esses cemitérios, fossem constituídos era preciso que houvesse uma comunidade responsável tanto por sua criação quanto por sua constituição.

Fortunato Chocrón acentua como esse espaço foi construído:

⁸² É o nome dos cinco primeiros livros Gênesis, Êxodo, Levítico, Números e Deuteronômio presentes na bíblia sagrada. Esses texto são as bases dos conhecimentos religiosos do judaísmo.

O cemitério foi tomando tamanho por partes; a primeira parte foi cedido pela prefeitura em forma de título de aforamento⁸³ para a comunidade judaica, foi necessário aumentar. Então foi comprado pelo meu pai, o Hamoy e pelo Belicha. Depois foi feito um muro e cimentado. Meu pai fez uma carta para família Benchimol em Manaus, pedindo 100 sacos de cimentos, mandaram também um cheque para ajudar na construção. Assim foi feito o muro do cemitério.⁸⁴

Para Fortunato Chocrón, naquela época, era um espaço considerado “fim da cidade”, passou a ser propriedade pelo uso adquirido, com a expansão urbana da cidade, os judeus passaram a se preocupar em aumentar suas dimensões, foram comprando aos poucos, partes que compõe as adjacências do cemitério. Não se encontrou documento referente ao título de aforamento relato por Fortunato Chocrón.

O cemitério judaico localiza-se na rua Deputado Raimundo Chaves, Bairro Santa Terezinha, fica entre os números residenciais 595 a 941, bem em frente do cemitério São João Batista, assim exposto na Figura 40. O que separa os dois cemitérios é apenas uma ruela calçada de cimento, numa das ruas mais antigas da cidade.

Figura 40 - Cemitério judeu de Óbidos



Fonte: Fábio (2018).

O cemitério “comum”⁸⁵, na cidade de Óbidos, quem tem o dever quanto à manutenção no quesito de segurança, limpeza e funcionamento geral é a prefeitura. Porém no caso do Cemitério Judaico, são os próprios judeus que fazem essa gestão. No século XX,

⁸³ É um documento territorial emitido pelo Setor de Terras da Prefeitura Municipal de Óbidos, dando poder de usufruto de um determinado terreno, em detrimento de uma pessoa física ou instituição.

⁸⁴ Fortunato Chocrón. Entrevista concedida a Fabiana Fábio, na Usina Boa Esperança, em 12 de Novembro de 2017.

⁸⁵ Expressão usada no contexto local para destino de mortos de todas as outras religiões.

período de maior fluxo de judeus em Óbidos, os judeus Yomtob, Belicha e Chocrón, foram as referências mais citadas quanto à conservação ou relacionando-os histórias dos judeus enterrados.

Sendo o cemitério um monumento, “tem como característica o ligar-se ao poder de perpetuação, voluntária ou involuntária, das sociedades históricas (é um legado à memória coletiva) e o reenviar a testemunhos que só numa parcela mínima são testemunhos escritos.” (LE GOFF, 1990, p. 536). Neste caso, com a ausência de documento, o monumento não apenas se expressa, como resigna memórias de cenas do passado tanto pela memória coletiva como individual.

Vítima de enfermidades típicas na Amazônia, tragédia e judeu errante repousam no cemitério amazônico. Judeus que foram acolhidos pela comunidade judaica de Óbidos e foram ritualizados segundo preceitos e tradições. Benjamin, Rebecca, Félix e Mary, Esther fazem parte da mesma família e teriam condições de serem sepultados em outro cemitério, como na capital, em Belém no Pará, mas, houve uma decisão pessoal de selarem para eternidade suas vivências no cemitério da cidade.

Hamoy (2009) diz que Rebecca fazia visitas constates ao cemitério, para visitar o sogro Benjamin Hamoy e Jacob Soares, que acusa ser primo dos “Hamoy”. “Dona Rebecca Hamoy também teve uma filha que morreu quando bebê, mas que nunca falou sobre essa criança.”⁸⁶ Nossa filha nasceu prematura, tinha aqui uma incubadora alemã na universidade Fluminense, ultramoderna, mas ninguém sabia fazer funcionar, era nossa Esther, com “th”.

Pressupõe Claude Hamani que pelo menos 03 judeus morreram debilitados pela febre amarela e a gripe espanhola de 1934, inclusive dois da mesma família, Júlia e José Bemergui, falecidos no mesmo ano e num intervalo temporal de apenas dois meses. A febre amarela, gripe espanhola, malária no século XX, ceifaram a vida de muitos amazônidas. Hamoy (2009, pp. 24-25) assegura “que vários judeus migrantes não mais retornaram a sua terra natal. Instalavam-se ou viajavam para algum local inóspito e isolado e desapareciam. Outros morriam em cidades ribeirinhas e eram enterrados como indigentes.”

Herbene Belicha ouviu de sua bisavó que “(...) alguns filhos ficaram pelo caminho. Minha avó conta de um filho enterrado em Terra Santa e outro em Alenquer.”⁸⁷ O jovem Jacob Soares de 18 anos, em Faro de 1934, foi vítima de um trágico assassinato, e, segundo Claude Hamani, sua família buscou ir a Óbidos porque lá havia médico, mas faleceu

⁸⁶ Claude Messad Hamani. Entrevista concedida a Fabiana Fábio, em sua residência na cidade de Óbidos em 03 de Novembro de 2018.

⁸⁷ Relatos enviados por Herbene Belicha via Whatsapp em 08 de Junho de 2019 a Fabiana Fábio.

no percurso. “O pai entrou em desalento e se mudou com a família para Belém.”⁸⁸ São inúmeras as histórias que envolveram judeus em suas práticas tradicionais, em relação à existência de cemitério judaico em Óbidos. Por esses eventos, foi possível acessar alguns rituais e parâmetros comportamentais adotadas por judeus na Amazônia.

4.4 Salamon Israel Benarrós: O Acolhimento da Comunidade Judaica em Óbidos

A comunidade judaica em Óbidos, na década de 1934, era fortalecida e atuante. Não obstante, precisaram saber o que fazer com a notícia de que um judeu estava morto a bordo de uma embarcação no porto da cidade. “Disseram que iam jogar o corpo na água, porque passageiro que morria a bordo jogavam dentro da água. O dono do barco não queria infecção a bordo.”⁸⁹

Uma dos relatos de histórias de vida de judeus que comoveu a cidade, foi de Salomon, descrito por Anne Benchimol. Durante o contato com o interlocutor Fortunato Chocrón, o relato da morte desse judeu foi novamente ventilado. “Eles vinham subindo de navio, na época demorava entre 20, 30 dias de Belém para Manaus, pegou a febre no barco e morreu.”⁹⁰ Claude Messad também fez referência sobre o acontecido com Salomão Berrarrós Israel:

Você conhece a Bemol de Manaus, esse é o pai de todos eles, é um Benchimol. Ele morreu a bordo do barco chegando em Óbidos, da chamada gripe espanhola, o velho Hamoy fez o enterro dele, fez tudo, tudo! A Mary Benchimol tinha 05 anos de idade, eram da família Berranós, mas casou com um Benchimol. Quando nós íamos para Manaus, meu Deus, eles nos colocavam no tapete vermelho, nos davam os melhores presentes, [eu faço questão], ela dizia. Meu sogro foi quem fez o enterro e o ritual judaico.⁹¹

Desvendando a história dessa família, constatou-se que a Figura 41 se trata do casal de judeus que viajavam de Manaus para Belém em 1934. A fatalidade e repentina morte de Salomon Berranós, em viagem, está impregnado na memória da família que moram em Manaus. Na ocasião ficou a cargo da comunidade judaica de Óbidos cuidar do ritual fúnebre, da viúva e das filhas pequenas que viajavam com o casal. Salomon e Carlota tiveram 05

⁸⁸ Claude Messad Hamani. Entrevista concedida a Fabiana Fábio, em sua residência na cidade de Óbidos em 03 de Novembro de 2018.

⁸⁹ Anne Benchimol, entrevista concedida em Manaus no Manauara Shopping em 18 de agosto de 2018.

⁹⁰ Fortunato Chocrón. Entrevista concedida a Fabiana Fábio, na Usina de Castanha Boa Esperança, em 19 de Setembro de 2018.

⁹¹ Claude Messad Hamani. Entrevista concedida a Fabiana Fábio, no Cemitério dos Judeus em Óbidos, em 04 de Novembro de 2018.

filhos: Moyses, Esther, Stella, Mery e Jaime. Ane Benchimol, casada com um do netos de Salomon Benarrós detalha o que sempre ouviu sobre os fatos e procedimentos dos judeus em Óbidos:

Nossa conexão com Óbidos se dá, exatamente, por esse parente falecido, ele é avô do meu marido, se chamava Salomon Benarrós. O seu Salamon, já casado, tinha quatro filhos e a esposa foi com ele até Belém, porque ele não estava bem de saúde, Belém era mais avançado principalmente na área médica. Eles pegaram o barco e foram até Belém, ele não morreu no porto, foi no percurso. Então, disseram que iam jogar o corpo na água, porque passageiro que morria a bordo jogavam na água. O dono do barco não quer infecção a bordo. Tifo, febre amarela. Isso em 1934, tinha um passageiro a bordo, era um Elmescany, que são aparentados dos Hamoy. Esse Elmescany convenceu o capitão que estava na viagem e a viúva, uma senhorinha frágil. Por favor, estamos para chegar em Óbidos e aí chegando lá a gente desce e retira o corpo. Eles chegaram em Óbidos à noite, alguém foi chamar a família Chocrón e Hamoy, eles ajudaram a avó do meu marido, deram toda assistência e fizeram o sepultamento lá.⁹²

Figura 41- Salomon Benarrós e Carlota



Fonte: Arquivo de Família.

O gesto solidário, incorporado por vestes da tradição judaica, criou um elo entre os Benarrós, para com os Hamoy. Não apenas a benevolência dos judeus, mas se tem no cemitério, o monumento que contribuiu para a tradição adquirir forma e ser passada adiante.

⁹² Anne Benchimol, entrevista concedida em Manaus no Manauara Shopping, a Fabiana Fábio em 18 de agosto de 2018.

Caso não houvesse intervenção, o corpo provavelmente seria lançado no rio Amazonas. Hamoy (2009, p. 64) também não marginalizou o fato:

Estamos em 1934 e um corpo de um judeu jazia em um navio de passageiros ancorado na cidade. O homem passou mal e nem chegou a ter socorro médico, morreu rapidamente, deixando sua esposa e duas filhas ainda pequenas inconsoláveis e desesperadas. Tal fatalidade logo virou notícia e se espalhou pela cidade. Yomtob e Rebeca, ao tornarem conhecimento do fato, dirigiram-se para o navio. A viúva e as filhas foram consoladas e acomodadas na casa de meus avós e o homem teve um enterro com toda dignidade e religiosidade possível para um judeu em Óbidos. Moraram ainda aproximadamente um mês com o casal.

Segundo Hamoy (2009), as filhas de Salomon Benarrós nunca esqueceram tal solidariedade, além das prestezas fúnebres. Yomtob e Rebecca possibilitaram condições materiais e espirituais à viúva e as duas filhas. Ficaram acomodadas durante o limiar do luto, na ânsia de amenizar o sofrimento que as abatia pela perda inesperada do patriarca da família. Esther Israel Koifman de 93 anos, residente em Manaus, faz recordações do pai:

Meu pai era um pessoa maravilhosa, trabalhador, deu muito conforto pra nós todos, pra minha mãe e meus irmãos, faleceu muito novo, estava muito adoentado, iam para Belém, porque Manaus ainda não tinha voo direto pro Rio, esperaram um navio para ir até Belém, pegar um avião. Numa tarde dentro do navio, ele quis ir banheiro e mamãe pediu para um amigo que também era da nossa religião. O navio era um navio pequeno que fazia viagem de Manaus a Belém. Na volta do banheiro, ele sentou, virou os olhos e faleceu. O navio parou em frente à cidade de Óbidos. Era meia noite, tiraram ele, colocaram numa canoa e nosso amigo bateu na porta de um cidadão que também era da nossa religião seu Hamoy. Este cidadão recebeu o corpo do meu pai, meia noite na loja que ele tinha, a residência era em cima e embaixo uma loja. Colocou o corpo do meu pai lá. No dia seguinte prepararam o corpo do meu pai e fizeram o enterro, estiveram lá todos que nós não conhecíamos antes, eram da comunidade. Meu irmão mandou fazer a sepultura.⁹³

Nas perspectivas de Le Goff (1990) os sinais do passado também se encontram num monumento funeral que se destina a perpetuar a recordação de uma pessoa no domínio em que a memória é particularmente valorizada como a morte. Os parâmetros judaicos que aliançaram os judeus de Óbidos aos de Manaus, são recorrente do enredo morte, funeral e judaísmo.

Salomon era comerciante de produtos regionais em Manaus, a viúva não se casou mais, viveu para bem cuidar e educar seus 04 filhos. Na Figura 50 as duas irmãs de mãos dadas são Mery Israel Benchimol com 88 anos e Esther Israel Koifman com 93 anos. Uma de suas filhas, Mary, casou com um “Benchimol”.

Os Benchimol compõe uma das mais conhecidas famílias judaicas de forte tradição judaica e poder aquisitivo no estado do Amazonas. Portanto, Salomon Benarrós não é

⁹³ Narrativa feita através de vídeo por Anne Gimol Benzecry Benchimol para Fabiana Fábio, na residência das filhas de Salomon Israel Benarrós, na cidade de Manaus-AM em 15 de Setembro de 2018.

patriarca dos “Benchimol”, como um dos interlocutores mencionou, e sim pai de uma das filhas casada com um judeu dessa família.

Figura 42 - Família Benarrós e Benchimol



Fonte: Cortesia da família.

4.5 Algumas Tradições Fúnebres Judaicas

O judaísmo preserva um mosaico de tradições, resultado da conservação das leis, filosofias e arranjos culturais do povo judeu. Para os judeus, a morte evoca procedimentos necessários tanto para quem morreu, quanto para a família. Em Óbidos, no século XX, com ênfase a partir da década 30, obtiveram-se fontes históricas de como os judeus ritualizam os funerais judaicos, realizados pela comunidade, que religiosamente cumpriam o que dita a tradição após a morte de um judeu. É peculiar entre os judeus, um amparo tipificado de honra e solidariedade.

A *Khevera Kadisha*⁹⁴ é grupo de voluntário que faz as orientações do ritual fúnebre, que pelos relatos foi realizado pela comunidade judaica. São procedimentos que “aliviam a família de todos os encargos dolorosos que advém do falecimento de um de seus membros. Com os mais rigorosos respeito e senso de tato, pessoas da Irmandade Sacra encarregam-se de lavar e vestir o corpo do extinto.” (LEMLE, 1967, p. 70). Grupo de voluntários durante a *Kreva Kadisha* é considerada pela comunidade como um “grupo santo”, por isso a sensibilidade espiritual que nesse momento está ligada a santidade. A lavagem do

⁹⁴ Nome dado à sociedade de homens e mulheres judeus dedicados, que executem as preparações dos corpos dos mortos.

corpo é um momento de purificação, as mãos que lavam estão alinhadas com as preces ecoadas em pedido de perdão pelas faltas cometidas.

Em 1961, quando David Hassan faleceu, a comunidade judaica foi acionada e foi cumprido o rito judaico. Houve lamúrias pela inexistência do quantitativo de homens exigidos pela própria tradição. Mesmo assim, os “Hamoy” fizeram o ritual. O corpo de Hassan foi lavado e teve seu caixão aos moldes judaicos e junto de seu *talit*,⁹⁵ que repousa no cemitério judaico em Óbidos (HAMOY, 2009). Claude Hamani e Fortunato Chocrón relembram os procedimentos dos rituais fúnebres que presenciaram ou executaram em Óbidos:

Tira a roupa do morto. É lavado todo o corpo, não precisa estar sozinho, pode ter ajudante, perfuma o corpo, com qualquer perfume, embrulha o corpo numa mortalha e é amarrado, da cabeça, tronco, pés. Depois disso, ninguém mais pode abrir e ver a pessoa, toda a cara fica embrulhada, depois que morreu, embrulhou, acabou. Nem a própria família pode ver mais. O caixão não tem fundo.⁹⁶

O corpo é entregue a terra, tu és pó em pó te transformarás, é envolto numa mortalha simples. Tem cerimônia, mas toda cerimônia judaica tem que ter pelo menos 10 judeus maiores de idade religiosa. Muitas das rezas e rituais necessita ter na comunidade o mínimo de 10 homens, judeus praticantes.⁹⁷

Fortunato mencionou a exigência quanto ao quantitativo de homens na comunidade judaica, chamado de *minian* que “(...) é o nome em hebraico que designa o quórum de dez ou mais homens adultos, isto é, homens que fizeram a cerimônia de *Bar Mitzvá* e que são necessárias para execução de diversas rezas e cerimônias no judaísmo.” (HAMOY, 2009, p. 115).

Lemle (1967) recomenda que os elementos judaicos como o caixão e a mortalha sejam simples e que seja assim para todos os judeus, para que na morte não haja expressão de origem ou posição social. “Duas pessoas ficam em permanente vigília ao lado do *esquife*⁹⁸, até a hora da saída do sepultamento.” (LEMLE, 1967, p. 77). A história evidenciada como a comunidade judaica, principalmente no século XX, procedia a *Kreva Kadisha* e a *Kadish*, não só com familiares ou membros da comunidade, mas também com judeus de cidade circunvizinhas.

⁹⁵ Acessório religioso judaico, com semelhanças de um xale confeccionado em seda, lã ou linho, possui um arranjo em forma de franja e faz parte da cultura Sefaradi. Usa-se o talif para cobrir a cabeça.

⁹⁶ Claude Messad Hamani. Entrevista concedida a Fabiana Fábio, no Cemitério dos Judeus em Óbidos, em 04 de Novembro de 2018.

⁹⁷ Fortunato Chocrón. Entrevista concedida a Fabiana Fábio, na Usina de Castanha Boa Esperança, em 19 de Setembro de 2018.

⁹⁸ Caixão de defunto.

O *Kadish* é uma prece proferida em todo rito fúnebre, Lemle (1967, p. 78) ilustra: “Santificação, é um grande hino a Deus, que em sua sabedoria onipotente nos dá a vida e nos permite fazer dela o melhor uso possível.” No cemitério, se evoca outros procedimentos, a exemplificar a recordação de Fortunato Chocrón, “há obrigatoriedade do filho mais velho de descer ao túmulo para receber o corpo do pai.”⁹⁹

No cemitério, os judeus fazem agradecimentos evocando a memória do morto, pelo o que foi e fez. É um momento em que os espíritos dos judeus vivos, através desse ato tocam o espírito que partiu, para que encontre paz e a alma descanse confortada, se faz isso ainda com túmulo aberto (LEMLE, 1967). É preciso que “(...) todos depositem três pás de terra sobre o caixão, baixado no cemitério judaico.” (LEMLE, 1967, p. 77). Claude Hamani que já participou de três rituais em Óbidos detalha esse momento:

Tira-se o fundo do caixão. O certo é o corpo ir embrulhado numa mortalha, um tecido grosso sem ser linho e colocar na terra. Se enterrar dentro do caixão, com 03 dias o corpo, em decomposição, época, quantos anos aquilo fica apodrecendo? Os judeus, a terra suga todinho aquela matéria e com três meses ou quatro aquilo está sequinho. Do pó viemos, a ele retornaremos.¹⁰⁰

No falecimento de Mary Hamani, uma exceção teve que prevalecer, só havia homens que sabiam preparar o corpo e realizar as rezas. Por isso, se fugiu as normas que paramentam o ritual judaico. Ficou a cargo do esposo Claude Hamani e por um rabino Moysés Elmescany realizarem os procedimentos necessários, mesmo na ocasião tendo duas mulheres judias na cidade, as filhas de Mary Hamani, Caroline e Ester, porém não sabem fazer os ritos. Segundo Claude Hamani é preciso de certo estudo e ter instrução de como embrulhar o corpo e fazer os amarros corretos com o pano.

Claude Hamani relembra dizendo que a filha mais velha não participou do ritual da mãe, por também ser medrosa. Caroline Hamani defendeu-se: “não é fácil preparar o corpo da própria mãe, é complicado, dolorido, precisa ter muita força para fazer. Eu nunca quis fazer.”¹⁰¹

De acordo com Lemle (1967, p. 77), “a ocasião da despedida, a família e os amigos rendem a derradeira homenagem ao morto, tendo sempre sido considerado do máximo valor religioso e humano esse ato de acompanhamento de funerais.” Inicia-se o tempo de luto, em que, nos primeiros sete dias, os familiares ficam recolhidos no lar fazendo preces

⁹⁹ Claude Messad Hamani. Entrevista concedida a Fabiana Fábio, no Cemitério dos Judeus em Óbidos, em 04 de Novembro de 2018.

¹⁰⁰ Id.

¹⁰¹ Carolina Hamani. Entrevista concedida a Fabiana Fábio, em sua residência na cidade de Óbidos em 03 de Novembro de 2018.

cotidianas, sentados em banquetas baixas ou sobre almofadas, é o momento de viver o *Shivá*.¹⁰² E a comunidade judaica ajuda a confortar os enlutados fazendo visitas.

Relembrando a história do judeu que faleceu no barco e foi acolhido por Yomtob e Rebeca; Hamoy (2009) quando diz “Moraram ainda aproximadamente um mês com o casal.” O autor está se referindo ao tempo necessário para cumprir as obrigações judaicas quanto ao luto, ou seja, judeus em Óbidos emitiam os comportamentos religiosos de integração cultural e, em certos casos, seguiam rigidamente os preceitos judaicos.

Quando o falecido completa 01 ano de morto, considera-se o aniversário da morte, é colocado a lápide constando a dedicatória, nome e data do sepultado. Há uma confiança de que aquela alma repousa na vida eterna, que é uma das bases do judaísmo, a fé na sobrevivência do espírito (LEMLE, 1967).

Para Sobel (1984), durante a *Shivá*, mesmo para um rabino são dias delicados, não se sabe como agir mediante o luto, há um certo constrangimento pela dor e por saber das limitações que se tem em lidar com essa dor do outro. É um impacto difícil de lidar, são conjecturas e mistérios que pairam no lugar e na emoção dos enlutados. Seria tão mais honesto se desde pequenos fôssemos ensinados sobre os sentimentos que a morte traz, os adultos travam esse desenvolvimento, tratam a morte sempre com medo.

Sobel (1984) afirma existir um esquite em falar da morte e interpreta isso como negativo.

É por isso que sugiro expormos nossos filhos desde cedo a estes elementos básicos da vida: a morte, o luto, as condolências. Ensinando-lhes sobre a morte, estaremos preparando-os para a vida. Aos poucos, eles aprenderão a falar franca e abertamente sobre a morte, pouco a pouco, irão se desinibindo nas visitas do *Shivá*, até que um dia não se sentirão mais constrangidos diante da dor alheia. E só então saberão realmente confortar e consolar. (SOBEL, 1984, p. 532).

Os parâmetros religiosos que comportam a vida judaica são concebidas em várias etapas da vida. O morrer judaico, como se observou nos relatos, exige posições, rituais e rigor. Em Óbidos, algumas especificidades, quanto aos rituais, passaram por adequações, considerando as mudanças sociais.

¹⁰² Os primeiros sete dias de luto.

4.6 Costumes Egípcios e Amazônicos

Alguns judeus ficaram isolados religiosamente para vivenciarem os procedimentos religiosos ditados pela tradição após a morte. Viver e morrer na Amazônia perpassa também por readequações de novos costumes. A importação de costumes reaviva etnocostume e proporciona ressignificadas ambientalizações culturais. Vasculhando peça, pista e ouvindo memórias compartilhadas, é possível se chegar a costumes judaicos que são desconhecidos, que foram importados por algum judeu. Esses costumes quase sempre estão ligados a alimentos, língua, hábitos, ou atividades que uma determinada família pratica e ensina para seus filhos.

Há quem diga quão difícil é ser cético na Amazônia, seja pelas miragens ou visagens que a credence popular afirma que o lugar proporciona. Até quem veio de terras faraônicas sentiu e viveu uma forte sedução pela cultura local.

Os judeus egípcios da família Hamoy e seus descendentes não escaparam dessa sedução comestível, como farinha, castanha e o jaraqui. Comer farinha em Óbidos é traço cultural de evidência indispensável, seus derivados são arranjos para outras receitas, e também, por si só, se torna alimento. “Ainda hoje doces, salgados e tudo mais são comidos com farinha. Comida sem farinha não tem graça nem gosto. Um punhado na palma feito cuia é jogado e acerta o alvo, nenhum bago cai fora da boca.” (HAMOY, 2009, p. 26).

O jaraqui é um dos peixes que simbolicamente e culturalmente estão arraigados nos costumes nos obidenses. O comer jaraqui adquiriu uma intensidade histórica e cultural, a ponto de se ter um “Festival do Jaraqui” na cidade. Tendo como marco temporal o cardume do peixe no município, que envolto de seus lagos e igarapés movimenta pescadores artesanais e amadores. Hamoy (2009, p. 26) detalha esse etnocostume:

Os peixes são mastigados enquanto as espinhas são expulsas pelo canto da boca. Costumes são costumes e essa é uma forma educada e eficiente de comer peixe com farinha na Amazônia. Essa habilidade do caboclo foi apreendida por muitos judeus e seus descendentes.

Para Hamoy (2009), comer jaraqui e arranhar os dentes para quebrar a castanha o fazia lembrar quão perto estava o *Rosha Há-Shanah* e, dez dias após, o *Yom Kippur*. O simbolismo da cultura local e das festas religiosas foi interpretado por Hamoy (2009), da seguinte forma: “Milhões de judeus a orar, milhares de peixes a nadar [...]. Os peixes para o nascente do rio e os judeus para o único nascente, um Deus único.” Os entrelaços culturais e a

absorção dos costumes locais ressignificaram costumes alimentares dos judeus, havendo transferência desses costumes para seus descendentes, alguns obidenses, outros não.

Vivenciar o judaísmo em moldes tão peculiares e ao mesmo tempo tão sintonizados com as vivências e sociabilidades locais, ao que parece, contribuiu para que os judeus se sentissem em casa por pertencimento e identidade. Numa pátria arranjada, moldada ano após ano, em que os costumes do lugar se atrelaram àquilo que mais é relevante e que une os judeus, a religião. E, assim, judeus foram assimilando copiosamente os rearranjos culturais da cidade. Acredita-se que o cenário das crenças populares, ter contato com a Amazônia é estar predestinado a se envolver, ainda que indiretamente, com os encantos dos mitos simbólicos, alegóricos, repressivos, punitivos e imaginários que fazem, da região, um acervo de mistérios.

Os Hamoy respingaram em seus descendentes costumes egípcios, ao mesmo tempo em que ainda estavam absorvendo costumes locais. Tanto que para essa família era possível obter sorte fazendo uma essência a partir de partes do sapo canauru, comum na Amazônia. Quando queimado os resquícios do sapo exala uma fragrância no ambiente e seus avós viveram suas vidas em meio ao que ele chama de “amazonização”. “Também do Egito proveio o costume de incensar continuamente os lugares mais escuros e secretos.” (JOHNSON, 1995, p. 125). A afeição dos costumes amazônicos, como a queima dos restos do sapo, pode ter sido bem aceita pelos Hamoy, pela herança dos egípcios de seus antepassados.

Segundo Hamoy (2009), um descendente de judeu, chamado Matusalém, era pai-de-santo conhecido na cidade, solicitado por seus passes, até Félix Hamoy quando necessário recorria aos seus dons. Estava o menino Benjamim Hamoy abatido de alguma moléstia foi levado por seu pai até o benzedeiro:

Lembro de ainda menino ser levado para tomar passes. O murmúrio das orações à sombra das dezenas de santos, à meia-luz de uma vela, me fazia dormir. A travessura tinha ultrapassado qualquer limite e esse era último recurso. Benzer era um santo remédio onde não tinha remédio. Feridas que não cicatrizavam ou bebês com quebranto eram benzidos com folha de vassourinha. (HAMOY, 2009, p. 84).

Não se encontrou vestígios da família de Matusalém citado por Hamoy (2009), provavelmente esse descendente de judeu fosse cristão novo, portanto, não conhecido na cidade como de descendência judaica.

É saliente como a “benção” era vista por esses indivíduos, isto é, que não interpunham discriminação com as crenças locais. Mesmo não tendo aprovação dos patriarcas para visitar os espaços de curandeiros, eles o faziam quando a necessidade era extrema. A

interação social dos judeus com o credo local foi uma das formas ressignificadas de sociabilidade cultural e afeição humanística.

Os costumes conexos com as tradições judaicas eram ensinados geralmente pelos avós, ou seja, os imigrantes. Esses ensinamentos foram pilares para a assimilação, para que o judaísmo não desaparecesse. Todavia, os costumes locais foram sorrateiramente infiltrados em alguns membros da família Hamoy. A crença dos efeitos do sapo canauru pode ou não ter sido manipulada e usada pelos judeus dessa família como incremento, para se ter boa sorte.

Em diálogos com Ester Mirian Hamani, percebe-se como os costumes judaicos, assimilados da avó Rebecca e da mãe Mary Hamani, continuam impregnados na memória. Vejamos o que Ester Hamani faz quando vai ao cemitério, motivada pela espera por um casamento com um varão judeu. “Toda vez que eu vou ao cemitério, eu faço esse pedido para vovó e para mamãe, eu coloco umas pedrinhas em cima do túmulo e peço. Mamãe antes de morrer disse que era para eu pedir e eu peço.”¹⁰³

Há no judaísmo bases sólidas de que a vida não se encerra com o desaparecimento do corpo, não havendo dissolução do que se era, em face da essência humana que é imortal, que vive eternamente (LEMLE, 1967). O costume de Ester Hamani de depositar pedrinhas nos túmulos da avó e da mãe é a personificação de como essa crença judaica encontra fundamentos naquilo que Lemle (1967) descreve, confirmando-se por anos a simbólica petrificação de que os mortos de alguma forma vivem. Segundo Bosi (1994), é preciso haver um interesse no que foi lembrado, no que foi escolhido para lembrar, como perpetuação da vida de uma pessoa.

Hamoy (2009) afirma que sua avó Rebecca frequentava o cemitério judaico em Óbidos durante o *Rosh Hashaná*, por acreditar que os mortos intercediam pelos vivos. O que Ester Hamani faz costumeiramente quando vai ao cemitério é seguir a tradição compartilhada pela mãe e avó. Vejamos como um costume judaico se torna intercontinental e continua sendo praticado pelos descendentes.

Os judeus também têm os costumes de reverenciar seus antepassados, colocando seus nomes aos filhos e netos, ou mesmo de um descendente mais distante da genealogia familiar e isto é feito no oitavo dia de nascimento. Cada judeu tem, para fins religiosos e tradicionais, um nome que se estabelece da seguinte forma: “Fulano, filho de Sicrano [...]

¹⁰³ Ester Hamani. Entrevista concedida a Fabiana Fábio, na residência da família em Óbidos, em 04 de Novembro de 2018.

Alguns usam o nome da mãe, em lugar daquele do pai: David Bem Miriam.” (LEMLE, 1967, p. 74).

4.7 Memórias de Brit Mila e Bar-Mitzvá

As etapas da vida de uma criança judia para a maioridade são envoltos de significados desde o nascimento e carregam vestígios de seus antepassados, deixando resquícios para sua posteridade. Pelos preceitos judaicos, toda criança nascida de uma mãe judia é considerada judaica. “Pelo nascimento, seguindo a linha maternal, e pela conversão sincera, a tradição judaica determina que é judeu, embora haja quem reconhece a conversão motivada pelo casamento.” (LEMLE, 1967, p. 08).

Ser filho de mãe judia para o autor já preconiza uma espécie de direito adquirido a ser judeu, mas que por si só, não sustenta a convicção de abraçar a religião judaica e vivê-la de forma genuína. Por isso, segundo Lemle (1967), quando o nascido é do sexo masculino, no oitavo dia, é circuncidado, que é admitido na Aliança de Abraão, esse momento é chamado de *Brit Mila*. É nesse mesmo momento que se atribuiu um nome hebraico a criança.

As famílias judaicas viajavam longos dias para conduzirem seus recém nascidos para cidades que tivessem alguém capacitado para fazer o ritual. “A dona Ricca ia para Parintins levar todos os filhos para circuncisar. Todos os filhos de Yomtob e Rebecca foram circuncidados. Judeu só é judeu se for circuncidado.”¹⁰⁴ Para Claude Hamani a circuncisão é imprescindível para continuidade da vida no judaísmo. Hamoy (2009, p. 110) explica o processo da circuncisão:

Mohel é aquele que é responsável por efetuar a remoção do prepúcio. Qualquer judeu que saiba fazer a cirurgia (se o pai da criança souber realizar a *brit*, não é permitido que delegue a função a outra pessoa) e saiba as bênçãos específicas [...] o *mohel* é um especialista capaz de efetuar a circuncisão. Ele não é necessariamente um médico, mas tem uma grande experiência na execução da *brit*.

Pelos relatos de Hamoy (2009), a prática mais clássica de fazer a *brit* era sem anestésico, mas há ressalva de que atualmente já se utiliza anestesia. O processo de recuperação é rápido e não causa traumas na criança. Outra etapa, de relevo religioso para os judeus, é quando o menino alcança a maioridade religiosa aos 13 anos e a menina judia aos 12 e meio.

¹⁰⁴ Claude Messad Hamani. Entrevista concedida a Fabiana Fábio, na residência da família em Óbidos, em 04 de Novembro de 2018.

Para a maioria das comunidades judaicas, essa etapa é celebrada. Chama-se *Bar Mitzvá* dos meninos e *Bat Mitzvá* para as meninas, é como se fosse uma formatura dentro do antro religioso. Lemle (1967, pp. 75-76) detalha esse momento:

O culto da comunidade, os jovens manifestam a sua preparação para assumir a responsabilidade dos adultos. O jovem judeu não pode mostrar isso de forma mais indicada do que lendo o seu trecho-a sua Parasha-na Torá. Dessa hora em diante, o jovem conta como homem nos serviços comunais e é responsável pelo cumprimento das suas obrigações como ser humano e judeu. Mas, meninas recebem a sua preparação em cursos e formulam diante da comunidade a sua resolução de assumir o papel significativo de mulher judia.

Na Figura 43 estão dispostos Yomtob Hamoy da esquerda para a direita e Claude Hamani na celebração religiosa de seu Bar Mitzvá em Marrocos. “Eu fiz meu Bar Mitzvá em Casablanca, inclusive na nossa tradição, se pega um menino órfão e faz tudo para ele, roupa, aula de Bar Mitzvá, tudo a gente fez, era um menino pobre e humilde.”¹⁰⁵ Relembra que seu pai comprou 50 quilos de matzá¹⁰⁶ para distribuir para as pessoas, por ser uma tradição em Marrocos.

Figura 43 - Bar Mitzvá de Claude Hamani



Fonte: Arquivo de Família.

¹⁰⁵ Claude Messad Hamani. Entrevista concedida a Fabiana Fábio, na residência da família em Óbidos, em 04 de Novembro de 2018.

¹⁰⁶ Pão ázimo é um tipo de pão assado sem fermento, feito somente de farinha de trigo (ou de outros cereais como aveia, cevada e centeio) e água.

Fortunato Chocrón relembra a passagem de sua fase de infância para a maioridade religiosa e exemplifica, através da fotografia de seu sobrinho na Figura 44, o significado dos adereços no judaísmo.

O que fica na cabeça e vem pelo corpo, isso significa que tudo provém da mente e aqui o *quipá*, tudo isso está abaixo de Deus. Tem uma toalha que se põe para fazer as orações, e o livro de *Toráh* está guardado sobre um tecido de veludo para protegê-lo, com muito cuidado e só quem abre é o rabino, quando se lê em cima dele se usa uma peça de veludo, para que não seja danificado, se alguma letra do *Torah* for danificado, o Rabino recupera. Esse é meu sobrinho que mora em Recife, mandou de lembrança do *Bar Mitzvá*.¹⁰⁷

Figura 44 - Adereços de *Bar Mitzvá*



Fonte: Cortesia de Fortunato Chocrón.

Para Hamoy (2009), fazer o *Bar Mitzvá* é passar a ser filho do mandamento, o iniciante é permeado de certo nervosismo, por ser necessário decorar um texto da *Torah* para ser lido em voz alta, mediante toda a sinagoga. A solenidade é arraigada de significados para a família, porque envolve leis, comportamentos éticos e a personificação da tradição judaica. A partir do *Bar Mitzvá* o judeu passa a integrar ao *minian*¹⁰⁸ de qualquer comunidade judaica.

Benjamin Hamoy, neto de Yomtob e Rebecca, relembra com êxtase sua passagem. “Filho judeu, aparamentado de judeu e carregando a *Toráh*, Rebecca não se

¹⁰⁷ Fortunato Chocrón. Entrevista concedida a Fabiana Fábio, na Usina de Castanha Boa Esperança, em 19 de Setembro de 2018.

¹⁰⁸ Quórum judaico formado por 10 judeus maiores de 13 anos.

conteve e, desfazendo-se em lágrimas, balbuciou, abraçando-me: Teu avô está aqui, meu filho.” (HAMOY, 2009, p. 73).

CAPÍTULO 5

Neste capítulo buscou-se tecer concepções da ressignificação de algumas festas sagradas do judaísmo, a partir dos mecanismos amazônicos de ser. A ressignificação do *Shabat*, *Rosh Hashaná* e *Yom Kipur* está alicerçada numa matriz religiosa importada pelos imigrantes. O contexto Amazônico norteou reconfigurações das práticas dessas festas para a manutenção do judaísmo no lar, como forma de resistência dos aportes culturais e religiosos dos judeus como povo.

Nota-se as impressões da religiosidade vigente entre esse grupo. Nos dias que se aproximam dessas festas, o cotidiano se direciona para os preparativos dos elementos necessários para o evento religioso. O momento da comemoração se reveste de pontuações tradicionais, de arranjos sagrados como as preces e os alimentos que foram preparadas dentro das exigências filosóficas da religião.

5 RESSIGNIFICAÇÃO DO JUDAISMO EM ÓBIDOS

O ser judeu em Óbidos se revestiu de ressignificados ao longo do século XX e XXI. Tais práticas, em diversos momentos, incorporam traços amazônicos, como estratégias de vivência da tradição judaica como resposta aos vazios e necessidades impostas a seus praticantes. E os remanescentes tem se recusado a deixar desaparecer entre os seus.

Para não ser logrado pelo processo de subtração da comunidade judaica local, um judeu insiste em comemorar as principais festas sagradas, mesmo que, para isso, alguns significados e passos fiquem implícitos. Ver-se-á como um judeu desenvolve rituais paralelos ao que vivenciava quando a comunidade em Óbidos era numerosa, mantendo o simbolismo cultural, dando ênfase ao significado principal da tradição.

Shabat, *Rosh Hashaná*, *Yom Kipur*, ainda praticados em Óbidos, se convergem para uma ótica de prática mutável, em que o essencial perdura como significante. A ressignificação se alimenta dos elementos disponíveis na cidade, humano e material. As circunstâncias locais não impedem que o judaísmo deixe de ser praticado, ainda que por uma ou duas famílias. Como é caso da família de Fortunato Chocrón e de Claude Hamani.

5.1 Um Shabat, um Judeu e Eu

Professora há 17 anos na cidade de Óbidos, sempre questionava a invisibilidade de alguns sujeitos históricos que construíram uma história social, econômica e cultural no contexto obidense. Ensinava “História de Óbidos”, que é uma disciplina da base diversificada do Ensino Fundamental II, mas, nesse enredo curricular, não constava a presença dos judeus intrínseca na história local. As inquietações, quanto a essa marginalização, tornara-se a bússola para adentrar numa pesquisa, mesmo que não atingisse patamares densos.

O primeiro contato que tive com um judeu foi com Sr. Fortunato Chocrón em 2017. Perdi o quantitativo de encontros e conversas, tanto em seu trabalho quanto na sua residência, um dos mais nobres casarios da frente da cidade. E nos últimos 03 anos, o mesmo foi uma das maiores referências na descoberta da história da imigração judaica. Ao modo amazônico de ser, reporto-me a um dos encontros que tivemos, marcada numa sexta-feira às dezessete horas em sua residência.

Iniciamos os trabalhos, conversar vai, entrevista vem, concluímos exatamente o aspecto da religião. Eram umas vinte horas, quando dona Ana chamou seu Fortunato para jantar, mas não tenho certeza se ela falou a palavra “janta”, ou se meus ouvidos foram logrados pelo estômago faminto. Chamaram-me para ir ter na mesa com eles, não hesitei, imaginei no mínimo um bife acebolado, arroz e bastante farinha. Surpresa. Deparo-me com bolos, doces e frutas adocicadas, algumas típicas da região, outras não. Eu havia pensando em comida. Mas, o interessante é que tive o que não buscava, mas precisava ver. O *Shabat* com um judeu e uma Goya.¹⁰⁹ Estávamos na verdade comemorando o *Shabat*. Dona Ana Maria disse que era uma tradição, todas às sextas-feiras, a partir das 18h. Comemorar o sábado e o jantar é dessa forma, com todas essas frutas. Não teve reza, nem cantos. Seu Fortunato continuou falando como é ser judeu em Óbidos, falou do significado do *Shabat* e de seu amor por dona Ana. (Fabiana Fábio, 2018).¹¹⁰

A participação indireta no *Shabat*, o contato com o lugar e os entrevistados, se deu de forma imprevisível. Não obstante, para dar forma aos conceitos teóricos de como um dos dias sagrados para religião judaica, é realizado em Óbidos. A observação participante, foi engessada para descrever o sábado ressignificado para Fortunato Chocrón e sua esposa. E como esse dia religioso tem bases na tradição, obedecendo princípios e evidenciando traços do judaísmo.

¹¹⁰ Pesquisa participante, realizada em 02 de junho de 2018, vivenciada por Fortunato Chocrón, Ana Maria Chocrón e Fabiana Fábio.

Sobel (1984), quanto às observâncias dos Dez Mandamentos de todas as festas judaicas, afirma que apenas o *Shabat* é mencionado como dia sagrado que mais retrata a essência da fé. E comunga da ideia que não só o judeu mantém o descanso no sábado, mas como o sábado mantém o judeu. O *Shabat* não se restringe a um mandamento mecânico a ser cumprido pelos rigores da lei judaica, mas perpassa pela necessidade física e psíquica, adentrando até um contexto social. Um descanso semanal como essência da legislação democrática e social. No momento que um patrão não delega trabalho para seus funcionários, não só ele descansa, como conduz justamente outros ao descanso (SOBEL, 1984).

O que se presenciou foi judaísmo, fé e costumes sendo praticados em família, tendo como adorno a maneira de um judeu se aproximar da sua religião, como forma de dar continuidade a comemoração do *Shabat*, numa cidade ribeirinha da Amazônia, região em que não apenas o *Shabat* ainda é comemorado, mas também o Ano Novo Judaico, o *Rosh Hashaná* e o *Yom Kipur*.

5.2 As Percepções de um Rosh Hashaná

O ano é 5779 do calendário judaico e 2018 do calendário cristão. Na Amazônia, numa cidade ribeirinha, um expoente do judaísmo, resiste e ressignifica traços singulares do *Rosh Hashaná*. Um das principais festas judaicas, o *Rosh Hashaná* em hebraico é “Santificação”, benção sobre a taça de vinho disposto na mesa que anuncia a santificação do *Shabat* ou outra festa judaica. O ano novo possui um significado filosófico descrito por Henry Sobel:

Rosh Hashaná é geralmente comemorado em Setembro, numa época do ano quando, em Israel, o mundo da natureza começa a definhar e esmorecer. A pergunta é: por quê? Por que no outubro e não na primavera? Não seria mais apropriado celebrar “novos começos” em abril ou maio, quando em Israel uma vida nova se agita, quando a natureza desperta, as árvores vicejam e as flores desabrocham? [...]. Os judeus, no entanto, escolheram o mês de *Tishrei* (setembro) e não *Nissan* (abril) como a época de recomeçar, [...]. Os pagãos antigos achavam que todos os seres eram governadas por um destino inalterável, ao qual até mesmo os deuses estavam sujeitos. O judaísmo foi a primeira filosofia a desafiar o paganismo. De acordo com a doutrina judaica, o homem não é governado pelos “poderes supremos” da natureza. E assim, *Rosh Hashaná* em setembro representa o eterno protesto do judaísmo contra o paganismo. (SOBEL 1984, p. 226).

Sobel (1984) atribui ao ano novo judaico um significado filosófico com essência oposicionista ao paganismo, comemorado num mês desprendido de qualquer outra festa de outros povos ou religiões. Lemle (1967) atribui um conceito mais próximo dos princípios

judaicos ajuizando como “cabeça do ano” e a cor branca nas vestes sinaliza uma busca por purificação na alma, direcionando novos comportamentos depois da comemoração do *Rosh Hashaná*.

Joffe (2017) converge com Lemle (1967) em conotar o *Rosh Hashaná* como “cabeça do ano” iniciando uma penitência chamada de “Dias Temíveis” que encerram no *Yom Kippur*. “São dias de introspecção em que os judeus são estimulados a analisar seu comportamento e como mudá-lo para melhorar sua vida e a dos outros.” (JOFFE, 2017, p. 25). É o sentido prático dos dias que interligam duas festas judaicas ao *Rosh Hashaná* ao *Yom Kippur*.

Em Óbidos, dos judeus que resistem no reconhecimento e autoafirmação do judaísmo, estão duas famílias, os “Chocrón e os Hamani”. A família Chocrón tem o patriarca Fortunato Chocrón como figura de resistência em vários elementos da cultura judaica, não reduz suas convicções filosóficas e religiosas. A identificação com o judaísmo também é expresso em seus objetos simbólicos, porém sagrados, dispostos em vários lugares de sua residência, como na Figura 45.

A Figura 45 é um simbolismo que expressa as ressignificações do judaísmo, num lar, em que um judeu é casado com uma *Goya*. Fortunato Chocrón e Ana Maria Chocrón encontraram um equilíbrio no matrimônio, onde cada um vive sua religião. Em um minuto, ao olhar para a estante dos elementos sagrados do casal, é possível uma percepção dos arranjos que compõe duas religiões, convivendo lado a lado, sem projeção de inferioridade ou preconceito.

Figura 45 - Espaço sagrado dos Chocrón



Fonte: Fábio (2019).

Pelo contato com a família e enfoques arguidos sobre as tradições e princípios judaicos, ouvi diálogos e preparativos para a comemoração do Ano Novo, falaram de carneiro e dos doces necessários para a festa sagrada. A cidade seguia seu fluxo normal, os barcos realizando suas viagens entre municípios, navios intercontinentais passavam em frente, mas, na casa do judeu Fortunato, uma comemoração judaica secular se aproximava. Chegavam os doces, os detalhes da mesa e arranjos para a festa estavam preparados. Era o *Rosh Hashaná*, o ano novo judaico de 5779.

“As festas judaicas sempre começam no pôr do sol da véspera da festividade.” (JOFFE, 2017, p. 24). Estavam presentes o filho Abraham Fortunato, a esposa Ana Maria Chocrón e as empregadas do lar. A mesa organizada com tecidos finos e elegantes, os objetos que compunham o lugar do ritual bem disposto para cada momento. A primeira observância foi quanto ao *Quipá* em hebraico “*Kipau*”, Figura 46, que significa cobertura e temor a Deus, disposto no canto da mesa e usado durante o jantar apenas pelos homens: Abraham, Fortunato e um neto de Fortunato.

Figura 46 - Quipá de Fortunato Chocrón



Fonte: Fábio (2018).

O Ano Novo judaico se estende por dez dias, com propósito de condução ao arrependimento, exame de consciência até o *Yom Kipur*, que é o dia do perdão. Ao anoitecer, no dia 10 de setembro de 2018, ao entrevistar Fortunato Chocrón, pude acompanhar o jantar que estava sendo servido. Culturalmente na Amazônia, acontece por volta das dezenove

horas, principalmente nos redutos familiares mais tradicionais. Fomos conduzidos à mesa, enquanto Fortunato proferiu a oração lida de um livreto em português e em hebraico:

Nós estamos nos reunindo para comemorar o momento de Novo Ano, que para nós é uma nova etapa da vida, uma oportunidade que Deus nos dá, de melhorarmos não apenas pedindo pelas coisas materiais, mas principalmente para nós melhorarmos, para quando chegar no *Yom Kipur*, na páscoa da penitência, nós termos condições de recebermos o perdão. Nós temos que perdoar, para podermos nos credenciar, a ser perdoado pelo Criador.¹¹¹

Na casa, não existia adorno em alusão ao judaísmo, os elementos que faziam referência a data comemorativa. Havia uma mesa com uma variedade de alimentos, os obrigatórios e os opcionais. O ambiente, objetos, arranjos e alimentos estavam condicionados à prática religiosa, rendida às essências significativas do judaísmo. A festa seguiu uma ordem cronológica de acontecimentos. Os alimentos são compostos de tradição e simbolismo.

Segundo Fortunato Chocrón, o pão, que foi dividido entre todos, é o pão que Deus nos fornece todos os dias. A bandeja com maçãs cortadas para serem degustadas com o mel. A degustação da maçã, quando mergulhada no mel, simboliza o anseio por um Ano Novo doce (JOFFE, 2017). Na Figura 47, vê-se o vinho e o pão, elementos que marcam o limiar da tradição. Observa-se Fortunato Chocrón e o filho Abraham Chocrón utilizando o *Quipá*, por ser obrigatório. O judeu patriarca fez a oração:

Bendito é Tu, Eterno, Rei do universo, que fazes distinção entre o sagrado e o profano, luz e sombra, Israel e outras nações, o sétimo dia e os seis dias de trabalho. Fizeste uma distinção entre a santidade do *Shabat* e santidade das Festas, e santificaste o sétimo dia entre os seis dias de trabalho. Reservaste e santificaste Teu povo com Tua santidade. Bendito és Tu, Eterno, nosso D'us que diferes entre uma santidade e outra. (MORASHA, 2006, p. 04).

¹¹¹ Oração feita por Fortunato Chocrón, em sua residência em 10 de Setembro 2018, sob a observância de Fabiana Fábio.

Figura 47 - Limiar do ritual Rosh Hashaná de 5779



Fonte: Fábio (2018).

Após a oração inicial, Fortunato faz o ritual, divide vários pedaços de pão, que são emudecidos no mel e distribuiu a todos que estão participando da comemoração. E novamente insere uma oração: “Bendito és Tu, Eterno, nosso Deus Rei, do universo que criaste o fruto da árvore.”¹¹² Esta oração é da tradição judaica. Encontrou-se nos escritos de Joffe (2017, p. 26) à similaridade: “Bendito sejas tu, Eterno nosso Deus, Rei do Universo, que criaste o fruto da arvore.” Nesse momento, é colocado o vinho no cálice, um objeto de metal, é obrigação deixar transbordar o cálice de vinho.

Sentados à mesa, como pode ser verificado na Figura 48, seu Fortunato expõe uma regra: “Todos sentados à mesa para o jantar precisam tomar quatro taças de vinho, mesmo que isso faça a pessoa ficar alegre.”¹¹³ Eu respondi: “Gostei dessa parte”.

¹¹² Oração feita por Fortunato Chocrón, em sua residência em 09 de Setembro 2018, sob a observância de Fabiana Fábio.

¹¹³ Arguições de Ana Maria Chocrón, em sua residência em 09 de Setembro 2018, sob a observância de Fabiana Fábio.

Figura 48 - Comemoração do Rosh Hashaná com os “Chocrón



Fonte: Tavares (2018).

Questionei quanto à culinária, se existia algum alimento obrigatório. Ana Maria Chocrón respondeu: “Precisava de uma cabeça de carneiro, mas eu não consegui.”¹¹⁴ Fortunato completa: “Temos que pedir a Deus que nos faça sempre ser o cabeça, o chefe da família, chefe da firma.”¹¹⁵ O carneiro é assado no forno, tendo como prato principal “Filé de Carneiro”.

Os marroquinos trouxeram consigo muitas receitas que foram adaptadas à realidade local. Estava entre os alimentos a frijuela parecido com o cascalho regional, mas sem recheio, preparado conforme a receita marroquina. A frijuela é molhada numa calda de açúcar e cravinho e degustado a desejo, na entrada, durante ou no final do jantar. A frijuela, os pães são caseiros e feitos a partir do livro: *Culinária Tradicional Judaica-Marroquina* (BENZECRY, 2014).

Pelas minhas percepções, havia salada no jantar, quis saber se era um rearranjo da culinária local com elementos da culinária judaica. Ana Maria Chocrón explicou: “Não, isso não era salada, é porque ele não rezou, existe uma oração para abóbora, para a cebola, para acelga, os elementos são parecidos e é apenas para representar.”¹¹⁶ “No momento atual a identidade judaica se alimenta quase que exclusivamente na busca de um sentido subjetivo pessoal.” (SORJ, 2008, p. 60). Havia sucos de frutas regionais como complemento ao filé de carneiro, adicionado de arroz, salada, adicionado da irrefutável farofa do Pará. Durante o *Rosh*

¹¹⁴ Arguições de Ana Maria Chocrón, em sua residência em 09 de Setembro 2018, sob a observância de Fabiana Fábio

¹¹⁵ Arguições de Fortunato Chocrón, em sua residência em 09 de Setembro 2018, sob a observância de Fabiana Fábio.

¹¹⁶ Diálogos entre Ana Maria Chocrón, na pesquisa participante, na residência da família Chocrón no Ano Novo Judaico de 5779, em 09 de Setembro de 2018.

Hashaná, muitos diálogos faziam ponte para a próxima festa e as recomendações. Fortunato logo disse:

Dia 18, à noite, na hora do jornal, a partir da dezoito horas suspende água e tudo. No outro dia, quando nascer a primeira estrela, você quebra o jejum com doces e depois vai jantar. Começa a ser fazer com 06 a 07 anos. Meu pai só deixou de fazer quando adquiriu um AVC. Comida do jejum só se come galinha.¹¹⁷

Claude Hamani realça as vivências do *Rosh Hashaná*: “a gente se congratula, inclusive com o Chocrón, o Belicha, deseja ano novo com muita saúde, a gente come maçã com mel, romã. A gente se telefona e acabamos comemorando duas vezes.”¹¹⁸ Os ditos de Claude Hamani refere-se a comemoração do *Rosh Hashaná* dos judeus geralmente em Setembro, como também sociabilizam o ano novo cristão que ocorre a cada final de 365 ou 366.

5.3 No Estreito do Rio Amazonas o Yom Kippur é Celebrado

Dez dias separam o *Rosh Hashaná* do *Yom Kipur*, que nas comunidades judaicas é na verdade o seguimento das essências de uma festa para consagração da outra. Segundo Lemle (1967), *Yom Kipur* é marcado por um jejum por 24 horas, é para um judeu dia de reconciliação, de busca por perdão, retira-se das atividades seculares e volta-se para as necessidades do espírito e da alma. O judeu verifica o seu “eu” com Deus e o jejum o conduz a atingir a finalidade, é um dia sagrado e elevação.

Joffe (2017) acentua que o *Yom Kipur* é dia da reconciliação, ou seja, Dia do Perdão. Quando Deus concedeu aos israelitas o perdão por terem adorado o bezerro de ouro, enquanto Moisés recebia no Monte Sinai as tábuas da lei. Nesse dia, há algumas proibições, como usar sapatos de couro, manusear dinheiro, usar perfumes e maquiagem.

Anunciado há dez dias, às dezenove horas, de 19 de Setembro de 2018, era o momento de quebrar o jejum, o ritual presenciado é similar *Rosh Hashaná*, bem como a ornamentação da mesa, objetos e elementos da quebra do jejum. Entre os diferenciais estavam algumas folhas verdes de limão, que, quando esmagadas e cheiradas, ajudam a passar o enjoo do jejum prolongado, segundo costumes amazônicos.

¹¹⁷ Arguições de Fortunato Chocrón, em sua residência em 09 de Setembro 2018, sob a observância de Fabiana Fábio.

¹¹⁸ Claude Messad Hamani. Entrevista concedida a Fabiana Fábio, na residência da família em Óbidos, em 04 de Novembro de 2018.

O vinho foi colocado na taça sagrada até transbordar, enquanto o judeu disse: “Que Deus nos perdoe por nossas faltas. Que Deus nos ajude a perdoar quem nos ofendeu e aquele a quem nós fizemos o mal também. Deus seja Bendito.”¹¹⁹ Uma atitude de Ana Chocrón parecia ser um sinal de que perdão tem uma relação mútua com o amor. Ela olha o judeu e diz: “Meu filho, ai que maravilha, que possamos juntos comemorar muitos *Yom Kipur*.”¹²⁰ Este discurso faz alusão ao jejum rigoroso e preocupante por Fortunato Chocrón ser uma pessoa idosa e, ainda assim, conseguir seguir as tradições judaicas.

Uma cena se autorrepetiu tanto no *Rosh Hashaná* quanto no *Yom Kipur*, de filhos e netos de Fortunato Chocrón fazerem ligações telefônicas. Pelo teor da conversa, ensinavam saber se o pai/avô tinha feito o jejum, se havia sentido algum mal estar. Ana Maria Chocrón reiterava que o judeu estava bem, arrumado, bonito e com o *quipá*. “Graças a Deus eu não senti nada, nada.”¹²¹ Disse o judeu sentado à cabeceira da mesa, Figura 49.

Figura 49 - Comemoração do Yom Kipur



Fonte: Fábio (2018).

¹¹⁹ Oração feita por Fortunato Chocrón, em sua residência em 19 de Setembro 2018, sob a observância de Fabiana Fábio

¹²⁰ Diálogo de Ana Maria Chocrón, em sua residência em 19 de Setembro 2018, sob a observância de Fabiana Fábio.

¹²¹ Diálogo de Fortunato Chocrón, em sua residência em 19 de Setembro 2018, sob a observância de Fabiana Fábio.

Segundo Oliveira *et al.* (2013) a culinária de um país reflete história, hábitos e costumes de seus cidadãos. Nada mais verdadeiro quando pensamos na comida judaica, que se adaptou às necessidades de seu povo no decorrer da história, a chamada culinária *Kasher*

A dispersão do povo judeu ampliou ou sucumbiu ingredientes da cozinha judaica, agregando-os por onde quer que os judeus passassem. É o que detalha Oliveira et al. (2013, pp. 50-51):

Por outro lado, mesmo aqueles novos hábitos alimentares adquiridos por meio da adaptação a novos lugares, tiveram que se adaptar às leis da *Kashrut* - as leis dietéticas da religião judaica - mais conhecidas como a cozinha *kasher*. De acordo com as leis da alimentação judaica (*Kashrut*), todo alimento apto e apropriado para consumo é considerado *kasher*. O termo *kasher* significa apto, idôneo, e é usado para designar as comidas devidamente preparadas para o consumo dos judeus, e também objetos e pessoas.

Na culinária *Kasher* do *Yom Kipur* na casa de Fortunato obedecem há dispositivos da origem de seus antepassados, os elementos da cultura alimentar judaica marroquina. A quebra do jejum obedece a uma sequência de degustação, tendo como premissa os arranjos religiosos judaicos. Com a exceção do limão, os outros, como salgadinhos, doces, e a calda de cravinho com açúcar, pães, frijuela são feitos a partir da receita de Benzecry (2014).

No *Yom Kipur*, tem-se a “galinha” como elemento principal para elaboração de outros pratos, Figura 50, tendo a “amoronia” como prato mais apreciado por Fortunato. Entre a degustação e as opções do que comer, Fortunato diz: “Em alguns lugares como em Manaus, fazem essa quebra de jejum na sinagoga e aí tem para todo mundo.”¹²²

O vinho também é uma bebida indispensável, vem de Israel, através de empresa em São Paulo que importa, sob a supervisão de um rabino. O Centro Israelita compra e vende para adeptos do judaísmo, porque é um vinho específico para essas festas sagradas.

¹²² Diálogo de Fortunato Chocrón, em sua residência em 19 de Setembro 2018, sob a observância de Fabiana Fábio.

Figura 50 - Amaronia; B: Canja de galinha; C: Galinha desfiada; D: Arroz de miúdos de galinha



Fonte: Fábio (2018).

O jantar começou pela tradicional sopa da galinha que é tradição marroquina, seguido da amaronia que é um prato de berinjela com um quilo de cebola com frango. Fortunato diz que não fica sem comer amaronia, que sua avó sempre fazia para ele quando criança. Os pratos C e D não são da culinária judaica, são feitos para completar o cardápio do jantar. Na sobremesa, retornam os doces, uma torta doce chamada “torta da vovó”, também do livro de receita marroquina. E, nesse momento, o passado é lembrado:

Você imagina essas páscoas, os judeus aqui na Amazônia faziam em qualquer interior, onde estivessem, adaptavam, se não tinha doce disso aqui, eles faziam doce de maxixi e assim iam fazendo adaptação das coisas do interior. Tinha a galinha, o frango, o peixe e faziam tudo o que fosse possível.¹²³

Lins (2002) afirma que, quando faltavam ingredientes da culinária marroquina, eram substituídos por elementos amazônicos, como por exemplo, a ameixa pelo maxixe em calda. São discursos remotos aos pioneiros na Amazônia, que eram desprovidos de condições de celebrar as festas religiosas com os elementos próprios da tradição. No discurso, se vê a história se alimentando da memória, como forma de salvar o passado e expor vestígios no presente e futuro. Por isso, que Le Goff (1990) pensa a memória como um fenômeno social, que pode ser vista como uma seletiva reconstrução do passado, baseada em ações subsequentes, percepções e novos códigos, por meio dos quais delinea-se, simboliza-se e

¹²³ Pesquisa participante em 19 de Outubro de 2018, na casa de Fortunato Chocrón em Óbidos.

classifica-se o mundo à nossa volta. A memória adapta o passado para enriquecer e manipular o presente.

No *Yom Kippur*, Fortunato Chocrón mostra seu *Talit*, guardado dentro do objeto expresso na Figura 51, que ganhara há 38 anos de outro judeu marroquino, Sr. Belicha. Segundo Fortunato Chocrón, o *Talit* é usado na presença de vários judeus, principalmente no *Yom Kipur*. “No *Yom Kipur* nós cobrimos a cabeça, para todos ficaram iguais, somos simples, mas todos tem só uma missão.”¹²⁴

Figura 51 - Talit de Fortunato Chocrón



Fonte: Fábio (2018).

Segundo Sorj (2008) assim como existe judeus que mantêm elementos judaicos como roupas e adereços no dia a dia, há os que, só se expressam em locais comunitários, como sinagogas ou comunidades mais fechadas. Estes subsídios teóricos justificam o discurso do judeu de que o *Talit* é usado apenas na presença de outros judeus e na sinagoga.

¹²⁴ Diálogos entre Fortunato Chocrón e Fabiana Fábio, na pesquisa participante, na residência da família Chocrón no Ano Novo judaico de 5779, em 09 de Setembro de 2018.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A imigração de judeus vindos de Marrocos e Egito no século XX para cidade de Óbidos foi calçada numa robusta dinâmica humana e religiosa. As vicissitudes dos imigrantes estiveram em conexão com as condições vivenciadas em suas pátrias. Casados e solteiros, jovens judeus após percorrerem outros lugares na Amazônia, fincaram raízes na cidade de Óbidos, por mais de um século. Algumas famílias se estruturaram convertendo a história de seus antepassados em campo simbólico de missão idealizadora para o cume de evolução social e relações de poder.

Ao se integrarem na cidade, amealharam de privações em múltiplos aspectos da vida pessoal e social, expresso nas histórias de famílias que foram morar liminarmente em comunidades rurais, como os Elmescany e Hamoy. Mediante as possibilidades de ascensão econômica, migraram para o centro urbano de Óbidos que, no século XX, apresentava-se como oportuno para o comércio de produtos extrativistas, redimensionando as configurações do comércio local. Óbidos era um quadrilátero econômico, tinha grupos de pessoas com capital disposto a investir, matéria-prima exacerbada em vários setores, disponibilidade de mão-de-obra e oxigenação econômica e renda entre a população.

A cultura desses imigrantes, além da etnia, tem, na religião, calços que colaboraram para produzirem mecanismos complexos de organização social e econômica. Traçaram padrões de comportamentos entre os seus e com os sujeitos sociais da cidade, vislumbrando manobras e estratégias nos diferentes papéis exercidos. Visto que, de imigrantes e judeus, se tornaram comerciantes, maçons, obidenses, e que mantinham, nesses papéis, equilíbrio e complemento.

À socialização embrenharam-se de heterogeneidade. Algumas famílias foram mais fechadas que outras. O casamento de judeus com cristãos foi o coeficiente que ponderou a abertura desse arranjo social de forma ressignificada, a ponto que eram obidenses recebendo certas doses de educação judaica, mas, na prática, viviam numa engrenagem social pertinentes à culturalidade da cidade, que era predominantemente católica. Famílias e descendentes de judeus que deixaram a cidade estiveram mais propensos a manterem a tradição judaica, os Elmescany e Hamoy representam essa exceção.

A integralização na sociedade se deu de forma silenciosa e racionalizada. Houve mutualidade entre os judeus, formando uma liga, que fortaleceu e aumentou o comércio em que os donos eram judeus. Salienta-se que no século XX existiam, na cidade, comerciantes de outras nacionalidades como italianos, sírio-libaneses e os portugueses, porém, quando

chegava um judeu na cidade, os mais veteranos ofereciam ajuda, ainda que comercialmente houvesse competição. O centro da cidade, conhecido popularmente como “beira”, era o reduto econômico e social, desejado por muitos e acessado por poucos. Compreendendo aqui o adjetivo “desejo” como parte da autoafirmação dos judeus no tocante às posses de prédios comerciais, a representação da burguesia local.

Chocrón, Hamoy e Belicha foram os judeus que atingiram maiores níveis de mobilidade econômica e social, até no século XXI. Esses judeus emprestaram, além de seus nomes, mais significado econômico a Óbidos. Tendo como amostra duas empresas de beneficiamento de castanha-do-brasil, tidas como referências na região da Calha Norte do Pará. Fruto também de capital humano e de seus conhecimentos empíricos herdados dos pais imigrantes, fator preponderante para a sobrevivência dessas empresas mediante crises financeiras a níveis globais. O fato é que as indústrias Caiba e Mundial continuam, em pleno século XXI, travando uma competição local, regional e com empresas do mesmo setor de outros estados.

Fortunato Chocrón e Claude Hamani representam, nesse mosaico de história e ressignificação, símbolos de resistência de práticas judaicas. Esses judeus endossaram entre si o judaísmo em Óbidos de forma proeminente. Conhecem profundamente a religião e na cidade são conhecidos por esse viés. Aprenderam com seus descendentes as tradições pelo efeito da vida e da morte, envolveram-se em aprendizagens para o ofício, alguns de maneira mais obrigatória do que escolha pessoal.

A consciência religiosa dominou o campo das ideias no tocante aos elementos de rigor religioso, para se estabelecer o que era essencial para que tais práticas não se perdessem. Ainda que os rearranjos simbólicos estivessem em estado mínimo em alguns eventos fúnebres, foi urgencial se apropriar do que o lugar poderia/pode oferecer, ocasionando com o tempo mudanças nos rituais, sem dissolução das essências sensitivas e perceptivas da cultura judaica.

Neste trabalho, o ato de relatar, ouvir e escrever possibilitou a grupos sociais marginalizados a oportunidade de retratar suas realidades sociais, fecundando interpretações como sujeitos históricos que eram silenciados. O traçado possibilitou a abordagem histórica sobre os judeus inobservados nos arranjos da história local, que, pela carga de experiências vivenciadas, reinventaram-se como sujeitos de si mesmos, sem os devaneios da história como povo.

Acredita-se que os vestígios históricos, elucidados pela pesquisa, representam o limiar da luminosidade sobre o escuro, dá voz ao silêncio, do relevo sobre a invisibilidade.

Que a presença judaica passe a compor o terreno histórico e social da cidade; que adentre os espaços educacionais e seus monumentos representem a historicidade embalada por elementos discursivos e questionadores. Assim, poder-se-á motivar novas e densas descobertas sobre os sujeitos estudados.

REFERÊNCIAS

- ADORNO, Theodor. **Educação e Emancipação**. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1995.
- AZEVEDO, Carlos do Amaral. **Dicionário histórico das religiões**. 2.ed. Rio de Janeiro: Lexikon, 2012.
- BARBOSA, Deuziane Vasconcelos. **A presença do judeu em Contos Amazônicos, de Inglês de Sousa**. Arquivo Maaravi: Revista Digital de Estudos Judaicos da UFMG - v. 8, n. 15 (2014) ISSN: 1982-3053.
- BARROS, Marilene Maria Aquino de; BARBOSA, Maria Betânia Albuquerque. **Nos Tempos das Freiras**. EDUEPA. Belém, 2017.
- BENCHIMOL, Samuel. **Eretz Amazônia: Os judeus na Amazônia**. Manaus: Editora Valer, 1998.
- _____. **Primeiro Encontro Brasileiro de Estudos judaicos**. Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 1994.
- _____. **Amazônia – Formação Social e Cultural**. 3 ed. Manaus: Editora Valer, 2009.
- BENCHIMOL, Gimol. **Eu, Gimol**. Rio de Janeiro: 2011.
- BENJAMIN, Walter. **Ensaio sobre literatura e história da cultura**. Obras escolhidas. Vol. 1. Magia e técnica, arte política. São Paulo: Brasiliense, 1987.
- BENZECRY, Helena Obadia. **Culinária tradicional judaico-marroquina: Receitas paraenses segundo preceitos judaicos**. Belém: Paka-Tatu, 2014.
- BLAY, Eva Alterman. **Judeus no Brasil: Os contraditórios e flexíveis caminhos da identidade**. Arquivo Histórico Judaico Brasileiro. Ano VIII Abril 2005: 13-35.
- _____. Judeus na Amazônia. In. SORJ, Bila (org.). **Identidades Judaicas no Brasil Contemporâneo**. Rio de Janeiro. Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, 2008, p. 25-57.
- BLAINEY, Geoffrey. **Uma breve história do mundo**. São Paulo: Editora Fundamento Educacional, 2009.
- BENTES, Abraham Ramiro. **Das ruínas de Jerusalém a verdejante Amazônia**. Rio de Janeiro: Bloch, 1987.
- BOSI, Ecléa. **Memória e Sociedade: Lembranças de velhos**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- BOURDIEU, Pierre. **Les Strategies Matrimoniales dans le Systeme de Reproducion**. In: Annales. Economis Societés. Civilization. N. 27. 1972.
- BURKE, Peter. **A escrita da história: novas perspectivas**. São Paulo: UNESP, 1992.

CERTEAU, Michel de. **A escrita da História**. Tradução de Maria de Lourdes Menezes; revisão de Arno Vogel. 2 ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

CHIZZOTTI, Antônio. **Pesquisa em Ciências humanas e sociais**. 10ª ed. São Paulo: Cortez, 2009. Biblioteca da Educação. Série 1. Escola; v. 16.

DECOL, René Daniel . **In: Revista Brasileira de Ciências Sociais**. Vol. 16. Nº 46/2001.

DENZIN, Norman K.; LINCOLN, Yvonna S. O planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens. In: **O planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens**. 2006.

DERENJI, Jussara Silveira. **Caderno de Arquitetura I Óbidos**. Belém: UFPA, 1987.

FALBEL, Nachman. **David José Perez: uma biografia**. Rio de Janeiro: Garamond, 2005.

FERRARI, Antônio Hugo. **Um homem apaixonado por Óbidos**. 2014.

FEITLER, Bruno. “Gentes” da Nação: judeus e cristãos-novos no Brasil Holandês.

GRINBERG, Keila (org.). **Os judeus no Brasil: inquisição, imigração e identidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005. p. 65-85.

FURTADO, Lurdes Gonçalves. **Pescadores do rio amazonas: Um estudo antropológico da pesca ribeirinha numa área amazônica**. Belém: Museu Paraense Emílio Goeldi, 1993.

GAGNEBIN, Jeanne Marie. **Verdade e memória do passado**. In. Lembrar escrever esquecer. São Paulo: Editora 34, 2009.

GODELIER, Maurice. **Godelier** (Org. Edgar de Assis Carvalho - Col. Grandes Cientistas Sociais). São Paulo: Ática, 1981.

GODOY, Arilda Schmidt. **Introdução à pesquisa qualitativa e suas possibilidades**. In: Revista de administração de Empresas. São Paulo: v.35, n.2, p.57-63, abril de 1995.

GRINBERG, Keila. Judeus, judaísmo e cidadania no Brasil imperial. In GRINBERG, Keila (org.). **Os judeus no Brasil: inquisição, imigração e identidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005. p. 201-218.

GUIMARÃES, Idelfonso. **Os dias recurvos: anatomia de uma rebelião**. 2ª Ed. Belém: Secult, 2002.

HAMOY, Benjamin. **Yontob ia virar sabão**. Belém: Grafinoorte, 2009.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. Tradução de LAURENT LÉON. São Paulo: Editora Vértice, 1990.

HELLER, Reginaldo Jonas. Judeus, Judeus do Eldorado. In GRINBERG, Keila (org.). **Os judeus no Brasil: inquisição, imigração e identidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005. p.201-218.

HENRIQUE, Márcio Couto; MORAIS, Laura Trindade de. Estradas líquidas, comércio sólido: índios e regatões na Amazônia (século XIX). **Revista de História**, n. 171, p. 49-82, 2014.

JOFFE, Lawrence. **A História épica do Povo Judeu**. São Paulo: Editora Ltda, 2017.

JOHNSON, Paul. **História dos Judeus**. Rio de Janeiro: Imago, 1995.

KRAG, Márcia Nágem. **Arranjo Produtivo local da castanha-do-brasil, região da Calha Norte**. Tese de Doutorado em Ciências Agrárias, Universidade Federal Rural da Amazônia/Embrapa, Amazônia oriental 2015.

_____; SANTANA, Antonio Cordeiro de; MARTINS, Cyntia Meireles; VALE, Rodrigo Silva. Análise sistêmica do arranjo produtivo local da castanha-do-brasil na região da Calha Norte, Pará. **Revista de Ciências Agrárias Amazonian Journal of Agricultural and Environmental Sciences**, v. 59, n. 3, p. 243-251, 2016.

LARAIA, Roque Barros. **Cultura: um conceito antropológico**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar editor. 1989.

LE GOFF, Jacques. **Memória e História**. Campinas: Editora da UNICAMP, 1990.

_____. Documento/monumento. In: **Romano**, Ruggiero (Org.). Enciclopédia 1984 Einaudi. Lisboa: Imprensa Nacional. (Memória e História, 1). p.95-106.

LEMLE, Henrique. **O judeu e seu mundo**. Rio de Janeiro: Editora B'nai B'rith, 1967.

LEMOS, Carlos Alberto Cerqueira. **O que é patrimônio Histórico**. 5.ed. São Paulo: Brasiliense, 1987.

LIBERMAN, Maria. **Judeus na Amazônia Brasileira século XIX e XX**. São Paulo, 1989.

LINS, Wagner. **A mão e a luva: judeus marroquinos em Israel e na Amazônia; similaridades e diferenças na construção da identidade**. Tese de Doutorado em Língua Hebraica, Literatura e Cultura Judaica. Departamento de Letras Orientais. Universidade de São Paulo, 2010.

_____. A particular identidade dos judeus na Amazônia. In: BEZERRA NETO, José Maia. & GUZMÁN, Décio de Alencar. (org.). **Terra matura: historiografia & história social na Amazônia**. Belém: Paka-Tatu, 2002, p. 365-377.

MARX, Karl. **O capital. Críticas da economia política**. Edições Avante, 1867.

MARQUES, Karina. **Parintins, entre a capital e a selva, a cidade flutuante**. RE-UNIR, v. 4, nº 2, p. 29-48, 2017.

MARTINS, Gilberto de Andrade. **Estudo de Caso: uma estratégia de pesquisa**. 2 Ed. São Paulo: Atlas, 2008.

MEIHY, José Carlos Sebe B; HOLANDA, Fabiola. **História Oral: como fazer, como pensar**. São Paulo: Editora Contexto, 2007.

MIZRAHI, Rachel. Imigrantes judeus do Oriente Médio e sua inserção em São Paulo e no Rio de Janeiro. In GRINBERG, Keila (org.). **Os judeus no Brasil: inquisição, imigração e identidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005. p. 235-251.

MUSEU DA PESSOA. **História de Fortunato Chocrón** (2010). Disponível em <<http://www.museudapessoa.net/pt/conteudo/historia/uma-vida-em-obidos-44698>>. Acesso em 03 de junho de 2018, às 17h.

SILVA NETO, Nirson Medeiros da. **Quebradeiras e carvoeiros: a transformação do extrativismo de coco babaçu nas terras do Araguaia-Tocantins**. Saarbrücken: Novas edições acadêmicas, 2014.

NOVAES, Túlio Chaves. **Memória estética da injustiça: análise histórica e jurídica**. São Paulo: Humanitas: Fapesp, 2017.

NUNES, Daniela. **Revista de Teoria da História**. Ano 2, Número 5, junho/ 2011 Universidade Federal de Goiás ISSN: 2175-5892.

OLIVEIRA, Walter Pinto. **A revolução Constitucionalista no Baixo Amazonas**. Belém: Paka-Tatu, 2013.

OLIVEIRA, Karlla Karinne Gomes de; PADILHA, Maria do Rosário de Fátima; SHINOHARA, Neide Kazue Sakugawa; Correia, Marcos José. **As Leis Dietéticas da Culinária Judaica. Contextos da Alimentação**-Revista de Comportamento, Cultura e Sociedade, v.1, N2, 2013.

POLLAK, Michael. **Memória, Esquecimento, Silêncio**. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol. 2, n. 3, 1989.

PRIANTE, Dino. Site Óbidos.net. Disponível em: <<http://www.obidos.net.br/index.php/artigos/2505-contribuicao-europeia-no-desenvolvimento-de-obidos>>. Acessado em 17 de junho de 2019, às 15h.

RICHARDSON, Roberto Jarry. **Pesquisa social: métodos e técnicas**. 3ª ed. São Paulo: Atlas, 2014.

SANTOS, Sheila Castro dos; SILVA, Carlandio Alves da; SILVA, Adnilson de Almeida. A desterritorialização do judaísmo: uma migração para Rondônia. **Geographia Opportuno Tempore**, Londrina, v.1, número especial, pp. 216-240, jul./dez. 2014.

SILVEIRA, Éder da Silva. **História Oral e Memória: a construção de um perfil de Historiador-Etnográfico**. Ciência e Conhecimento – revista eletrônica da Ulbra São Jerônimo–VOL. 01, 2007, HISTÓRIA, A.2 1.

SOBEL, I Henry. **O Judeu na década de 80**. São Paulo, Editora: Cultura, 1984.

SORJ, Bernardo. “Sociabilidade brasileira e identidade judaica: as origens de uma cultura não antissemita. Bila (org.). **Identidades Judaicas no Brasil Contemporâneo**. Rio de Janeiro. Centro edelstein de pesquisas sociais, 2008, p. 03-21.

SORJ, Bila. “Conversões e casamentos “mistos”: a produção de novos judeus no Brasil. In. SORJ, Bila (org.). **Identidades Judaicas no Brasil Contemporâneo**. Rio de Janeiro. Centro edelstein de pesquisas sociais, 2008, p. 58-75.

_____. “Normalizando” o povo judeu: a experiência da Jewish Colonization Association no Brasil. In. SORJ, Bila (org.). **Identidades Judaicas no Brasil Contemporâneo**. Rio de Janeiro. Centro edelstein de pesquisas sociais, 2008, p. 25-57.

THOMPSON, Paul. **A voz do passado-História Oral**. 2ª Edição. São Paulo: Paz e Terra, 1998.

_____. **A miséria da teoria de um planetário de erros**. Trad. De Valtencir Dutra. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.

TOLEDANO, Joseph. **La Saga des familles: ies juifs du Maroc et leurs noms**. Editions Stavit, 1983.

VELTMAN, Henrique. **Os hebraicos da Amazônia**. Março/2005. Disponível em: <<http://www.veltman.qn.com>>. Acesso em 20 de Dezembro de 2017, às 20h.

VERÍSSIMO, José. **Estudos amazônicos**. Belém: UFPA, 1970.

VINHAES, Ernesto. **Aventuras de um repórter na Amazônia**. Ed.. Nº 1180: O Globo. Porto Alegre, 1944.

APÊNDICE A – ROTEIRO DE ENTREVISTA



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DO PARÁ
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA PÓS-GRADUAÇÃO E INOVAÇÃO TECNOLÓGICA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA SOCIEDADE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS DA SOCIEDADE
MESTRADO ACADÊMICO EM CIÊNCIAS DA SOCIEDADE**

JUDEUS EM ÓBIDOS-PA: imigração, história e ressignificação

ENTREVISTA

1 IMIGRAÇÃO

- 1.1 Como é seu nome completo, idade? Comente sobre sua descendência judaica.
 - Origem, e de sua família no que concerne à irmãos, avós e bisavós.
- 1.2 Quais as razões de sua vinda para o Brasil? Quem mais veio da sua família para o Brasil e para Óbidos?
- 1.3 No que tangencia as descrições espaciais, relate com detalhes os lugares por onde viveram seus antepassados antes da chegada ao Brasil. E as condições de vida nesses territórios.
- 1.4 Descreva como acontecia os preparativos para a viagem?
 - Documentos
 - Questão financeira
 - Questões familiares
- 1.5 O que faziam assim que chegavam ao Brasil?
- 1.6 Como aconteceu a chegada da sua família em Óbidos? Antes de se destinarem a morar em Óbidos, sua família chegou a viver em outra cidade? (Se sim, citar os motivos e as cidades por onde passaram).
- 1.7 Existe alguma relação da vinda para Óbidos com a deflagração da Segunda Guerra Mundial? Se sim, detalhe essa relação.
- 1.8 Perpassou por sua vida alguma forma de perseguição, mortes de familiares ou qualquer outro aspecto ligado a esse contexto de guerra por ser judeu?
- 1.9 Há um contato com seus parentes no país de seus antepassados? De que maneira? Detalhe esse contato 128

1.9 Sua família está entre as que tinha posse em Marrocos? Qual era essa situação social de sua família.

1.10 Existe outro fator ainda não identificado que forçou a imigração?

2 ENFOQUES CULTURAIS

2.1 O que você define como Cultura Judaica? Como é ser judeu culturalmente?

2.2 Cites os principais aspectos da cultura judaica vividos pela sua família quando já moravam em Óbidos?

2.3 Quais os entraves enfrentados pela sua família na preservação dos aspectos culturais em Óbidos?

3 RELIGIÃO

3.1 Sua família era ou ainda é praticante dos princípios da religião judaica quando chegaram ao Brasil e em Óbidos?

3.2 Relate detalhadamente ao princípios religiosos judaicos praticados pela sua família, os dias sagrados, ritos, obrigações ente outros. Enfatizando:

- *Pessach*-Páscoa
- *Yon Kipur*-Dia do Arrependimento e a busca do perdão, em jejum
- *Rosh Hashana*
- *Shabat*
- *Bar Mitvá*-passagem dos 13 anos de idade
- Circuncisão
- Ritual após a morte

3.3 Como você se sente ser judeu?

3.4 A Mudança para o Brasil influenciou em alguma mudança no que tange aos princípios religiosos?

3.5 Algum momento sua família em Óbidos foram hostilizados pelo fato de serem judeus?

3.6 Recebiam algum tratamento como forma de identificação por ser judeu?

3.7 Relate quais suas lembranças da Sinagoga que chegou a existir em Óbidos?

3.7 Como você descreveria o que acontecia na Sinagoga? Com quem frequência você participava das reuniões?

3.8 Quem era o líder da reunião? Como era conduzido os encontros na sinagoga?

3.9 O que faziam as crianças? Qual o papel da mulheres e do homens?

3.10 Quais os ensinamentos judaicos eram repassados na sinagoga?

3.11 Você recebia educação religiosa judaica também dentro de casa.

4 TRADIÇÃO JUDAICA

4.1 Conte-me a história do cemitério judeu em Óbidos? Por que os judeus tem um cemitério específico?

4.2 Por que é separado do cemitério comum? Existem algum membro da sua família enterrado nesse cemitério?

5 SER JUDEU

5.1 Como era o modo de ser judeu na Amazônia?

- ✓ Roupas
- ✓ Alimentos

5.2 Como foi o “ser” em judeu na Amazônia?

5.3 Havia alguma diferença entre o “viver judeu para os homens e o “viver judeu” para as mulheres?

5.4 Nos anos de vivência em Óbidos, como foi descreveria o “ficar” judeu?

APÊNDICE B – TERMO DE AUTORIZAÇÃO



UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DO PARÁ
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA PÓS-GRADUAÇÃO E INOVAÇÃO TECNOLÓGICA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA SOCIEDADE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS DA SOCIEDADE
MESTRADO ACADÊMICO EM CIÊNCIAS DA SOCIEDADE

TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM E DEPOIMENTOS

Eu _____ CPF _____, RG _____, depois de conhecer e entender os objetivos, procedimentos metodológicos, riscos e benefícios da pesquisa, bem como de estar ciente da necessidade do uso de minha imagem e/ou depoimento gravado ou através de questionário, especificados no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), **AUTORIZO**, através do presente termo, a pesquisadora, **Fabiana Gomes Fábio**, Rg 17432480, CPF 785.070.812.15, residente no município de Óbidos no Pará, autora do projeto de pesquisa intitulado “**JUDEUS EM ÓBIDOS-PA: imigração, história e ressignificação**” a realizar as fotos que se façam necessárias e/ou a colher meu depoimento sem quaisquer ônus financeiros a nenhuma das partes. Ao mesmo tempo, libero a utilização de fotos e/ou depoimentos, documentos pessoais, ou qualquer outra fonte histórica que estejam ligadas à pesquisa citada, para fins científicos e de estudos (livros, artigos, slides e transparências), em favor da pesquisadora da pesquisa, acima especificada,

Óbidos, 28 de Maio de 2018.

 Pesquisador responsável pelo projeto

 Sujeito da Pesquisa